

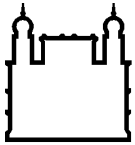
MINISTÉRIO DA SAÚDE
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde

REFLEXÕES SOBRE O ALUNO, O PROFESSOR, A FAMÍLIA E AS
ESTRATÉGIAS DE ENSINO NO CONTEXTO DAS ALTAS
HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO

JULIANA ANTUNES PESSANHA

Rio de Janeiro
Outubro de 2021



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Biociências e Saúde

JULIANA ANTUNES PESSANHA

REFLEXÕES SOBRE O ALUNO, O PROFESSOR, A FAMÍLIA E AS
ESTRATÉGIAS DE ENSINO NO CONTEXTO DAS
ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO

Tese apresentada ao Instituto Oswaldo Cruz
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Doutora em Ensino em Biociências e
Saúde.

Orientador (es): Prof. Dra. Cristina Maria Carvalho Delou
Prof. Dra. Helena Carla Castro

RIO DE JANEIRO

Outubro de 2021

Pessanha, Juliana Antunes.

Reflexões sobre o aluno, o professor, a família e as estratégias de ensino no contexto das Altas Habilidades ou Superdotação / Juliana Antunes Pessanha. - Rio de Janeiro, 2021.

146 f.

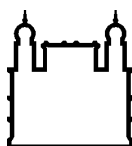
Tese (Doutorado) - Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde, 2021.

Orientadora: Cristina Maria Carvalho Delou.

Co-orientadora: Helena Carla Castro.

Bibliografia: f. 127-133

1. Altas Habilidades ou Superdotação. 2. Educação. 3. Família. 4. Aluno. 5. Professor. I. Título.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Programa Stricto Sensu em Ensino em Biociências e Saúde

Juliana Antunes Pessanha

REFLEXÕES SOBRE O ALUNO, O PROFESSOR, A FAMÍLIA E AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO NO CONTEXTO DAS ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO

ORIENTADOR (ES): Prof^a. Dra. Cristina Maria Carvalho Delou
Prof^a. Dra. Helena Carla Castro

Aprovada em: 04/10/2021.

EXAMINADORES:

Rosane Moreira Silva de Meirelles (Fiocruz)

Ediclea Mascarenhas Fernandes (UERJ)

Kelling Cabral Souto (UFF / IFRJ)

Rio de Janeiro
Outubro de 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de crescer como profissional fazendo Doutorado nesta Instituição tão essencial na área de pesquisas no Brasil.

Agradeço a Deus pelo meu filho Rafael, que sempre será minha maior motivação para estudar e ser melhor como ser humano e profissional.

Agradeço a minha família por não me deixar desistir mesmo diante de tantos desafios, tristezas e lutas durante a jornada do Doutorado.

Agradeço ao meu marido Égon todo apoio, carinho, motivação, compreensão em todos os momentos da minha caminhada acadêmica.

Agradeço aos meus amigos a força e compreensão nos momentos de ausência.

Agradeço aos professores o conhecimento compartilhado, aos coordenadores, à direção do programa e aos funcionários, em especial, Isac Macêdo, por todo apoio e suporte em todas as questões burocráticas relacionadas ao Programa em Ensino em Biociências e Saúde – IOC – Fiocruz.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ pelo auxílio financeiro oferecido com a **Bolsa Brasil Sem Miséria** e a **Bolsa FAPERJ - Nota 10**, respectivamente.

Agradeço às orientadoras Dra. Cristina Maria Carvalho Delou e Dra. Helena Carla Castro por todo aprendizado, apoio, dedicação, confiança e paciência.

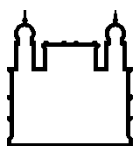
Agradeço às professoras Carolina Nascimento Spiegel e Simone Souza Monteiro que aceitaram o convite para fazer parte da banca do Seminário Discente de Acompanhamento de projetos.

Agradeço às professoras Michele Waltz Comarú (IOC-Fiocruz), Ediclea Mascarenhas Fernandes (UERJ) e Viviane de Oliveira Freitas Lione (UFRJ) que aceitaram o convite para fazer parte da Banca de Qualificação.

Agradeço ao professor Júlio Vianna Barbosa (Fiocruz) pela revisão e contribuições.

Agradeço aos professores Rosane Moreira Silva de Meirelles (Fiocruz), Ediclea Mascarenhas Fernandes (UERJ), Kelling Cabral Souto (UFF / IFRJ) que aceitaram o convite para Defesa.

Aos colegas de turma, por toda amizade e aprendizado compartilhado.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

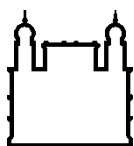
REFLEXÕES SOBRE O ALUNO, O PROFESSOR, A FAMÍLIA E AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO NO CONTEXTO DAS ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO

RESUMO

TESE DE DOUTORADO EM ENSINO EM BIOCÊNCIAS E SAÚDE

Juliana Antunes Pessanha

A perda de alunos com altas habilidades ou superdotação (AH/SD) por evasão escolar ou por distúrbios comportamentais devido ao não atendimento de suas necessidades especiais impactam as áreas educacional, familiar, social e emocional. As habilidades e competências, além da criatividade intrínseca a quem possui AH/SD podem contribuir de maneira ímpar para o desenvolvimento da ciência e da sociedade no uso de novas tecnologias, além de propiciar o progresso educacional influenciando o bem-estar e a qualidade de vida com reflexos nas competências socioemocionais de alunos com AH/SD. O objetivo geral deste estudo foi tecer reflexões teóricas sobre os alunos com AH/SD a partir da produção e categorização de textos de divulgação científica sobre o tema. Assim, foram produzidos nove textos de divulgação científica (TDC) a partir de uma pesquisa bibliográfica do estudo que compreendeu o estado do conhecimento sobre AH/SD no período de 1971 a 2013, além de relatos de casos. Os TDCs foram submetidos para apresentação em eventos científicos na área das AH/SD e publicados em anais de eventos ou como capítulos de livros. Esses textos foram então agrupados nas classes pré-estabelecidas por tematização, seguindo uma metodologia adaptada a partir das proposições de tematização de Fontoura e Bardin. A partir da análise do contexto de cada um desses textos produzidos, os resultados mostraram que foi possível não só categorizar os textos científicos em quatro temas classificadores, a saber: Ser, Professor, Ensino e Família, mas também gerar uma discussão, a partir do agrupamento dos TDCs, que ressaltou o quanto o processo de reconstrução das relações socioemocionais e afetivas demandam a integração dos alunos, suas famílias, os terapeutas, além dos profissionais das escolas. As reflexões tecidas ressaltaram que: a) a formação dos profissionais das escolas não pode mais ser ignorada e tem que ser cuidada, preferencialmente desde o início de sua formação (calouros), para que os alunos com AH/SD sejam identificados e atendidos em suas singularidades de aprendizagem com competência e qualidade; b) as estratégias envolvendo a abordagem do Ensino de Ciências com os alunos com AH/SD precisam ser mais interessantes, transformando alunos com AH/SD em protagonistas no processo de aprender, buscando conhecimento através de experiências vividas, o que pode evidenciar uma vocação científica; e c) o professor deve exercer o papel de mediador do conhecimento que reconhece a necessidade da parceria entre os pais e a escola, permitindo o desenvolvimento pleno não só das capacidades acadêmicas, mas também das habilidades socioemocionais dos alunos AH/SD. De modo geral, o nosso estudo permitiu tecer também importantes reflexões sobre a necessidade do(a): a) atendimento educacional focado nas relações socioemocionais e afetivas do aluno com AH/SD; b) formação docente inicial e continuada em AH/SD; c) desenvolvimento de estratégias de ensino para alunos com AH/SD; e d) apoio aos pais de alunos com AH/SD, tanto na perspectiva do ensino-aprendizagem como, também, socioemocional.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

REFLECTIONS ON THE STUDENT, THE TEACHER, THE FAMILY AND THE TEACHING STRATEGIES IN THE CONTEXT OF HIGH SKILLS OR GIFTED

ABSTRACT

DOCTORAL THESIS IN TEACHING OF BIOSCIENCES AND HEALTH

Juliana Antunes Pessanha

The loss of students with high abilities or giftedness (AH/SD) due to school dropout or behavioural disorders due to not meeting their special needs impacts the educational, family, social and emotional areas. The skills and competences, in addition to the intrinsic creativity of those who have AH/SD can contribute in a unique way to the development of science and society in the use of new technologies, in addition to providing educational progress influencing well-being and quality of life with reflections on the socio-emotional skills of students with AH/SD. The general objective of this study was to weave theoretical reflections on students with AH/SD from the production and categorization of scientific popularization texts on the subject. Thus, nine scientific popularization texts (TDC) were produced based on bibliographic research of the study, which included the state of knowledge about AH/SD in the period 1971-2013, in addition to case reports. The TDCs were submitted for presentation at scientific events in the field of AH/SD and published in event proceedings or as book chapters. These texts were then grouped into pre-established classes by thematization, following a methodology adapted from Fontoura and Bardin's thematization propositions. From the analysis of the context of each of these texts produced, the results showed that it was possible not only to categorize scientific texts into four classifying themes, namely: Being, Teacher, Teaching and Family, but also to generate a discussion, based on the grouping of DCDs, which highlighted how much the process of rebuilding socio-emotional and affective relationships demand the integration of students, their families, therapists, in addition to school professionals. The reflections made highlighted that: a) the training of professionals in schools can no longer be ignored and must be taken care of, preferably from the beginning of their training (freshmen), so that students with AH/SD are identified and attended to in their singularities of learning with competence and quality; b) the strategies involving the approach of Science Teaching with students with AH/SD need to be more interesting, transforming students with AH/SD into protagonists in the learning process, seeking knowledge through lived experiences, which can demonstrate a scientific vocation ; and c) the teacher must play the role of mediator of knowledge that recognizes the need for partnership between parents and the school, allowing the full development not only of academic abilities, but also of the socio-emotional skills of AH/SD students. In general, our study also allowed us to make important reflections on the need for: a) educational assistance focused on the socio-emotional and affective relationships of the student with AH/SD; b) initial and continuing teacher training in AH/SD; c) development of teaching strategies for students with AH/SD; and d) support for parents of students with AH/SD, both from a teaching-learning and socio-emotional perspective.

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
1- INTRODUÇÃO	
Conceitos de AH/SD.....	1
Altas Habilidades e Superdotação: Breve histórico na legislação brasileira.....	3
O Ser AH/SD: Relações Intra e Interpessoais.....	8
O Professor e a Formação Docente.....	10
Ensino e Estratégias educacionais.....	13
A Família e a relação dos pais com AH/SD.....	15
2- OBJETIVOS	
Objetivo Geral.....	19
Objetivos Específicos.....	19
3- MATERIAL E MÉTODOS	
Construção de textos envolvendo o tema Alunos com AH/SD, no formato de textos científicos e capítulos de livros.....	20
Classificação e análise dos textos produzidos considerando diferentes categorias do AH/SD (o ser, o professor, o ensino e a família).....	21
4- RESULTADOS E DISCUSSÃO	
Construção e classificação dos textos envolvendo o tema Alunos com AH/SD.....	23
Análise reflexiva e integradora dos TDCs com identificação de possíveis abordagens e reflexões educacionais.....	25
Perguntas e referências de cada texto da categoria SER.....	26
Texto de Divulgação Científica 1: Projeto Chão de Fábrica/CETAH.....	27
Texto de Divulgação Científica 2: A construção das relações emocionais e afetivas no CETAH - Niterói - RJ.....	32
Reflexões sobre o Ser: As relações intra e interpessoais do aluno com AH/SD.....	39
Perguntas e referências de cada Texto de Divulgação Científica da categoria <i>Professor</i>	40
Texto de Divulgação Científica 3: Processo de Inclusão no Ensino Regular: Legislação e Fundamentação.....	41
Texto de Divulgação Científica 4: Formação de Professores em Altas Habilidades ou Superdotação: A experiência de Juiz de Fora – MG.....	48
Texto de Divulgação Científica 5: Formação de Professores para Identificação de Alunos com Altas Habilidades na Sala de Aula: Estudo de caso.....	55
Reflexões sobre As Altas Habilidades e Formação Docente.....	61
Perguntas e referências de cada Texto de Divulgação Científica da categoria <i>Ensino</i>	63
Texto de Divulgação Científica 6: O Ensino de Ciências para Alunos com Altas Habilidades ou Superdotação no CETAH – Niterói – RJ.....	64
Texto de Divulgação Científica 7: As altas habilidades ou superdotação no ensino superior: possibilidades e avanços no Brasil.....	74
Reflexões sobre As Altas Habilidades e as Estratégias de Ensino.....	96
Perguntas e referências de cada Texto de Divulgação Científica da categoria <i>Pais</i>	98
Texto de Divulgação Científica 8: Curso de Verão na Universidade Federal Fluminense: compartilhando experiências com pais de alunos superdotados.....	99
Texto de Divulgação Científica 9: Alunos com Altas Habilidades e Sentimentos dos Familiares: A Experiência do CETAH (Niterói - RJ).....	111
Reflexões finais sobre as Altas Habilidades e os pais.....	122
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
6- REFERÊNCIAS	127

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ASPAT/CEDET	Centro para Desenvolvimento do Potencial e Talento / Associação de Pais e Amigos para Apoio ao Talento
AEE	Atendimento Educacional Especializado
AH/SD	Altas Habilidades ou Superdotação
CENESP	Centro Nacional de Educação Especial
CETAH	Centro de Enriquecimento de Talentos e Altas Habilidades
CMPDI – UFF	Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão - UFF
CNE	Conselho Nacional de Educação
CONBRASD	Conselho Brasileiro para Superdotação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EREBIO	Encontro Regional de Ensino de Biologia
FAPERJ	Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
NAAH/S	Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação
PAAAH/SD	Programa de Atendimento a Alunos com Altas Habilidades/Superdotação
PIBITI	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação
PDE	Plano de Desenvolvimento da Escola
PNE	Plano Nacional de Educação
STEAM	Science, Technology, Engineering, Arts e Mathematics
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco
UFF	Universidade Federal Fluminense
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

ÍNDICE DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

FIGURAS:

Figura 1: Modelo dos três anéis de Joseph Renzulli, 1997.....	2
---	---

QUADROS:

Quadro 1: Características da Superdotação e Possíveis Problemas.....	9
Quadro 2: Atividade com as famílias.....	17
Quadro 3: As categorias e suas palavras ou temas relacionados.....	22
Quadro 4: Listagem dos nove textos científicos construídos a partir dos questionamentos, eventos e convites de publicação.....	24
Quadro 5: Classificação temática dos textos construídos, envolvendo as diferentes categorias da AH/SD, a saber: o ser, a família, o professor e o ensino.....	25

TABELAS:

Tabela 1: Opinião dos estudantes sobre a informação da temática talento/ superdotação recebida durante a graduação.....	11
---	----

Breve apresentação da autora

Toda minha vida acadêmica aconteceu na escola pública, desde a Classe de Alfabetização até o doutorado. Passei pela educação no município do Rio de Janeiro, ensino médio pela rede de ensino estadual e federal. No ensino superior, continuei o ciclo e cursei pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, de 2005 até 2009.

Durante meu curso de graduação, fui bolsista de Iniciação Científica da Prof. Dra. Célia Linhares, com quem tenho amizade até hoje, e estudei nesta pesquisa sobre os Movimentos Instituintes na Educação. Apesar desses estudos da Iniciação Científica, quando conheci a Educação Especial no 8º período, me senti muito instigada a escrever sobre esse tema na minha monografia. A pesquisa da Monografia se tratava de Atendimento Educacional Especializado em Altas Habilidades. Conheci algumas instituições que realizavam esse atendimento e tive a oportunidade de acompanhar, durante alguns meses um aluno que aqui chamarei de “A”. Daí surgiu minha pergunta: *Mas, afinal, quem são esses alunos com AH/SD?*

Segundo Renzulli, o aluno com AH/SD possui características como: habilidade acima da média em alguma área do conhecimento; envolvimento com a tarefa; e criatividade (RENZULLI, 1986).

De acordo com a legislação brasileira, os alunos com AH/SD são *aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade* (BRASIL, 2009) e *ainda com grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes* (BRASIL, 2001). Este é o conceito que pretendo utilizar ao longo da tese, sem deixar de citar outros existentes. Ao falar desses alunos, optamos por utilizar sempre a sigla AH/SD.

O aluno A tinha 14 anos, foi avaliado pela professora Dra. Cristina Delou e diante do interesse dele na área de Física, foi encaminhado para um atendimento especializado com atividades no Instituto de Física, uma vez na semana, com encontros com um professor da área de interesse de “A”. Eles falavam sobre questões da Física, conversaram sobre diversos assuntos dentro desse tema e o professor comentava comigo sobre o nível das conversas e que nem mesmo os

alunos da graduação tinham questões de tanta complexidade. O professor oferecia livros e outros materiais semanalmente para que “A” pudesse levar para casa para fazer questões e estudar alguns assuntos, para discutirem na semana seguinte. Meu contato com Altas Habilidades começou a ser aprofundado neste momento.

Essa situação que vivenciei com “A” despertou em mim um sentimento que me motivou a continuar. No último encontro que tivemos, “A” me deu um forte abraço, que nunca tinha acontecido. Foi como um agradecimento por ter acompanhado ele naquela oportunidade que teve de mostrar o que sabia, sem vergonha, sem medo de ser mal interpretado, de sofrer Bullying, pois estava diante de pessoas que acreditavam na sua capacidade acadêmica.

Formei-me em 2009 e em 2013 fui aprovada na primeira turma do Mestrado em Diversidade e Inclusão, com a proposta de realizar um curso semipresencial para professores do Município do Rio de Janeiro. Durante o mestrado, fui orientada pelo professor Dr. Leandro Silva Almeida, Professor Catedrático do Instituto de Educação da Universidade do Minho, que era um dos professores do Curso de Mestrado.

Quando estava no final do Mestrado, minha orientadora Professora Dra. Cristina Delou me falou sobre a seleção da Fiocruz. Fiz a prova, e ainda que não acreditasse que seria capaz, consegui passar. Apesar de todos os contratempos pessoais que tive durante o doutorado, incluindo não só a pandemia, mas a maternidade, o luto e o desafio de terminar essa fase da minha vida acadêmica, chegamos a este documento que aqui apresento com a humildade de quem ainda tem o que aprender.

É importante ressaltar alguns pontos sobre esse documento:

- a) As seções “Introdução” e “Metodologia” possuem a característica de brevidade para evitar repetição de informações, considerando que houve a produção de textos científicos de divulgação (TDCs), que estão incluídos nessa tese, no estilo de revisões.
- b) Nos últimos dois anos (2020 e 2021), verificou-se que a discussão sobre racismo se estendeu para a área de AH/SD, mas este tema não foi enfoque neste trabalho.

O ponto mais importante com relação a este documento é ter a missão de contribuir para uma visão mais plena e completa do ser com AH/SD, não apenas pelos profissionais que o atendem, mas também por seus familiares, a partir de reflexões tecidas a luz da nossa produção textual e de sua categorização apontando aspectos importantes dentro desse contexto. Assim, acreditando na fala de Rita Von Hunt, que diz “*Se as vozes que você tem ouvido não te contemplam, talvez o que falte seja a sua voz*”, produzimos e analisamos textos de divulgação científica, no sentido de tecer reflexões que possam contribuir com esse contexto de um público ainda esquecido e invisibilizado, como ainda são os alunos com AH/SD, pela sociedade, inclusive a escolar e acadêmica.

1- INTRODUÇÃO

Conceito de AH/SD

A primeira vez em que os alunos superdotados foram citados na legislação educacional, tendo um conceito teórico e uma política pública de Educação Especial associados pode ser observada no ano de 1971.

A política traçada em 1971 definiu os princípios doutrinários da Educação Especial para os alunos superdotados, a partir do conceito que considerava crianças superdotadas e talentosas as que apresentassem notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral; aptidão acadêmica específica; pensamento criador ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes visuais, dramáticas e musicais; capacidade psicomotora. (BRASIL, 1976, p. 2; NOVAES, 1979, p. 31 apud DELOU, 2007, p. 29)

O conceito de AH/SD utilizado em 1986, na portaria nº 69, de 28 de agosto, em seu artigo 3º, nos coloca que:

Superdotados: educandos que apresentam notável desempenho e/ou elevada potencialidade nos seguintes aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual, aptidão acadêmica, pensamento criador, capacidade de liderança, talento especial para artes, habilidades psicomotoras, necessitando atendimento educacional especializado (BRASIL, 1986).

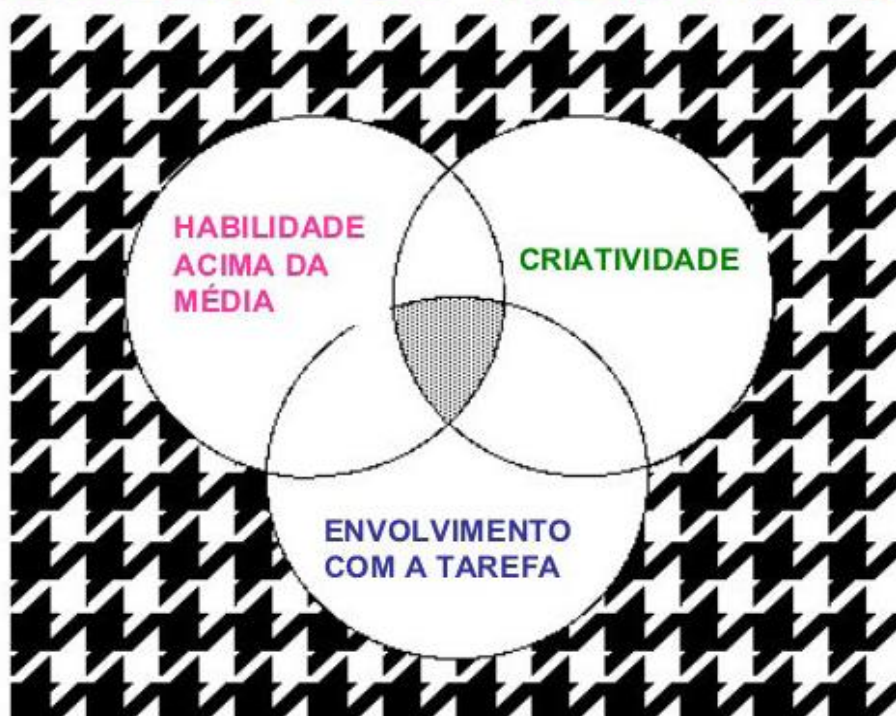
Em 1994, a definição foi um pouco modificada ao incluir o termo “altas habilidades”, além da alteração do termo “crianças” por “educandos” e excluindo o termo “talentosas”. Essas mudanças ocorreram no documento “Subsídios para Organização e Funcionamento de Serviços de Educação Especial – Área de Altas Habilidades”, ficando o texto da seguinte forma:

Portadores de altas habilidades/superdotados são os educandos que apresentam notável desempenho e elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual superior; aptidão acadêmica específica; pensamento criativo ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes e capacidade psicomotora. (p. 17)

Outro conceito muito utilizado na área de AH/SD é o Modelo dos Três Anéis de Renzulli, que abrange três características: habilidades acima da média, envolvimento com a tarefa e criatividade. (RENZULLI, 1986). Este é o conceito mencionado na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008). No conceito de 2008, o texto combina um pouco os conceitos do documento de 1994 com o de Renzulli:

Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (BRASIL, 2008, p.15).

MODELO DOS TRÊS ANEIS



Renzulli, J. S. (1997). The Schoolwide Enrichment Model . CLP.

Figura 1: Modelo dos três anéis de Joseph Renzulli, 1997.

Em 2011, no decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011, o termo altas habilidades/superdotação foi alterado por altas habilidades ou superdotação. Neste decreto não existe mudança conceitual, só de categoria. Há substituição da barra pela conjunção alternativa ou. Essa denominação veio para LDB em 2013, mantendo-se até hoje o termo desta forma, com o conceito de 2008.

Outros termos utilizados no contexto da Superdotação

Precoce

São crianças que demonstram uma habilidade desenvolvida de forma antecipada para outras crianças da mesma idade, em alguma área do conhecimento, como por exemplo, artes, esporte, linguagem. (VIRGOLIM, 2007)

Prodígio

Criança que apresenta um alto desempenho, no nível de um profissional adulto, em alguma área cognitiva, por exemplo, Mozart no campo da música. (FELDMAN, 1991; MORELOCK E FELDMAN, 2000).

Gênio

Em 1926 esse termo se tornou popular com o livro escrito por Lewis Terman, *Genetic Studies of Genius*, que colocava como gênio crianças com um QI (Quociente de Inteligência) superior a 140. Já os pesquisadores da atualidade acreditam que o ideal é que esse termo seja somente para aquelas pessoas que deram uma contribuição original para a humanidade em algum momento. *“Os gênios são os grandes realizadores da humanidade, cujo conhecimento e capacidades nos parecem sem limite, incrivelmente excepcionais e únicas. São raras as pessoas que atingem patamares excepcionais.”* (VIRGOLIM, 2007).

Altas Habilidades e Superdotação: Breve histórico na legislação brasileira

A educação dos alunos superdotados no Brasil tem como característica a contradição entre a continuidade e a descontinuidade de iniciativas governamentais e não governamentais desde 1924, quando ocorreram as primeiras validações de testes de inteligência americanos em Recife e no antigo Distrito Federal. Em 1929, a Reforma do Ensino Primário, Profissional e Normal do Estado do Rio de Janeiro, previu o atendimento educacional dos super-normais (nomenclatura utilizada na época), sendo a primeira vez na legislação brasileira em que se registrou atenção ao aluno com AH/SD. (ALENCAR, 2001).

Os primeiros registros no Brasil sobre Superdotação foram de Leoni Kaseff, com o livro “A educação dos supernormaes” publicado em 1931. Leoni era Assistente Técnico da Universidade do Rio de Janeiro e catedrático do Liceu Nilo Peçanha, em Niterói. Além desse, também aconteceu a publicação de dois livros de Estevão Pinto, que era professor da Escola Normal de Pernambuco, em Recife. Em 1932, houve a publicação do livro “O dever do estado relativamente à assistência aos mais capazes” e, em 1933, “Problema da educação dos bem-dotados”. A preocupação destes autores fundamentou-se em apresentar um plano de trabalho para a organização e orientação da seleção das inteligências supernormais nas escolas primárias fluminenses (KASEFF, 1931) e identificar e analisar os preconceitos com relação a esta modalidade educacional e apresentar os resultados obtidos nas experiências desenvolvidas em Recife (PINTO, 1933).

Em 1929, Helena Antipoff chega ao Brasil, com influência na criação e institucionalização da Educação Especial, segundo o modelo médico-pedagógico russo. Em 1945, foi criado o primeiro atendimento educacional especializado às pessoas com superdotação na Sociedade Pestalozzi, reunindo pequenos grupos de crianças com potencial superior para realizar estudos sobre literatura, teatro e música.

Na LDB de 1961, os superdotados faziam parte do grupo da educação de excepcionais no título X, nos artigos que seguem abaixo:

Art. 88. A educação de excepcionais, deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade.

Art. 89. Toda iniciativa privada considerada eficiente pelos conselhos estaduais de educação, e relativa à educação de excepcionais, receberá dos poderes públicos tratamento especial mediante bolsas de estudo, empréstimos e subvenções.

Em 1962, Antipoff começou a reunir adolescentes superdotados no meio rural, na Fazenda do Rosário, no município de Ibitaré, Minas Gerais. Em 1971, Helena apresentou o trabalho “O problema do bem-dotado no meio rural”, no I Seminário Nacional sobre Superdotados promovido pelo MEC.

Na lei 5.692, de 11 de agosto de 1971 (Lei de Diretrizes e Bases - LDB), em seu 9º artigo, dizia que os alunos que apresentem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deveriam receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação.

No ano de 1973, criaram no MEC, o Centro Nacional de Educação Especial – CENESP, responsável pela gerência de educação especial no Brasil, que, sob a ideia integracionista, impulsionou ações educacionais voltadas às pessoas com deficiência e às pessoas com superdotação; ainda configuradas por campanhas assistenciais e ações isoladas do Estado. O CENESP tinha como diretora geral a psicóloga Dra. Sarah Couto Cesar até 1989; e a Dra. Maria Helena Novaes, como psicóloga responsável pela implantação do atendimento aos superdotados no Brasil.

Na LDB de 1996 (LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996), os superdotados são citados no artigo 59, inciso II:

Art. 59 . Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II – terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

Em 2001, o Plano Nacional de Educação – PNE (Lei nº 10.172/2001), destaca que “o grande avanço que a década da educação deveria produzir seria a construção de uma escola inclusiva que garanta o atendimento à diversidade humana”. Ao estabelecer objetivos e metas para que os sistemas de ensino favoreçam o atendimento aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, aponta um déficit referente à oferta de matrículas para estudantes com deficiência nas classes comuns do ensino regular, à formação docente, à acessibilidade física e ao atendimento educacional especializado.

Na perspectiva da educação inclusiva, a Resolução CNE/CP nº 1/2002, que estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, definiu que as instituições de ensino superior deveriam prever, em sua organização curricular, formação docente voltada para a atenção à diversidade e que contemplasse conhecimentos sobre as especificidades dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Em 2003, é criado o Conselho Brasileiro para Superdotação (CONBRASD), uma ONG (Organização Não Governamental) que agrega instituições, pesquisadores e pais interessados na área.

Em 2005, aconteceu a implantação dos Núcleos de Atividade das Altas Habilidades ou Superdotação – NAAH/S em todos os estados e no Distrito Federal. Esses núcleos são centros de referência para o atendimento educacional especializado aos alunos com altas habilidades ou superdotação, para orientação às famílias e para formação continuada aos professores, com o intuito de garantir esse atendimento aos alunos da rede pública de ensino.

Para a implementação do PDE, foi publicado o Decreto nº 6.094/2007, que estabeleceu nas diretrizes do Compromisso Todos pela Educação, a garantia do acesso e permanência no ensino regular e o atendimento aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação, fortalecendo seu ingresso nas escolas públicas.

Na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), foi definido seu público-alvo: os alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação.

Com relação às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o inciso VII, do § 1º, do artigo 8º, da Resolução CNE/CEB nº 05/2009, especifica que as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deveriam prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurassem a acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos e instruções para as crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

O caráter não substitutivo e transversal da educação especial é ratificado pela Resolução CNE/CEB nº 04/2010, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e preconiza em seu artigo 29:

Os sistemas de ensino devem matricular os estudantes com deficiência transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado – AEE, complementar ou suplementar à escolarização, ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de AEE da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos.

De acordo com o artigo 41 da Resolução CNE/CEB nº 7/2010, que fixou Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, o projeto político-pedagógico da escola e o regimento escolar, amparados na legislação vigente, deveriam contemplar a melhoria das condições de acesso e de permanência dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação nas classes comuns do ensino regular, intensificando o processo de inclusão nas escolas públicas e privadas, buscando, portanto, a universalização do atendimento às necessidades específicas apresentadas.

O Decreto nº 7.611/ 2011 instituiu a política pública de financiamento no âmbito do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB, estabelecendo o duplo cômputo das matrículas dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 (lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), em seu artigo 4, com nova redação dada pela Lei nº 12.796, em 2013 coloca:

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

(...)

III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino.

No capítulo de Educação Especial, da LDB de 1996, em seu artigo 58, com Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013, diz que “entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.”

Já no artigo 59, com redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013, traz que:

os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação:

(...)

II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

O Plano Nacional de Educação (2014/2024), em sua meta 4, sobre Educação Especial, coloca a missão de universalizar, para a população de 04 a 17 anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados.

O Ser AH/SD: Relações Intra e Interpessoais

De acordo com a literatura (DAVIS; RIMM, 1994), percebemos que os alunos com AH/SD são seres que possuem características específicas, tais como: dificuldades na socialização; dificuldade em receber críticas; não conformismo e resistência a comandos; recusa em fazer tarefas repetitivas; perfil competitivo; emoções intensas; preocupações com questões éticas e estéticas; ansiedade; persistência; autoconsciência alta.

Guimarães e Ourofino (2007), no mesmo texto, ainda trazem mais algumas características das relações sociais dos alunos com AH/SD, incluindo:

Dificuldade de relacionamento com colegas de mesma idade que não compartilham dos mesmos interesses; Perfeccionismo; Vulnerabilidade a críticas dos outros e de si mesmo; Problemas de conduta (por exemplo, indisciplina), especialmente durante a realização de tarefas pouco desafiadoras; Grande empatia em relação ao outro como resultado de sua sensibilidade exacerbada; Interesse por problemas filosóficos, morais, políticos e sociais; Tédio em relação às atividades curriculares regulares; Tendência a questionar regras. (p. 49)

Dentro desta temática das relações sociais, consideramos importante compartilhar o quadro 1 relacionando algumas dessas características dos alunos com AH/SD com os possíveis problemas que conseqüentemente podem apresentar (PARDO; FERNANDES, 2002, p. 126).

Quadro 1: Características da Superdotação e Possíveis Problemas.

Características da Superdotação e Possíveis Problemas
Perfeccionismo: expectativas pouco realistas e muitas horas de trabalho com baixa produtividade.
Hipersensibilidade do sistema nervoso: hiperatividade e distração que levam a déficits de atenção.
Iniciativa e autossuficiência: tendência em dominar as discussões e atividades.
Poder de concentração e comportamento dirigido para metas: resistência a interrupções e obstinação.
Avançadas estratégias de análise e resolução de problemas, percepção de relações complexas entre ideias e fatos: impaciência com os detalhes, resistência com a rotina.
Originalidade e criatividade: pensamento divergente, a percepção dos pares quanto a esses aspectos provocam a discriminação e sentimentos de inconformismo.
Aprendizagem eficiente, boa memória, extensa base de conhecimentos e capacidade de observação: desenvolvimento de hábitos improdutivos de trabalho, pouca dedicação e interesse pela busca de novas estratégias de resolução de problemas e baixo rendimento acadêmico.
Independência e inconformismo: repulsa por uma estrutura rígida de aula, rebeldia e oposição às pressões sociais dos adultos, incompreensão por parte de pais, educadores e pares.
Grande senso de humor: podem revelar-se indivíduos sarcásticos e ofender aos que os rodeiam.

Fonte: Pardo e Fernández (2002).

Em um estudo mais recente, publicado em 2020 (CUNHA; RONDINI, 2020), sobre as queixas escolares dos alunos com AH/SD para seus pais/responsáveis, podemos ver que as palavras que mais apareceram na pesquisa foram “comportamento”, “indisciplina” e “dificuldades”. Além dessas, também apareceram as palavras “notas”, “escola” e “conteúdo”. Percebe-se neste estudo que as queixas são em relação ao comportamento inadequado, problemas com a interação social com os colegas de sala, conversa e baixo rendimento acadêmico. Segundo relato desses pais, os professores não têm olhar diferenciado para esses alunos, acham que o aluno é um concorrente, que quer saber mais que eles, ignorando as características deste ser que necessita de uma atenção especial quanto ao ensino acadêmico. Os autores perceberam que

Os resultados indicam que as mães associaram as queixas escolares do(a)s filho(a)s com a presença de características associadas às AH/SD. Alguns professores também não possuíam olhar diferenciado para esses estudantes (...), nem lhes ofereciam situações desafiadoras, estímulos e atividades diversificadas no ambiente escolar; com isso, a desmotivação se instalava em sala de aula. (p. 6)

Em um estudo sobre habilidades, características pessoais, interesses e estilos de aprendizagem de adolescentes talentosos, as autoras Chagas e Fleith (2010) também sinalizam sobre a importância e:

(...) a necessidade de serem amplamente planejadas e empregadas atividades que visem ao desenvolvimento de habilidades sociais nas escolas, principalmente, nos programas que atendem adolescentes talentosos. Várias atividades devem ser planejadas de forma sistemática tendo em vista auxiliar: (a) no fortalecimento e na construção de autoimagem, autoestima e autoconceito positivos, (b) na construção de uma identidade integrada, (c) na elaboração de estratégias não-violentas de enfrentamento do bullying e (d) na manutenção de relacionamento interpessoal positivo, sem, no entanto, abrirem mão de suas habilidades e interesses ou mesmo virem a negar o talento. (p. 100)

Ao se analisar a literatura, percebemos que algumas relações intra e interpessoais podem ser consideradas difíceis no cotidiano escolar devido ao desconhecimento dos professores e de toda equipe escolar das características deste público, além da dificuldade de se relacionar com os alunos que não são AH/SD, e que muitas vezes não tem o mesmo conhecimento acadêmico e maturidade do aluno com AH/SD. (CHAGAS-FERREIRA, 2019; MENDONÇA, RODRIGUES, CAPELLINI, 2020; DIEZ, FERNÁNDEZ, 2020; DE OLIVEIRA, CAPELLINI, RODRIGUES, 2020)

Apesar da importância de se considerar o ser AH/SD e suas características individuais e de grupo, outros aspectos também têm que ser considerados, como por exemplo, o profissional da Educação que o atende, o professor.

O Professor e a Formação Docente

De acordo com a literatura que correlaciona a formação docente e o atendimento do AH/SD, PEREZ e FREITAS (2011) afirmam que a desinformação, representação cultural e falta de formação acadêmica do professor são algumas das causas da *invisibilidade* dos alunos com AH/SD:

A invisibilidade dos alunos com AH/SD está estreitamente vinculada à desinformação sobre o tema e sobre a legislação que prevê seu atendimento, à falta de formação acadêmica e docente e à representação cultural das Pessoas com Altas Habilidades/Superdotação (PAH/SD). (p. 111)

Em outro estudo sobre formação de professores em AH/SD (WECHSLER; SUAREZ, 2016), realizado com 170 estudantes de Licenciatura, formandos de duas universidades particulares de Campinas, e outras três universidades estaduais do Paraná, de cursos como Letras, Educação Artística, História, Pedagogia, vemos na tabela a seguir a opinião dos alunos sobre a formação em AH/SD em seus cursos de graduação.

Tabela 1: Opinião de estudantes de licenciatura sobre a informação da temática talento/superdotação recebida durante a graduação.

Opinião dos estudantes sobre a informação da temática talento/superdotação recebida durante a graduação		
Opiniões	Graduandos	
	f	%
O curso não se referiu à temática talento/superdotação em momento algum.	85	46
O curso referiu-se à temática talento/superdotação no contexto da inclusão vez ou outra e de maneira superficial.	67	36
Estamos tendo a disciplina de inclusão este semestre, mas ainda não aprofundamos a questão.	19	10
O curso já articulou a questão talento/superdotação	13	6
Concordo com a não necessidade de abordagem do tema no curso	2	2
Total de frequência de respostas e porcentagem	186	100

Fonte: WECHSLER e SUAREZ, 2016.

A falta de formação docente em AH/SD não é constatada apenas no nosso país, visto que, de acordo com a pesquisa de Martins, Chacon e Almeida (2018), ao analisarem currículos da formação de professores nas universidades públicas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP, Campus de Marília) e Universidade do Minho (UMinho, Campus de Gualtar), verificaram que a abordagem sobre o AH/SD estava incluída como um conteúdo disciplinar na formação inicial oferecida. Este estudo concluiu, a partir da análise dos planos de ensino das disciplinas oferecidas, que a temática é abordada no curso de Pedagogia da UNESP e apenas nos Mestrados em Ensino da UMinho.

Em relação à formação citada neste estudo, na UNESP, os autores especificam que:

Na UNESP (Campus de Marília), a disciplina Currículo e Necessidades Educacionais Especiais, com 75 horas de aulas teórico-práticas, não discrimina quais são as NEE abordadas. Como as AH/SD estão entre os

componentes presentes nos referenciais bibliográficos utilizados, infere-se que o assunto é abordado. O curso de Pedagogia oferece outras quatro disciplinas obrigatórias sobre a Educação Especial/Inclusiva e um núcleo de aprofundamento de estudos em Educação Especial (opcional). Com uma ampla carga horária disponível à área da Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva, supõe-se que não existam grandes dificuldades no desenvolvimento de estudos sobre as AH/SD (pgs. 321, 322).

Esse estudo teve continuidade e foi publicado em 2020 (MARTINS; CHACON; ALMEIDA, 2020), no qual os autores trouxeram novos resultados através de entrevistas com três alunos de cada uma das universidades (UNESP e UMinho). Além dos alunos, foram analisados currículos de professores das duas universidades e foram entrevistados aqueles que tinham projetos relacionados as AH/SD. Em relação a UNESP, as informações sobre a temática na formação foram que:

(...) a presença de referências bibliográficas básicas que abordam, entre outros, este tema, serviu-nos de evidência do estudo das AH/SD na disciplina Currículo e Necessidades Educacionais Especiais, o que não se confirmou nas entrevistas. Embora seja um conteúdo presente na formação, não houve consenso a respeito da disciplina em que esse estudo ocorre, apenas a associação dele ao Professor (...).

As estudantes da UNESP relataram que os principais assuntos abordados no âmbito das AH/SD foram: inclusão; conceitos de superdotação; características de alunos com AH/SD e mitos. (p. 6)

Com relação a UMinho, verificou-se através da fala das alunas que a temática não é trabalhada na graduação e no mestrado é vista de forma muito superficial.

“Nunca se falou sobre a sobredotação na licenciatura” (Manuela, UMinho, 2017). “Não, pelo que me lembrô, acho que nunca trabalhamos essa temática” (Carmen, UMinho, 2017). “Não, na licenciatura não” (Sílvia, UMinho, 2017). Durante o mestrado, o assunto é mencionado na unidade curricular Necessidades Educativas Especiais, porém, parece-nos que bastante superficialmente: “Também não. Se foi, eu não me estou a lembrar, mas se foi, foi algo muito, muito passageiro” (Carmen, UMinho, 2017). “Foi falado, mas de forma superficial” (Sílvia, UMinho, 2017). Sim, foi abordado, muito pouco, [...] abordamos mais dificuldade de visão, dificuldades auditivas, o que se falou sobre sobredotação foi muito superficial, nem chegaram a ser conteúdos de testes. [...] juntamente nós temos manual, [...] lá um dos tópicos desse manual era a sobredotação só que como o tempo é escasso, as professoras de certo, optaram por abordar esses temas que eu mencionei em vez da sobredotação, mas deveria ser um conteúdo que deveria ser abordado obviamente (Manuela, UMinho, 2017). (pgs. 6,7)

Através da literatura consultada sobre a formação docente, infere-se que se o professor tiver esse conhecimento sobre o tema AH/SD, ocorrerão as boas

práticas de atendimento educacional, evitando o que foi descrito por Winner (1998) que:

muitos professores encontram-se despreparados para identificar os alunos com altas habilidades/superdotação e, por conseguinte, não são poucas as vezes em que esses alunos são identificados não como crianças com altas habilidades/superdotação, mas sim como “alunos problemas”. (p. 198)

Ainda que considerando a formação docente envolvendo a AH/SD, que se mostra deficitária nos cursos de licenciatura, a importância de que lhes sejam ensinadas estratégias educacionais com instrumentalização deste profissional também tem que ser considerada.

Ensino e Estratégias educacionais

A literatura traz diversas pesquisas que mostram experiências de estratégias de ensino diferenciadas com público de AH/SD e de que forma esses alunos chegam ao ensino superior.

Em pesquisa sobre atividades experimentais de Química durante as aulas e identificação de alunos com AH/SD (NÓBREGA; BENITE, 2019), o professor sinaliza a importância das características dessa estratégia para gerar um

notável interesse nas ciências (Biologia e Química) e envolvimento com atividades correlatas, raciocínio lógico indutivo, boa memória na aquisição e recuperação de informações, pensamento convergente, entusiasmo e participação. (...) É importante notar que o uso da aula experimental possibilitou no estudante maior motivação ao ensino, e conseqüentemente, a demonstrar os elementos analisados na investigação proposta na sondagem dos indicadores de AH/SD. (pgs. 5, 6)

Em outro estudo sobre altas habilidades e superdotação e ensino de ondas sonoras com o uso do simulador Phet e de kit de robótica Arduino (VIEIRA, 2018), o pesquisador conclui que:

Para se obter um engajamento dos alunos com características de AH/SD na escola regular, precisamos estar um passo à frente, percebendo as possíveis expectativas que o tema em estudo vai provocar neles. Sendo assim, precisamos de atividades mais dinâmicas e que despertem em todos, curiosidades, interesse, dinamismo e uma dose de desafio como catalisador. As atividades investigativas / de pesquisa-ação, os

simuladores computacionais (Phet) e os kits de robótica educacionais com Arduino são exemplos didáticos atuais e funcionam também como homogeneizadores sociais. (p. 71)

Esse tipo de estratégia pode trazer momentos de aprendizado e integração entre os alunos, de forma a resolverem os desafios juntos, além de tornar a aula muito mais dinâmica.

De acordo com material publicado pela prefeitura de Bauru – SP em um curso EAD para seus profissionais de Educação¹, sobre planejamento e estratégias estimulantes para o ensino do estudante com altas habilidades ou superdotação, algumas práticas sugeridas para alunos com AH/SD são: discussões e reflexões em grupos, pesquisas com o uso da internet, visitas técnicas, estudos de casos, aulas interativas e dialogadas e organização do próprio espaço utilizado para aula.

De acordo com o site do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), vemos a possibilidade de incentivar o desenvolvimento de talento e vocação científica através da estratégia de inserção desses alunos em pesquisas capazes de incluir desde alunos de Ensino Fundamental até o Ensino Médio, concedendo bolsas de Iniciação Científica Júnior:

Modalidade: Iniciação Científica Júnior – ICJ: Finalidade: Despertar vocação científica e incentivar talentos potenciais entre estudantes do ensino fundamental, médio e profissional da Rede Pública, mediante sua participação em atividades de pesquisa científica ou tecnológica, orientadas por pesquisador qualificado, em instituições de ensino superior ou institutos/centros de pesquisas. Duração: Até 12 meses ao estudante, renovável sucessivamente; por tempo indeterminado à entidade parceira; até 12 meses ao pesquisador orientador, renovável, sucessivamente. Mensalidade: R\$ 100,00

Outra estratégia educacional encontrada no ensino superior para atender alunos com AH/SD é o programa de Altos Estudos, existentes em universidades internacionais, como *Imperial College London*, entre outras². No Brasil, temos esse programa acontecendo na Universidade Federal Fluminense, desde o ano de

¹ Disponível em:

http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/68/Planejamento%20de%20Ensino_PDF.pdf
Acesso em Abril de 2021.

² <https://www.imperial.ac.uk/study/pg/fees-and-funding/scholarships/presidents-phd-scholarships/>;
<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0016986207299471>;
<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0261429420917858>;
<https://dergipark.org.tr/en/download/article-file/483116>. Acesso em Agosto de 2021.

2012, possibilitando ao aluno reduzir seu tempo de conclusão de curso, tanto para alunos da graduação quanto da pós-graduação *stricto sensu*.

Atualmente, 17 cursos de graduação e 37 bolsistas fazem parte da iniciativa. A adesão é voluntária e a inscrição no programa é realizada pelos colegiados dos cursos, que definem as disciplinas que podem ser cursadas da pós-graduação e as dispensadas da graduação. (...) O programa contribui para a integração e acelera a formação de alto nível ao possibilitar ao aluno a experimentação do ambiente de pesquisa e pós-graduação”, afirma a coordenadora do Programa de Altos Estudos, Helena Rodrigues. Fundamentado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o projeto prevê a aceleração de estudos para estudantes com alto desempenho curricular (ROCHA; NASCIMENTO, 2015)³

Não podemos deixar de ressaltar que as questões envolvendo as estratégias de ensino possuem correlação direta com as outras dimensões de trabalho com esse público que pode auxiliar na criação de novos métodos e dinâmicas voltadas para ele. De qualquer forma, a questão familiar e a inserção desse indivíduo em sua comunidade pode ser um ponto fundamental e até mesmo definitivo no seu rendimento escolar.

A Família e a relação dos pais com AH/SD

A família é tão importante na temática AH/SD, que em 2007, na publicação do MEC de 4 volumes sobre AH/SD, um deles foi dedicado apenas para questões familiares. Neste volume, os assuntos são divididos em quatro capítulos: 1) A Família como Contexto de Desenvolvimento, 2) A Família do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação, 3) O Papel da Família no Desenvolvimento de Altas Habilidades/Superdotação, 4) Parceria entre Família e Escola.

Neste extenso material sobre família, vimos em Aspesi (2007) um pouco sobre o comportamento e sentimentos dos pais dos alunos com AH/SD:

É comum observar uma carga de ansiedade nos pais de crianças com altas habilidades quando seus filhos são convidados a participar de tais programas. Isso porque há a dúvida se os programas de apoio à aprendizagem dos superdotados, de fato, irão auxiliar seu desenvolvimento ou irão causar problemas de ajuste social devido aos “rótulos” e discriminação pelos colegas em seu contexto escolar. Os pais,

³ <http://www.uff.br/?q=noticias/23-07-2015/programa-de-altos-estudos-da-uff-e-pioneiro-no-pais>
Acesso em Abril de 2021.

de um modo geral, têm a noção do brilhantismo de seus filhos, no entanto, desconhecem as suas características ou habilidades específicas. Por isso, os pais sentem-se impotentes em decidir quais alternativas educacionais seriam mais adequadas para atender às necessidades de aprendizagem dos filhos. (p. 41)

Através de uma política federal, foram criados os Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S) em todos os estados brasileiros com o objetivo de atuação com o aluno, o professor e a família (BRASIL, 2006).

Em um estudo publicado sobre o NAAH/S de Mato Grosso do Sul e o trabalho com a família (JARA; BRAGA, 2020), reconhece-se:

(...) a importância de esta receber orientação, apoio e compreensão; desse modo, oferece informações sobre Altas Habilidade/Superdotação, presta orientação, suporte teórico e emocional, às famílias, com vistas à melhor compreensão do comportamento de seus filhos, favorecendo as relações interpessoais e incentivando o desenvolvimento global da criança (JARA; BRAGA, 2020, p. 10).

Os autores ainda apontam diversas atividades que podem ser realizadas com os pais, aproximando-os dos AH/SD (Quadro 2), tais como atendimentos individualizados, visitas domiciliares, seminários, trabalhos com grupos, entre outros.

Em 2018, no Brasil, em uma pesquisa publicada sobre o perfil de famílias contendo membros com AH/SD, verificou-se que a mãe é a pessoa da família que mais se envolve nas questões de identificação e vida escolar dos filhos superdotados (SILVA, 2018).

Outro ponto importante que o estudo mostrou foi a importância das famílias terem suporte, como por exemplo grupo de estudos, grupo de orientações, grupos de aconselhamento, redes sociais e associações de pais, com os seguintes objetivos:

Grupos de estudo com famílias – poderiam ser formados na escola grupos de estudo que discutissem periodicamente vários tópicos importantes acerca do desenvolvimento de crianças e adolescentes superdotados, com funcionamento em horário paralelo ao atendimento oferecido ao superdotado, incluindo além de profissionais especializados, famílias de superdotados.

Grupos de orientação para pais – na parceria entre escola, família e instituições de ensino superior e de pesquisas, manter serviços permanentes de orientação às famílias com superdotados, com agendas permanentes e contínuas de atendimento.

Grupos de aconselhamento – que tivessem como objetivo a promoção de escuta das inquietações e angústias que estão subjacentes aos processos de identificação e avaliação dos superdotados, inclusive fortalecendo a parceria entre escola e família no atendimento dos

aspectos socioemocionais peculiares de crianças e adolescentes superdotados. Esses grupos de aconselhamento poderiam ser organizados pelas associações de pais e amigos dos superdotados ou mesmo por movimentos livres, como foi possível evidenciar neste estudo [do artigo citado] nas redes sociais em formato virtual.

Redes sociais – a criação de espaços virtuais que pudessem agregar as famílias de superdotados para a troca de experiências como: blogs, páginas no Facebook, sites etc.

Associação de Pais e Amigos – reunir pais, professores, representantes da sociedade civil em geral para discutir e propor políticas, publicar e articular ações que favoreçam o atendimento das demandas do superdotado. (SILVA, 2018, pgs. 95, 96)

Quadro 2: Atividade que acontecem com as famílias no NAAH/S de Mato Grosso do Sul.

ATIVIDADES	
Atendimentos individualizados	O primeiro contato com a família é feito na escola, em parceria com a unidade do estudante, realizando uma anamnese. O segundo contato é realizado no NAAH/S, sendo feita a apresentação do Núcleo e suas diversas atividades. Os demais contatos são realizados semanalmente, para a entrega de materiais para leitura, orientações e devidos acompanhamentos dos casos.
Visitas domiciliares	São realizadas visitas periódicas, pelo Assistente Social, ao domicílio do estudante.
Reuniões com as demais unidades de atendimento.	São realizadas reuniões semanais com as unidades do estudante e do professor, para trocas de informações e verificar o desenvolvimento dos estudantes nas outras áreas.
Círculo de Palestras – Bimestral.	Realização de círculo de palestras para família, escolas e comunidade em geral com os temas: - A escola e o NAAH/S: seu papel no desenvolvimento de talentos; - Família, sociedade e o desenvolvimento da Escola; - A motivação e o desenvolvimento do estudante: o papel da família, entre outros.
Seminários – Anuais	Realização de Seminário anual para famílias, equipe da educação especial estadual e municipal, escolas e comunidade em geral.
Trabalhos com grupos – Mensal	Mensalmente acontecem trabalhos com grupos de pais para troca de experiências.
Informações sociais	Realiza informações sobre diversos serviços sociais disponíveis no Governo do Estado e do Município, tais como: Registro de nascimento, casamentos, delegacias, carteira de passe para idoso, distribuição de cestas básicas, entre outros.
Biblioteca	Criação de um espaço para as famílias e a comunidade em geral, com diversas matérias, livros, materiais de uma forma geral, sobre estudantes com Altas Habilidades/ Superdotação.
Capacitação aos profissionais que trabalham na unidade da família	Mantém os profissionais em permanente atualização com capacitações semestrais.
Parceria	Busca de parceria com diversas empresas para atendimento às famílias.

Fonte: JARA e BRAGA (2020).

Nauroski e Sakaguti (2018) também chamam atenção para esse suporte aos pais, ao afirmarem que quando estes têm conhecimento e algum tipo de apoio, podem ter condições melhores de auxiliar no processo educacional de seus filhos.

De acordo com Solow (2001), *pais com maior conhecimento sobre as características sociais e emocionais da superdotação, apresentam respostas mais adequadas aos comportamentos apresentados pelos filhos superdotados.*

Assim, não podemos deixar de observar a importância do papel da família, em especial, dos pais, como nos colocam esses autores, ao dizerem que:

o fenômeno que envolve a Pessoa com Altas Habilidades/Superdotação (PAH/SD), principalmente no período escolar inicial, se mostra complexo em razão dos diferentes fatores associados a sua manifestação. As primeiras dificuldades tendem a se manifestar no ambiente familiar nos processos de socialização primária. Ainda é recorrente o desconhecimento de muitas famílias em relação a como lidar com um filho com altas habilidades. Esse desconhecimento, quando acompanhado de uma conjuntura de carências e limitações de ordem social, cultura e econômica tende a ser agravado, gerando danos e sofrimento no processo de desenvolvimento da criança. (p. 282)

Desta forma, verificamos através da literatura, que o conhecimento sobre a temática AH/SD e a parceria entre escola e família só trará benefícios ao desenvolvimento dos alunos com AH/SD, minimizando o sofrimento desses pais e conseqüentemente de seus filhos, que muitas vezes são causados pela falta de informação sobre o assunto, pelas generalizações e pelos mitos que o envolvem.

Sendo assim, o aluno com AH/SD não pode ser visto apenas quanto ao seu desenvolvimento escolar, sendo necessário tecer reflexões, devendo-se considerar que as relações familiares têm muita influência na vida acadêmica deste ser, bem como aspectos envolvendo o professor e suas estratégias de ensino. (MENDONÇA, RODRIGUES, CAPELLINI, 2020; DIEZ, FERNÁNDEZ, 2020; DE OLIVEIRA, CAPELLINI, RODRIGUES, 2020). Assim fica a pergunta desta tese que questiona se reflexões teóricas sobre os alunos com AH/SD podem ser construídas a partir da produção, categorização e análise de textos de divulgação científica sobre o tema, contribuindo para o atendimento educacional e social deste público.

2- OBJETIVOS

Objetivo Geral

Contribuir para o atendimento educacional e social dos alunos com AH/SD, a partir da construção de reflexões teóricas oriundas da produção, categorização e análise de textos de divulgação científica sobre o tema.

Objetivos Específicos

- Analisar o estado do conhecimento envolvendo o tema “Alunos com AH/SD”, além de documentos correlatos e alguns relatos de casos de experiências vivenciadas no programa de extensão *Escola de Inclusão* da Universidade Federal Fluminense, com produção de textos de divulgação científica (TDCs).
- Classificar os TDCs produzidos considerando quatro diferentes categorias do AH/SD incluindo o ser, o professor, o ensino e a família.
- Analisar, de forma reflexiva e integradora com identificação de possíveis abordagens e reflexões educacionais, os TDCs categorizados a luz das diferentes categorias da AH/SD.

3- MATERIAL E MÉTODOS

Considerando a produção dos textos de divulgação científica (TDCs) e para evitar a repetição de conteúdo, essa seção será descrita de forma breve.

Construção de textos envolvendo o tema Alunos com AH/SD, no formato de Textos de Divulgação Científica (TDCs)

A construção de textos de divulgação científica (TDCs) sobre o tema AH/SD foi motivada pela participação em eventos realizados com as temáticas de Educação Especial e Altas Habilidades entre os anos de 2015 e 2018. Os textos foram construídos a partir da busca em documentos jurídicos correlatos e experiências vivenciadas no programa de extensão Escola de Inclusão da Universidade Federal Fluminense, além da análise do estado do conhecimento envolvendo o tema Alunos com AH/SD no período de 1971 a 2013, quando foi feita a mudança de terminologia na LDB. Estado de conhecimento é a *identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica*” (MOROSINI; FERNANDES, 2014).

Os TDCs foram submetidos aos comitês científicos de cada evento e aprovados por especialistas na área para apresentação. Foram considerados os TDCs apresentados nos seguintes eventos:

- ✓ X Encontro Internacional de Educadores de Dotados e Talentosos;
- ✓ III Encontro de Diversidade e Inclusão da UFF: Currículos e Mudanças de Paradigmas;
- ✓ XI Encontro Internacional de Educadores de Dotados e Talentosos - ASPAT/CEDET;
- ✓ VIII Encontro Nacional ConBraSD /
- ✓ III Congresso Internacional sobre Altas Habilidades/Superdotação

- ✓ I Seminário de Altas Habilidades/Superdotação UCDB;
- ✓ III Simpósio de Altas Habilidades ou Superdotação da UFF: Caminhos para Inclusão;
- ✓ 1º Congresso Brasileiro de Educação para Altas Habilidades/Superdotação: Concepções, Práticas e Tecnologias.

A construção dos TDCs na forma de capítulos de livros foi feita a partir de convites recebidos pelos organizadores de cada obra. Os capítulos foram publicados nas seguintes obras:

- ✓ Cadernos de ensino de Ciências, Saúde e Biotecnologia, organizado por Francisco José Figueiredo Coelho e Gildete da S. Amorim Mendes Francisco e publicado pela editora Passo Editorial;
- ✓ Altas Habilidades/Superdotação: Processos criativos, afetivos e desenvolvimento de potenciais, organizado por Angela Virgolim, publicado pela Editora Juruá, no Brasil e em Portugal.

Classificação e análise dos textos produzidos considerando diferentes categorias do AH/SD (o ser, o professor, o ensino e a família)

A metodologia utilizada na classificação dos TDCs apresentados neste trabalho, ou seja, na divisão dos mesmos em categorias, se deu através da análise do contexto de cada um, agrupados desta forma por semelhanças. Para Bardin (1977, p. 98), na regra da homogeneidade, *os documentos retidos devem ser homogêneos, quer dizer, devem obedecer a critérios precisos de escolha e não representar demasiada singularidade fora destes critérios de escolha*. Entendemos que nossos TDCs corresponderam a essa regra. Além de Bardin, outra autora que nos traz conceitos de categoria é Minayo, ao afirmar que:

A palavra categoria, em geral, se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. Essa palavra está ligada à ideia de classe ou série. As

categorias são empregadas para estabelecer classificações. Neste sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. Esse tipo de procedimento, de um modo geral, pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa. (MINAYO, 70. 2002)

Outra metodologia seguida com adaptações, foi FONTOURA, (2011), onde vemos que, no quinto passo da classificação por tematização, ocorre a definição de unidades de contextos (trechos longos) e unidades de significado (palavras e expressões).

A análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja frequência de aparição (desde muito frequente até apenas uma vez), pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. (FONTOURA, p. 10, 2011)

Sendo assim, o quadro 3 apresenta quatro colunas, na qual cada coluna corresponde a uma categoria, com suas palavras ou temas relacionados. Seguindo os respectivos autores citados acima, os TDCs desta tese foram classificados nas seguintes categorias: SER, PROFESSOR, ENSINO e FAMÍLIA, sendo estas reconhecidas como aquelas que possuíam representatividade para que as possíveis reflexões a serem tecidas pudessem contribuir para mudanças de caráter positivo para este público.

Quadro 3: As categorias e suas palavras ou temas relacionados.

Ser	Professor	Ensino	Pais
Relações emocionais	Identificação	Enriquecimento	Familiares
Relações intra e interpessoais	Formação Docente	Pesquisa	Sentimentos
Relações afetivas	Qualificação	Conhecimento científico	Relatos
Reconstrução de relações	Atendimento	Vocação Científica	Desafio
	Legislação	Estratégias educacionais	Relação com os filhos

4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Construção e classificação dos textos envolvendo o tema Alunos com AH/SD

Para atingir os objetivos estabelecidos tentamos inicialmente gerar questionamentos relacionados a diferentes categorias do AH/SD que nos levasse a provocar considerações e reflexões relevantes relacionados aos dois temas de interesse temático dessa tese, que são Altas Habilidades e a Inclusão dessas pessoas com AH/SD no sistema educacional de ensino. Com isso temos um conjunto de nove perguntas relacionadas a esses temas que motivaram a busca bibliográfica e a construção dos referidos textos científicos juntamente com a participação em eventos descritos no quadro 4.

Podemos observar que o quadro possui seis colunas, com os títulos: questão, tipo de publicação, ano, título, local de publicação e número de páginas. O quadro apresenta os nove textos científicos produzidos, que contém entre 5 a 18 páginas e que foram publicados entre os anos de 2015 e 2018. Dentre os nove, sete foram publicados em formato de textos científicos e apresentados em congressos, enquanto dois foram publicados em formato de capítulos de livros. Além de todas essas informações, o quadro ainda possui uma coluna com a pergunta relacionada a cada um dos textos científicos.

Após a construção e publicação dos textos científicos, passou-se para classificação dos textos produzidos considerando as diferentes categorias da AH/SD: O ser, o professor, o ensino e a família (Quadro 5). Neste quadro podemos ver a divisão em 4 colunas, sendo a primeira com a classificação temática, a segunda com enfoque, a terceira com os títulos dos textos científicos e a quarta com a forma que cada Texto de Divulgação Científica se apresenta, onde verificamos que a maioria dos textos tem formato estudo de caso.

Quadro 4: Listagem dos nove textos de divulgação científica (TDCs) construídos a partir dos questionamentos, eventos e convites de publicação.

QUESTÃO	TIPO DE PUBLICAÇÃO	ANO	TÍTULO	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	NÚMERO DE PÁGINAS
É possível que um docente seja capaz de identificar alunos AH/SD, cujo número tem sido subestimado nas escolas?	Texto científico	2015	Formação de Professores para Identificação de Alunos com Altas Habilidades na Sala de Aula: Estudo de Caso.	X Encontro Internacional de Educadores de Dotados e Talentosos.	5 pag.
Qual a visão dos pais sobre o impacto de espaços lúdicos de atendimento (ex: cursos de férias) sobre seu filho AH/SD ?	Texto científico	2015	Curso de verão na Universidade Federal Fluminense: compartilhando experiências com pais de alunos superdotados.	X Encontro Internacional de Educadores de Dotados e Talentosos.	11 pag.
Quais as relações intra e interpessoais, além da visão sistêmica, que o aluno com altas habilidades ou superdotação apresenta diante dos desafios científicos e no trabalho em grupo?	Texto científico	2018	Projeto Chão de Fábrica/CETAH	1º Congresso Brasileiro de Educação para Altas Habilidades/Superdotação: Concepções, Práticas e Tecnologias	5 pag.
Como é o processo de (re)construção das relações emocionais e afetivas do aluno AH/SD?	Texto científico	2018	A construção das Relações Emocionais e Afetivas no CETAH-Niterói-RJ	VIII Encontro Nacional ConBraSD / III Congresso Internacional sobre Altas Habilidades/Superdotação / I Seminário de Altas Habilidades/Superdotação UCDB.	7 pag.
Quais são atos legais, em âmbito nacional, que fundamentam o processo de inclusão, no ensino regular, de alunos com altas habilidades ou superdotação?	Texto científico	2018	Processo de Inclusão no Ensino Regular: Legislação e fundamentação.	VIII Encontro Nacional ConBraSD / III Congresso Internacional sobre Altas Habilidades/Superdotação / I Seminário de Altas Habilidades/Superdotação UCDB.	6 pag.
Como deve ser a capacitação/qualificação do docente para oferecer um atendimento estruturado ao aluno AH/SD?	Texto científico	2018	Formação de Professores em Altas Habilidades ou Superdotação: A experiência de Juiz de Fora - MG	III Simpósio de Altas Habilidades ou Superdotação da UFF: Caminhos para Inclusão.	7 pag.
Quais as razões que levam os pais de crianças AH/SD a buscar um serviço de atendimento educacional especializado privado para seus filhos?	Texto científico	2018	Alunos com altas habilidades e sentimentos dos familiares: a experiência do CETAH (Niterói - RJ)	XI Encontro Internacional de Educadores de Dotados e Talentosos - ASPAT/CEDET	9 pag.
O aluno AH/SD é favorecido com o uso de estratégias diferenciadas, como por exemplo, o ensino de ciências de forma exploratória e experimental?	Capítulo	2018	O ensino de ciências para alunos com altas habilidades ou superdotação no CETAH - Niterói - RJ.	Livro: <i>Cadernos de ensino de ciências, saúde e biotecnologia.</i>	10 pag.
Quais os avanços e possibilidades de inclusão de alunos com altas habilidades ou superdotação no ensino superior antes ou depois do vestibular oficial?	Capítulo	2018	As altas habilidades ou superdotação no ensino superior: possibilidades e avanços no Brasil.	Livro: <i>Altas Habilidades/Superdotação: Processos criativos, afetivos e desenvolvimento de potenciais.</i>	18 pag.

Quadro 5: Classificação temática dos textos construídos, envolvendo as diferentes categorias da AH/SD, a saber: o ser, a família, o professor e o ensino.

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA*	ENFOQUE	TÍTULO DOS TEXTOS CIENTÍFICOS	FORMA
Ser	Relações intra e Interpessoais	1 - Projeto Chão de Fábrica/CETAH 2 - A construção das Relações Emocionais e Afetivas no CETAH-Niterói-RJ	1- Estudo de caso 2- Estudo de caso
Professor	Formação Docente	3- Processo de Inclusão no Ensino Regular: Legislação e fundamentação. 4- Formação de Professores em Altas Habilidades ou Superdotação: A experiência de Juiz de Fora - MG 5- Formação de Professores para Identificação de Alunos com Altas Habilidades na Sala de Aula: Estudo de Caso.	3- Análise Documental 4- Estudo de caso 5- Estudo de caso
Ensino	Estratégias educacionais	6- O ensino de ciências para alunos com altas habilidades ou superdotação no CETAH - Niterói - RJ. 7- As altas habilidades ou superdotação no ensino superior: possibilidades e avanços no Brasil.	6- Estudo de caso 7- Revisão de Literatura
Família	Relação dos pais de alunos com AH/SD	8- Curso de verão na Universidade Federal Fluminense: compartilhando experiências com pais de alunos superdotados. 9- Alunos com altas habilidades e sentimentos dos familiares: a experiência do CETAH (Niterói - RJ)	8- Estudo de caso 9- Estudo de caso

Durante a realização do trabalho, entendemos que seria importante a divisão dos textos científicos em categorias, contribuindo para um diálogo entre os referenciais teóricos e os assuntos abordados em cada grupo. Segundo Lakoff (1987, p. 5):

A maioria de nossas palavras e conceitos designam categorias [...] Categorização não é um processo que deve ser estudado superficialmente. Não há nada mais básico do que a categorização para o nosso pensamento, percepção, ação, e discurso. Cada vez que nós vemos algo como “um tipo” de coisa, por exemplo, uma árvore, nós estamos categorizando. [...] A compreensão de como categorizamos é o ponto central para a compreensão de como nós pensamos, funcionamos e, conseqüentemente, um ponto central para a compreensão daquilo que nos faz humanos.

Enquanto para Lima, 2010 :

As funções da categorização do ponto de vista cognitivo são: (a) classificar, que é a função que permite que a mente faça contato com o mundo; (b) dar apoio a explicações e assegurar prognóstico em relação ao futuro, o qual pode ser utilizado para selecionar planos e ações; e (c) dar sustentação à mente, pois não há necessidade de armazenar todos os fatos e suas possibilidades, se as inferências podem ser derivadas de informações já armazenadas (MEDIN; ROSS, 1996).

Análise reflexiva e integradora dos TDCs com identificação de possíveis abordagens e reflexões educacionais

Nesta seção serão apresentadas as perguntas e referência de cada TDC produzido, além dos próprios TDCs na íntegra e, ao final, reflexões e considerações de cada categoria. Vale a pena ressaltar que alguns TDCs são resultantes de relatos de experiências do Programa de Extensão Escola de

Inclusão da Universidade Federal Fluminense quando coordenado pela Dra. Cristina Delou.

PERGUNTAS E REFERÊNCIAS DE CADA TDC DA CATEGORIA *SER*

As perguntas abaixo são as mesmas do Quadro 4 e foram colocadas com a função de promover uma melhor leitura.

- Quais as relações intra e interpessoais, além da visão sistêmica, que o aluno com altas habilidades ou superdotação apresenta diante dos desafios científicos e no trabalho em grupo? (TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 1)

Pessanha, J. A.; Gomes, M. R.; Delou, C. M. C. Projeto Chão de Fábrica/CETAH. 2018. 1º Congresso Brasileiro de Educação para Altas Habilidades/Superdotação: Concepções, Práticas e Tecnologias.

- Como é o processo de (re)construção das relações emocionais e afetivas do aluno AH/SD? (TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 2)

Dreux, M.; Pessanha, J. A. A construção das Relações Emocionais e Afetivas no CETAH-Niterói-RJ. 2018. VIII Encontro Nacional ConBraSD / III Congresso Internacional sobre Altas Habilidades/Superdotação / I Seminário de Altas Habilidades/Superdotação UCDB.

TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 1 apresentado no 1º Congresso Brasileiro de Educação para Altas Habilidades/Superdotação: Concepções, Práticas e Tecnologias. 2018.

Projeto Chão de Fábrica/CETAH

Juliana Antunes Pessanha
Maurício Ribeiro Gomes
Cristina Maria Carvalho Delou

Categoria

Comunicação Oral – Relato

Eixo Temático

Atendimento: Práticas, procedimentos de ensino e adaptações curriculares para altas habilidades.

Palavras-chave: Enriquecimento Curricular. Altas Habilidades ou Superdotação.

Introdução

Os alunos com altas habilidades fazem parte do público-alvo da educação especial desde a Lei de Diretrizes e Bases de 1971. Porém, mesmo depois de décadas, o atendimento e identificação desses alunos nas escolas ainda não acontece conforme a legislação. Na prática os professores não conseguem identificar, nem encaminhar para o atendimento educacional especializado.

Segundo Renzulli, os alunos com altas habilidades são:

(...) as pessoas que, no desenrolar da história, foram reconhecidas por suas contribuições únicas, originais e criativas demonstraram possuir um conjunto bem definido de traços, a saber: habilidade acima da média em alguma área do conhecimento; envolvimento com a tarefa; e criatividade (RENZULLI, 1986 apud VIRGOLIM, 2007)

Objetivo

Diante da necessidade de um atendimento especializado e inexistente na rede privada do Município de Niterói direcionado aos alunos com Altas Habilidades ou Superdotação, a direção da Escola Solange Dreux, composta pela diretora 1 e pedagoga 1, em parceria com Professora Doutora Cristina Delou e Professor 1, iniciaram algumas conversas para criação de um espaço que pudesse realizar

esse atendimento. Assim foi criado o CETAH: Centro de Enriquecimento de Talentos e Altas Habilidades / Projeto Chão de Fábrica.

A equipe multidisciplinar e de origem acadêmica do CETAH foi formada, contando com os componentes já citados, além do Professor 2, a pedagoga e Mestre em Diversidade e Inclusão, Juliana Pessanha e a Professora 3. Foram realizadas algumas reuniões com os integrantes, para planejamentos e funcionamento do projeto, e iniciamos a divulgação para alunos já identificados.

Esse grupo normalmente apresenta demandas de aprendizagem e espaços compatíveis com suas áreas de interesse, sendo comum a vocação científica.

Neste sentido, Renzulli e Reis (1986) também recomendam atenção para a importância de se enriquecer a vida dos alunos através de experiências que usualmente não fazem parte do currículo da escola regular; e estimular novos interesses que possam levar o aluno a aprofundá-los em atividades criativas e produtivas posteriores. (VIRGOLIM, 2007)

Para esse grupo, o Projeto Chão de Fábrica se propõe a acompanhá-los através de Plano de Ensino Individual proposto pelos Profissionais/Pesquisadores envolvidos nesse trabalho. Além disso, outro serviço que vem acontecendo é o atendimento às famílias, levando as ações cotidianas positivas, direitos e possibilidades para esses jovens.

Assim, o Projeto Chão de Fábrica busca ser diferenciado em relação às metodologias tradicionais, oferecendo, acompanhamento personalizado, um espaço de criação científico/tecnológico e saídas pedagógicas que extrapolem nossos muros e avancem a imaginação do educando.

Materiais e Métodos: Enriquecimento Curricular

Renzulli, Gentry e Reis (2003) apresentam algumas sugestões para desenvolver atividades de enriquecimento em grupo:

O papel do professor no grupo é de mediador. O planejamento das atividades é diferente daquele destinado à sala de aula, e devem ser baseadas no modelo de enriquecimento escolar, tais como atividades de exploração, instrumentação e de desenvolvimento de serviços e produtos. O ambiente de enriquecimento em grupo deve ter dinâmica agradável, flexível e sem controle excessivo ou rotina. (Apud FLEITH, 2007)

Os alunos fazem parte de uma equipe e os professores trabalham como mediadores para colaborar com a aprendizagem dos alunos identificados com

altas habilidades. É preciso que o professor tenha uma atitude diferenciada, demonstrando expectativas sobre o desempenho e possibilidades de realização dos alunos.

Os grupos são diversificados, formados por alunos com diferentes interesses, individualidades, estilos de aprendizagem, conhecimentos e histórias de vida. Desta forma, cada grupo tem uma identidade singular. A participação nesses grupos é uma oportunidade de demonstrarem o seu potencial, e serem encorajados a descobrir caminhos e tirar suas próprias conclusões.

A avaliação deve ser realizada durante o processo e do produto de cada projeto proposto também. Cada professor deve avaliar as participações, o nível dos conhecimentos obtidos, os procedimentos seguidos, as atividades desenvolvidas, os recursos utilizados, a motivação e a integração dos grupos durante o processo de aprendizagem.

Resultados e Discussão: Como tudo começou?

Os primeiros alunos matriculados foram no turno da tarde. Três alunos iniciaram a turma que começou em meados de setembro. A equipe precisava conhecer os alunos e o primeiro projeto coletivo foi o lançamento de um foguete feito de garrafa pet. Além das questões acadêmicas, o projeto Chão de Fábrica também apresenta uma proposta de trabalho sobre questões de autoconhecimento e de problemas escolares trazidos pelos alunos.

Em um dos encontros, a professora 3 trabalhou com os alunos as impressões sobre a escola de cada um deles. As palavras citadas pelos alunos foram: Bullying, Celular, Sofrimento, Ignorância, Palavrão, Ensino, Cantina, Matemática, Amizade, Palavras, Célula, Professor, Disciplina, Revolta, Roubo, Homicídio, Professores, Tristeza, Materiais escolares, Desnecessária, Depressão, Alegria, Aula, Sala, Estudo, Legal, Não é legal.

Neste mesmo contexto, houve uma conversa com os alunos sobre como os adolescentes são justos, sobre relação de confiança, reconhecimento dos erros por parte deles, etc.

Na aula seguinte, mais um aluno foi matriculado na turma da tarde. Após a apresentação deste, os professores 1 e 2 perguntaram ao novo aluno o que é um cientista e ele respondeu que era alguém que inventava coisas. Os professores falaram sobre o trabalho dos Foguetes que seria inscrito na feira de Ciência e

tecnologia. Dois alunos fechariam a parte matemática e do lançamento correto do foguete, fechar base do foguete e relançar, fazer aerodinâmica com asas e fazer bico. O professor 1 apresentou o simulador de moléculas para o novo aluno e os alunos se dividiram nas tarefas do foguete. Uma das coisas que conseguimos perceber foram os alunos maiores instruindo o aluno novo. Também aconteceu uma conversa sobre trabalho colaborativo.

A turma da tarde foi inscrita no evento da feira de Ciência e Tecnologia de Niterói e depois do sucesso das apresentações na mesma, os alunos e professores foram contemplados com uma premiação na categoria “criatividade”.

Na turma da manhã, as atividades iniciaram em outubro. Os professores 1 e 2 conversaram com os alunos sobre o que fazem os cientistas. Entre as respostas dadas, falaram que buscavam a cura do câncer, faziam experiências, realizavam mistura química, etc.

Conversaram sobre a proposta do foguete como um projeto coletivo. Uma das crianças relatou medo do foguete cair e machucar e foi explicado que o material era leve e não machucaria ninguém. Começaram falando sobre o que precisavam de material para fazer um foguete. Foram para o computador ver o simulador com a explicação de gás, energia e calor. Ocorreu a explicação sobre moléculas e foi perguntado sobre o DNA e sobre “Tudo que tem movimento tem energia”. Um dos alunos perguntou se jogar uma bola tem energia e o professor respondeu que sim. Também aconteceu neste contexto a explicação sobre Energia, temperatura e pressão. Quando falou de pressão, o aluno falou da pressão arterial que se verifica no hospital.

A seguir veio a pergunta dos alunos, se pressão tem relação com gravidade. Ocorreu a explicação do gelo que deixa as moléculas lentas porque tira a energia. Neste encontro, a equipe observou que um dos alunos gostava muito de números e o outro de assuntos relacionados à Biologia. Os alunos receberam seus cadernos de registros e fizeram um desenho de como pensam o foguete. Após o desenho, conversaram sobre os lançamentos feitos e viram os problemas na subida e sobre o que faltava no foguete. Viram vídeo no projetor sobre lançamento de foguete. Depois cada um fez um acessório para o foguete subir corretamente. Ao final da aula, os pais foram incluídos na sala para que os alunos falassem o que tinham feito durante a manhã.

Conclusão

Durante as atividades baseadas e desenvolvidas, tivemos êxito em avaliar não somente o aprendizado técnico, mas também as relações dos alunos com os aspectos como objetos e tarefas propostas, relações intra e interpessoais, além da visão sistêmica que o aluno com altas habilidades ou superdotação apresenta diante dos desafios científicos, e no trabalho em grupo a negociação permanente se faz presente.

Nos meses do ano de 2017, projetos aconteceram de forma coletiva para que a equipe de professores pudesse conhecer os alunos e seus interesses individuais. A partir de 2018, os projetos começaram a ser individualizados em uma parte do tempo e em outra, os alunos continuaram trabalhando em assuntos coletivos.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei n. 5.692, de 11 ago. 1971. Estabelece as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus. Diário Oficial da União, Brasília, 12 ago. 1971.

FLEITH, Denise de Souza (Org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 2: atividades de estimulação de alunos**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

VIRGOLIM, Angela M. R. **Altas habilidade/superdotação: encorajando potenciais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 2 apresentado no VIII Encontro Nacional ConBraSD / III Congresso Internacional sobre Altas Habilidades/Superdotação / I Seminário de Altas Habilidades/Superdotação UCDB. 2018.

A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES EMOCIONAIS E AFETIVAS NO CETAH - NITERÓI – RJ

Mônica Dreux (Escola Solange Dreux)

Juliana Antunes Pessanha (IOC-Fiocruz/RJ)

RESUMO

Os alunos com Altas Habilidades ou Superdotação fazem parte do público alvo da educação especial e devem ser atendidos de acordo com suas especificidades, no intuito de desenvolver seus talentos. Na ausência deste tipo de atendimento na rede privada da cidade de Niterói - RJ, foi composto por um grupo de pesquisadores o Centro de Enriquecimento de Talentos e Altas Habilidades (CETAH), um espaço de acolhimento e enriquecimento dos Talentos e Habilidades, que funciona uma vez por semana, durante três horas, no contraturno escolar. Talentos esses que ainda são negligenciados pela escola, resultando em sérios prejuízos afetivos e emocionais dos alunos em questão. O objetivo deste trabalho é mostrar o processo de reconstrução das relações emocionais e afetivas da clientela integrante do projeto. A metodologia utilizada tem sido a observação minuciosa e atenta dos alunos durante as atividades. Através dessas observações, vão se dando encontros e se montando estratégias em que é possível dialogar sobre as diferentes situações vividas por esses alunos durante a sua trajetória de vida. Uns podem verbalizar, outros se expressam de outros modos, mas trazem seus desconfortos vividos por serem diferentes. O importante é sempre poder intervir, respeitando as singularidades e convocando diferentes elementos que possam contribuir para elevação da autoestima. Ainda que tenha pouco tempo, o projeto vem mostrando resultados muito favoráveis, tendo em vista que os integrantes do projeto vão mudando suas posturas, se sentindo mais autônomos, utilizando suas habilidades para compor projetos importantes e úteis para a vida social.

Palavras-chave: Relações Emocionais. Relações afetivas. Reconstrução. Altas Habilidades ou Superdotação.

Introdução

Os alunos com Altas Habilidades ou Superdotação “apresentam notável desempenho e elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral; aptidão acadêmica

específica; pensamento criativo ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes e capacidade psicomotora” (BRASIL, 1994).

Muito se tem avançado nos estudos técnicos e teóricos sobre as Altas Habilidades ou Superdotação, mas ainda direcionados prioritariamente para a área cognitiva. Em menor escala, encontramos uma literatura que abarque a dimensão socioemocional do Superdotado (ALENCAR, 2007). Temos muitos impasses e quanto mais compartilhamos questões, estudos e pesquisas, mais avançamos na distribuição de um saber que se torna hoje primordial. Nesses escritos, vamos nos ater a um dos fios dessa trama de conhecimento urgente e importante, que se trata do ***universo relacional***.

Um exame dos anais de distintas conferências do Conselho Mundial para o Superdotado e Talentoso apontou, por exemplo, que um percentual muito reduzido dos resumos incluídos focalizaram questões relativas à autoestima, sub-rendimento, problemas emocionais, como perfeccionismo e isolamento, educação afetiva, desenvolvimento assíncrono, entre outros tópicos relativos ou interligados à dimensão socioemocional. Na 13ª Conferência desse Conselho, realizada em Istambul em 1999, apenas 6% dos 127 trabalhos apresentados referiam-se a aspectos socioemocionais da superdotação (ALENCAR, 2007, p. 372).

A escrita desse texto se motiva por um trabalho que vem sendo realizado num Centro de Enriquecimento, em horário de contraturno escolar, uma vez por semana, com duração de três horas. Esse atendimento se iniciou em setembro de 2017, em virtude do não atendimento de forma adequada na rede escolar privada na cidade de Niterói – RJ, criado por um grupo de pesquisadores. Este espaço de acolhimento dos Talentos e Altas habilidades, que ainda são negligenciados pela escola, foi denominado Centro de Enriquecimento de Talentos e Altas Habilidades (CETAH). Dentre os projetos individuais e coletivos desenvolvidos, um fio permeia o trabalho – ***o da construção das relações emocionais e afetivas***.

A clientela que chega vai trazendo suas histórias marcadas por diferentes trajetórias. Estão ávidos de saberes, curiosidades, conexões, mas submetidos aos programas escolares marcados pela repetição e enquadramento dos saberes. Por vezes, tornam-se desmotivados, tristes, isolados e incomodados. Um cenário difícil, pois a escola ainda é despreparada para aqueles que demandam outros modos de aprender e esses alunos insistem em desestabilizar uma seriação regular e contínua. Estes alunos acabam incomodando, atrapalhando, pois

trazem para escola reflexões sobre os modos de condução do aprendizado e de inserção das diferenças. Como vemos em Alencar (2007), “muitos dos problemas que se observam entre alunos que se destacam por um potencial superior têm a ver com o desestímulo e frustração sentida por eles diante de um programa acadêmico que prima pela repetição e monotonia e por um clima psicológico em sala de aula pouco favorável à expressão do potencial superior.” (p. 374).

Nessa desarrumação, muitas vezes os prejuízos relacionais e emocionais se fazem nos alunos. Constroem uma trajetória marcada por exclusões, pois reivindicam relações de saber que não atendem as padronizações. Essas relações necessitam ser construídas, entre aluno e professor, que desacomodam os seus lugares, para dar passagem a um modo de aprender que vai se construindo junto.

A escola no formato que hoje se apresenta com suas diferentes metodologias, prima pela regulação dos saberes, com linhas teóricas de desenvolvimento que se baseiam na padronização da faixa etária/ série, com etapas a serem cumpridas para atingir metas já determinadas. Os professores formados, em sua maioria, como detentores do saber oferecidos aos alunos. Mas hoje, os alunos que destoam e que distorcem a lógica vigente estão cada vez mais presentes, urgindo para que a escola se reinvente. Os alunos com Altas Habilidades ou Superdotação são questionadores, curiosos, querem saber mais, buscam perfeição, são hipersensíveis e, por vezes, a escola não está preparada para lidar com eles. Também, por não encontrarem pares, podem se isolar e hipervalorizar o cognitivo, dificultando a construção socioemocional.

Mas se a história é viva, passível de construção de outras, essa escola que serve para disciplinar e controlar os corpos (Foucault, 1988), a fim de resultados já padronizados a serem alcançados, se vê atualmente desafiada a desestabilizar-se. Muitas se lançam em projetos mais construtivistas, mas ainda são inábeis para lidar com aquilo que não está dentro do esperado. Os alunos com Altas Habilidades e Superdotação estão sempre surpreendendo a escola, com seus modos de apreensão dos saberes por outras vias. E se a escola não acolhe as estranhezas, não se debruça nos acontecimentos para encontrar outras vias pedagógicas, vai produzindo exclusões naturais, pois os afetos vivenciados pelo aluno de não pertencimento, de não se encaixar no que se propõe, se transformam em muitos sintomas comportamentais e emocionais: indisciplina,

distração, apatia, isolamento, entre outros. Não possuem vozes, pois são vistos como intrusos, porque convidam a escola a se reinventar. Uma reinvenção possível, um abrir-se para que outros caminhos pedagógicos possam ser trilhados. E isso é plenamente possível, pois como escreveu Àries (1978), a instituição escolar tradicional nem sempre existiu. É uma invenção do século XIX, aliada às forças da disciplina e dos cuidados com a infância e suas etapas a serem cumpridas para o triunfo da idade adulta. Uma escola que se fez padronizando o saber em espaços e tempos. Uma seriação retilínea e linear sempre objetivando um futuro a ser alcançado. Há muito se discute os desafios da inclusão das diferenças, mas para isso, é preciso reinventar uma outra escola. Não só aquela que cumpre as leis, mas a que efetivamente se abre para construir junto formas de aprender, em que as diferenças contribuam para a vida social, produtiva e criativa. Nesse viés de pensamento, o Centro de Enriquecimento e Altas Habilidades (CETAH) se debruça sobre essas questões, criando um campo problemático em que as soluções se fazem na abertura do acolhimento e cuidado com as singularidades.

Objetivo

O objetivo deste trabalho é mostrar o processo de reconstrução das relações emocionais e afetivas da clientela integrante do projeto.

O CETAH se propõe a ser um espaço que, para além de acolher e desenvolver os talentos e habilidades, auxilie no desenvolvimento socioafetivo destes alunos.

No descompasso do desenvolvimento intelectual e emocional, nos propusemos a intervir de forma a estimular um processo de autonomia. Possibilidades de ferramentas para gerir a vida, compondo com os elementos cognitivos, emocionais e socioafetivos. Como nos diz Renzulli (2014), “aumentar a quantidade de pessoas, na sociedade, que ajudarão na solução de problemas da civilização contemporânea, transformando-se em produtoras de conhecimento e arte, em vez de meras consumidoras de informações existentes” (pág. 223).

Na construção do processo de autonomia, os alunos vão se fortalecendo em suas diferenças e singularidades, afirmando modos de ser importantes para o mundo.

Metodologia

A metodologia utilizada tem sido a observação minuciosa e atenta dos alunos durante as atividades. Através dessas observações vão se dando encontros e se montando estratégias, em que é possível dialogar sobre as diferentes situações vividas por esses alunos durante a sua trajetória de vida. Esses momentos são vividos de modo planejado, (reuniões grupais, temáticas, conversas) assim como também no imprevisto de uma urgência enquanto o trabalho vai acontecendo. Uns podem verbalizar, outros se expressam de outros modos e assim vamos construindo o processo de autonomia. Munidos dos saberes, enquanto ferramentas, podem se autorizar a produzir projetos importantes para o mundo.

Os pesquisadores do Projeto, afetados por posicionamentos que afirmam as diferenças e os diferentes modos de ser e estar no mundo se colocam à disposição, para o acolhimento afetivo, como sustentação dos projetos desenvolvidos. Não se reproduz a escola e os alunos são levados a construir outras formas de lidar com as regras sociais de convivência, que não estão dadas a priori, mas construídas coletivamente e feitas para funcionar. Produzem-se outras que, através de combinações, possam fazer funcionar o trabalho, auxiliando no processo de autonomia, colocando-os ativos no processo.

Também colhemos informações e depoimentos dos familiares, intercambiando estratégias que auxiliem nas múltiplas relações estabelecidas pelos integrantes do projeto. Esta parceria também deveria ocorrer com as escolas desses alunos. Segundo Ourofino (2008), o enlace entre escola e família é essencial na medida em que é nesse território que se manifestam as diferenças culturais e sociais dadas pela história, em que se formaliza a dialética entre a socialização e individualização da pessoa e de seu potencial criativo como um processo individual e um produto social. (p. 262)

Percebemos a relevância de poder incluir no trabalho as diferentes instituições que atravessam o aluno, tais como a escola e a família, em que cada uma dentro de suas funções pode auxiliar no processo de construção das relações socioemocionais dos alunos, formando uma importante rede.

Análise dos Resultados

Os alunos trazem suas questões socioemocionais, manifestadas de diferentes modos no projeto. Interferências são feitas e podem dissolver marcas e abrir possibilidades de outras relações e posicionamentos. Assim, vai se construindo um melhor universo relacional.

No encontro com os pares, num ambiente em que o processo de autonomia é constantemente estimulado, no lugar da obediência e seguimento de padrões, os integrantes vão encontrando respiros para criarem outros modos potentes de estar na vida. O que se funda no espaço do CETAH pode abrir para que outras conexões sejam feitas extramuros.

Os participantes vão se aliando a um modo de construção do saber, integrado aos aspectos socioemocionais. Junto à orientação dos projetos coletivos e individuais e seus devidos conteúdos, atravessa um suporte afetivo e emocional que vai potencializando os integrantes.

Gradativamente envolvidos com os integrantes do projeto (a escola, família, profissionais, terapeutas, dentre outros) vão sendo convocados nessa postura de contágio, de forças que possam se aliar para possibilitar modificações nos aspectos relacionais e emocionais dos participantes.

Considerações Finais

Estamos no início de uma caminhada, que não é fácil, mas que vem trazendo resultados significativos. Competências teóricas e técnicas se somam à sensibilidade e posturas do inclinar-se a esses alunos e de subsidiar saberes de modo saudável, para que eles possam contribuir para o mundo contemporâneo de forma criativa e produtiva. A equipe do CETAH está aprendendo diariamente e se desafiando a outros estudos e pesquisas, que possam contribuir para um melhor atendimento desses alunos.

Referências Bibliográficas

ALENCAR, Eunice Soriano de. Características sócio-emocionais do superdotado: questões atuais. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 12, n. 2, p. 371-378, maio/ago. 2007.

ÁRIES, Phillipe. **História Social da Criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Política nacional de educação especial**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Especial, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1- A vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

OUROFINO, Vanessa T. A. T. de. Pensando e criando: o talento em foco. **Psicologia escolar e educacional**, jun. 2008, v. 12, n. 1, p.257-262. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pee/v12n1/v12n1a18.pdf>> Acesso em Setembro de 2018.

RENZULLI, J. S. **Altas Habilidades/Superdotação, inteligência e criatividade**. Campinas: Editora Papyrus, 2014.

Reflexões sobre o Ser: As relações intra e interpessoais do aluno com AH/SD

Perguntas norteadoras iniciais:

- *Quais as relações intra e interpessoais, além da visão sistêmica, que o aluno com altas habilidades ou superdotação apresenta diante dos desafios científicos e no trabalho em grupo? (TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 1)*

- *Como é o processo de (re)construção das relações emocionais e afetivas do aluno AH/SD? (TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 2)*

Ao analisarmos não só as relações intra e interpessoais, mas também a (re) construção das relações emocionais e afetivas do aluno AH/SD, podemos perceber que o atendimento acadêmico oferecido em espaços como o Projeto Chão de Fábrica, que foi citado no texto científico, contribui para o crescimento não só no campo de aprendizagem nas áreas do conhecimento, mas também com relação às relações intra e interpessoais.

Os alunos, em sua maioria, trazem questões escolares, que puderam ser verbalizadas durante uma atividade realizada no projeto Chão de Fábrica, onde tinham que falar palavras relacionadas ao ambiente escolar, e estes alunos falaram: bullying, sofrimento, ignorância, tristeza, desnecessária, etc.

O processo de reconstrução das relações emocionais e afetivas, diante de toda bagagem emocional trazida por esses alunos de sua vida escolar, pode acontecer com a integração dos alunos, família, terapeutas, além de poder contar com profissionais de escolas que concordaram em conhecer o projeto e as especificidades de seus alunos.

Os pais são fundamentais nessa parceria. Conforme podemos ver em Pereira, 2019 que

(...) a família tem um papel fundamental, pois a união dos gestores com a família desse aluno com AH/SD será importante para o seu desenvolvimento.

Ao pensar no sujeito com características de AH/SD, logo vêm em mente indivíduos com habilidades comportamentais, emocionais e intelectuais como também traços singulares que se manifestam em diferentes espaços que vivem. (p. 10)

Perguntas e referências de cada TDC da categoria *PROFESSOR*

As perguntas abaixo são as mesmas do Quadro 4 e foram colocadas com a função de promover uma leitura melhor.

- Quais são atos legais, em âmbito nacional, que fundamentam o processo de inclusão, no ensino regular, de alunos com altas habilidades ou superdotação? (TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 3)

Martins, A. L. S. dos S.; Pessanha, J. A.; Delou, C. M. C. Processo de Inclusão no Ensino Regular: Legislação e fundamentação. 2018. VIII Encontro Nacional ConBraSD / III Congresso Internacional sobre Altas Habilidades/Superdotação / I Seminário de Altas Habilidades/Superdotação UCDB.

- Como deve ser a capacitação/qualificação do docente para oferecer um atendimento estruturado ao aluno AH/SD? (TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 4)

Dutra, A. R. S.; Pessanha, J. A.; Delou, C. M. C. Formação de Professores em Altas Habilidades ou Superdotação: A experiência de Juiz de Fora - MG (2018). III Simpósio de Altas Habilidades ou Superdotação da UFF: Caminhos para Inclusão.

- É possível que um docente seja capaz de identificar alunos AH/SD, cujo número tem sido subestimado nas escolas? (TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 5)

Pessanha, J. A.; Silva, K.; Almeida, L. da S. Formação de Professores para Identificação de Alunos com Altas Habilidades na Sala de Aula: Estudo de Caso. (2015). X Encontro Internacional de Educadores de Dotados e Talentosos.

TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 3 apresentado no VIII Encontro Nacional ConBraSD / III Congresso Internacional sobre Altas Habilidades/Superdotação / I Seminário de Altas Habilidades/Superdotação UCDB. 2018.

PROCESSO DE INCLUSÃO NO ENSINO REGULAR: LEGISLAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO

Ana Lúcia S. dos S. Martins (CMPDI-UFF)
Juliana Antunes Pessanha (IOC/Fiocruz)
Cristina Maria Carvalho Delou (CMPDI-UFF / IOC-Fiocruz)

RESUMO

A Educação Nacional na perspectiva inclusiva tem exigido, cada vez mais, que as instituições de ensino se organizem para o Atendimento Educacional Especializado, com base nos preceitos legais vigentes. Diante deste cenário, o estudo objetivou a identificação das normas legítimas, que determinam o preparo das unidades de ensino regular, públicas e privadas, através dos documentos e procedimentos escolares, para a inclusão de alunos com altas habilidades ou superdotação. Os objetivos específicos compreendem o reconhecimento do conceito legal de alunos com altas habilidades ou superdotação e dos atos legais relacionados à documentação e ao processo de inclusão escolar, no ensino regular. A partir de uma pesquisa documental aliada a estudo bibliográfico, buscou-se a associação das fontes primárias exploradas – atos jurídicos em âmbito nacional – às atividades realizadas pelas escolas, considerando a especificidade do público em foco. Constatou-se a essencialidade, dos estabelecimentos de ensino regular, em fundamentar legalmente os documentos e as ações escolares para garantir o processo inclusivo de estudantes com altas habilidades ou superdotação. Destarte, a pesquisa firmou-se no entendimento do compromisso legal e social, das unidades educacionais, em formar cidadãos e prepará-los para estudos posteriores, de acordo com a capacidade de cada um. Palavras-chaves: Legislação. Altas Habilidades ou Superdotação. Escola. Inclusão.

Introdução

A legislação educacional brasileira apresenta uma gama de dispositivos legítimos que denotam a obrigação das escolas, em âmbito público e privado, se

prepararem para assegurar a Educação Especial, com o Atendimento Educacional Especializado, para alunos com altas habilidades ou superdotação, nas suas propostas educacionais.

O Projeto Político Pedagógico ou a Proposta Pedagógica da Escola contempla toda a forma de organização escolar adotada. Tal documento precisa ser construído coletivamente com ética e responsabilidade e garantir o aparato legal que engloba a Educação como um todo e, em específico, a Educação Especial – foco neste trabalho – como modalidade de educação, presente em toda a estrutura do sistema educacional brasileiro, considerando níveis, etapas e outras modalidades de ensino.

O ordenamento jurídico brasileiro determina que *ninguém se escusa de cumprir a lei, alegando que não a conhece* (BRASIL, 1942) e, neste sentido, é certa a necessidade das escolas conhecerem os dispositivos legais que norteiam o processo escolar inclusivo.

O compromisso legítimo dos estabelecimentos escolares se respalda na previsão legal dos sistemas de ensino terem a autonomia de se organizar nos termos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e do ensino privado atender ao cumprimento dos preceitos da educação nacional e do seu sistema de ensino (BRASIL, 1996).

Nessa linha, complementa-se com o disposto no artigo 2º, da Resolução CNE/CEB nº 2, de 2001, em que *os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos* (BRASIL, 2001).

Diante deste cenário, a pesquisa delineou objetivos e desenvolveu um estudo exploratório que associou documentos originais – normas jurídicas – a dados bibliográficos, a fim de proporcionar diretrizes para as escolas organizarem seus documentos e suas ações educativas, na perspectiva inclusiva.

Objetivos

O objetivo geral da pesquisa pautou-se em identificar atos legais, em âmbito nacional, que fundamentam o processo de inclusão, no ensino regular, de

alunos com altas habilidades ou superdotação, com vistas à preparação das escolas através de seus documentos.

Os objetivos específicos compreenderam a identificação do conceito de alunos com altas habilidades ou superdotação em preceito legal e a pesquisa às normas educacionais vigentes, em esfera federal, na perspectiva dos documentos e procedimentos escolares relacionados à educação escolar inclusiva, na modalidade regular.

Metodologia

Foram consultadas fontes primárias para a identificação de dispositivos legais da Educação Nacional que devem embasar o planejamento das escolas de ensino regular para a oferta do Atendimento Educacional Especializado, na forma suplementar, associando procedimentos escolares reconhecidos legalmente com as especificidades do processo inclusivo de educandos com altas habilidades ou superdotação.

Assim, o presente trabalho atrelou uma pesquisa documental pautada na *exploração das fontes documentais* (GIL, 2008) – atos jurídicos – a uma pesquisa bibliográfica, com vistas à conexão com as questões relacionadas à organização escolar e aos alunos com altas habilidades ou superdotação.

Análise de Resultados

A pesquisa identificou princípios legais que norteiam a organização das escolas para a oferta de educação inclusiva, na modalidade regular, a alunos com altas habilidades ou superdotação, a partir de documentos e procedimentos escolares.

A Lei nº 9394, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, define que a Educação Especial é *a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação* (BRASIL, 1996).

O trecho acima apresenta a obrigatoriedade de oferta da Educação Especial pelas escolas, preferencialmente em turmas de ensino regular e define

que os alunos com altas habilidades ou superdotação – foco deste trabalho – devem ser atendidos por esta modalidade de educação.

Os alunos com altas habilidades ou superdotação são identificados, pelos atos legais, como *aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade* (BRASIL, 2009) e *ainda com grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes* (BRASIL, 2001).

O Atendimento Educacional Especializado apresenta uma função suplementar para os alunos com altas habilidades ou superdotação e é oferecido, prioritariamente, em salas de recursos multifuncionais. Ademais, estes alunos devem ter *atividades de enriquecimento curricular desenvolvidas no âmbito de escolas públicas de ensino regular em interface com os núcleos de atividades (...) e com as instituições de ensino superior e institutos voltados ao desenvolvimento e promoção da pesquisa, das artes e dos esportes* (BRASIL, 2009).

Virgolim (2012) apresenta que o enriquecimento curricular pressupõe o fornecimento de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras que estimulem o potencial dos alunos e que normalmente não são apresentadas no currículo regular (MOREIRA; STOLTZ, 2012).

Determinam os atos legais que as escolas devem disponibilizar docentes qualificados para o atendimento especializado nas turmas regulares e nas salas de recursos multifuncionais, além de *currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades* (BRASIL, 1996) e para os estudantes com altas habilidades ou superdotação *atividades que desenvolvam o enriquecimento curricular e a possibilidade de conclusão de anos ou etapas escolares em tempo reduzido* (BRASIL, 2001).

Cabe à escola elaborar um plano individualizado de acompanhamento durante todo o período letivo ao aluno com altas habilidades ou superdotação que venha a ser matriculado, bem como ao estudante que, após avaliação, foi identificado com o mesmo perfil.

A Resolução nº 04/2009 define como uma das atribuições do professor do Atendimento Educacional Especializado *elaborar e executar plano de Atendimento Educacional Especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade* (BRASIL, 2009).

Quanto ao tempo de conclusão de anos e etapas escolares para alunos com altas habilidades ou superdotação, a Lei nº 9394/1996 determina expressamente que os sistemas de ensino devem assegurar *aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados* (BRASIL, 1996).

Há um entendimento de que o aluno que participou do processo de aceleração suprimiu etapas de seu desenvolvimento, porém, na realidade, estas aconteceram de forma tão rápida que não foram observadas (DELOU, 2014). Delou (2014) pontua ainda que *a aceleração de estudos é um processo escolar que foge ao padrão usual da seriação, exigindo compatibilidade com a legislação vigente*. (DELOU, 2014).

Segundo a Lei nº 9394, as escolas de Educação Básica podem se organizar *em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar* (BRASIL, 1996). A mesma norma legal também dispõe como um dos critérios de aferição do rendimento escolar *a possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado* (BRASIL, 1996).

Ciente do ônus legal com a educação inclusiva, a escola deve buscar uma organização para nortear as ações, a fim de que o processo de inclusão ocorra de forma legítima. Desse modo, decisivo é o registro, no seu Projeto Político Pedagógico, de toda a estrutura organizacional alinhada à perspectiva inclusiva e à oferta do Atendimento Educacional Especializado, em consonância com as normas vigentes e o compromisso social de formar cidadãos e prepará-los para os estudos posteriores, compreendida a capacidade de cada um.

Considerações finais

Diante da reflexão proposta, a partir dos atos legítimos reconhecidos, retrata-se a autonomia das instituições de ensino, públicas e privadas, cerceada pelos preceitos jurídicos determinados pela Educação Nacional.

A elaboração dos Projetos Políticos Pedagógicos é obrigatória e deve estar em conformidade com a legislação vigente e com a responsabilidade da escola em descrever todos os componentes adotados e necessários a um Atendimento

Educacional Especializado, tais como: organização da escola, plano individualizado, adaptação de currículos e métodos, aceleração de estudos, conclusão de anos e etapas em tempo menor.

A partir do documento implementado, as unidades devem garantir a matrícula de estudantes com altas habilidades ou superdotação, bem como, atender alunos já matriculados e identificados com o mesmo perfil após avaliação na própria instituição, sempre respeitando suas especificidades.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Casa Civil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional*. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 03 ago 2018.

-----, Conselho Nacional de educação. Câmara de Educação Básica. Resolução N.º 02/2001. *Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica*. Brasília, DF, 2001. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res2_b.pdf. Acesso em 03 ago 2018.

_____, Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 04, de 02 de outubro de 2009. *Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial*. Brasília, DF, 2009. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso 04 ago 2018

_____. Decreto-Lei nº 4.657, de 4 de setembro de 1942. *Lei de Introdução às normas do Direito Brasileiro*. Brasília, DF, 1942. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del4657compilado.htm. Acesso em 09 ago 2018.

DELOU, Cristina Maria Carvalho. O funcionamento do Programa de Atendimento a Alunos com Altas habilidades/Superdotação (PAAAH/SD-RJ). **Revista Educação Especial**, Santa Maria/RS: v.27, 2014. N.50, p.675-688, set/dez.2014

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MOREIRA, Laura Ceretta; STOLTZ, Tania. (Org.). **Altas Habilidades/Superdotação, Talento, Dotação e Educação**. 1ed. Curitiba: Juruá, 2012, v. 1, p. 129-142.

TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 4 apresentado no III Simpósio de Altas Habilidades ou Superdotação da UFF: Caminhos para Inclusão. 2018.

Formação de Professores em Altas Habilidades ou Superdotação: A experiência de Juiz de Fora - MG

Aline Rinco Salgado Dutra¹
Juliana Antunes Pessanha²
Cristina Maria Carvalho Delou³

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação PPBI-UFF; alinerinco2@gmail.com;

²Doutoranda do Programa de Pós-Graduação EBS-FIOCRUZ; julypessanha84@gmail.com;

³ Docente dos programas de Pós-graduação PPBI e CMPDI na UFF e Docente Colaboradora no programa de Pós-Graduação EBS-FIOCRUZ; Pesquisadora do CNPq Nível 2; cristinadelou@id.uff.br

RESUMO

O presente estudo apresenta o resultado de uma pesquisa realizada na Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora (MG), junto aos profissionais que atuam na sala de aula regular, na sala de recursos multifuncionais e nos Centros de Atendimento Educacional Especializado. A metodologia de pesquisa adotada foi o modelo exploratório, a partir da análise dos documentos produzidos durante o curso “Altas Habilidades na Escola”. A coleta de dados foi feita com a utilização de questionários estruturados, pré-teste, com o objetivo de averiguar o nível de conhecimento prévio dos profissionais, e o pós-teste, que avaliou mudanças nos saberes dos participantes do curso, critério para atuar junto aos alunos com altas habilidades ou superdotação com qualidade, após a formação. Defende-se que o professor precisa estar qualificado para oferecer um atendimento estruturado por uma proposta pedagógica que leve em conta as peculiaridades dos alunos e que o oriente a atuar com segurança, com objetividade e com qualidade.

Palavras-chave: altas habilidades/superdotação; educação especial; formação docente

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a educação brasileira passou por grandes transformações no âmbito da educação especial. Novos documentos legais determinaram modos de acesso, permanência dos alunos na escola, conceitos, concepções e legislações. Em 2008, o MEC instituiu a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, tendo como objetivo garantir na escola regular, o acesso, a participação, a aprendizagem e a continuidade nos níveis mais elevados do ensino aos alunos público-alvo da Educação Especial, bem como a oferta do Atendimento Educacional Especializado no contraturno. Para tanto, foi necessário garantir a formação de professores em Atendimento Educacional Especializado (AEE) para atuar na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), e demais profissionais da educação para a inclusão. (BRASIL, 2008). Em 2013 e em 2015, o MEC fez alterações e inclusões na LDB que acabam por exigir mais dos professores tanto em formação quanto em atuação profissional na identificação precoce, atendimento educacional especializado, tomada de decisão, aceleração de estudos e notificação no Cadastro Nacional. (BRASIL, 2013, 2015).

No que concerne a atuação dos professores junto aos alunos com altas habilidades (AH), o desafio da atualidade é desencadear atitudes que permitam ao professor desempenhar seu papel de ensinar e aprender para a diversidade de maneira responsável e efetiva. Para que haja inclusão desses alunos no Sistema Educacional Brasileiro, torna-se indispensável a oferta de cursos de formação continuada para a identificação, atuação nas salas de aula regulares e no AEE. Para Salgado (2017), as mudanças ocorridas, ao longo da história da Educação Especial, destacam a importância de assegurar aos alunos com AH os mesmos direitos que foram proporcionados por décadas aos demais. Esses direitos garantem educação de qualidade em salas regulares, atendimento em SRM, recursos didáticos variados e professores capacitados, podendo-se afirmar que, somente assim, a escola será realmente um lugar para todos.

MATERIAIS E MÉTODO

A formação de profissionais em condições de lidar com os alunos com AH é muito precária. Pedagogos recém-formados nas melhores faculdades do país nunca ouviram falar em atendimento especial para crianças com AH, o que torna o

trabalho um grande desafio (PÉREZ, 2008). Buscando propor meios para subsidiar a formação continuada aos profissionais da Rede Municipal de Educação de Juiz de Fora, na área das AH ou SD, além de oportunizar o conhecimento específico para o processo de identificação dos alunos com essas características, uma parceria entre o Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI), da Universidade Federal Fluminense (UFF), com a Secretaria de Educação do município de Juiz de Fora - MG foi efetivada, tendo em vista promover um curso de extensão aos docentes que atuam nas salas de aula regulares, nas salas de recursos multifuncionais das escolas municipais e nos Centros de Atendimento Educacional Especializados.

O curso de extensão, semipresencial, “Altas Habilidades na Escola” (PESSANHA, 2015), foi previsto com a carga horária total de 120 horas, contou com 8 encontros presenciais que aconteciam semanalmente e ainda possuía uma carga horária a distância, onde eram enviados textos para leitura, vídeos e notícias relacionados a altas habilidades. Nos encontros presenciais alguns temas eram trabalhados e dúvidas, sanadas. Os cursistas responderam perguntas no pré e pós teste, e focaremos em algumas questões específicas para discussão, neste trabalho, tais como: *“Formação Acadêmica”, “Possui conhecimentos sobre altas habilidades ou superdotação (AH/SD)?”, “Caso possua, como obteve esses conhecimentos?”, “Em sua opinião qual é o profissional responsável pela identificação desses alunos?”*. Cada questão foi respondida e as respostas foram organizadas em tabelas. Do curso, participaram 57 professores que responderam o pré e o pós teste.

RESULTADOS

Formação Acadêmica	
Graduação	8
Especialização	35
Mestrado	13
Doutorado	0
Outro	1

Tabela 1: Formação Acadêmica

Possui conhecimentos sobre altas habilidades ou superdotação (AH/SD)?	
Pré Teste	Pós Teste
Sim 19	Sim 44
Não 38	Não 13

Tabela 2: Pré e Pós teste da questão “Possui conhecimentos sobre altas habilidades ou superdotação (AH/SD)?”

Caso possua, como obteve esses conhecimentos?		
	Pré Teste	Pós Teste
Graduação	0	1
Especialização	3	4
Mestrado	0	2
Doutorado	0	0
Outros Cursos	5	42
Palestras	8	9
Leituras Independentes	12	12
Outros	6	7

Tabela 3: Pré e Pós teste da questão “Caso possua, como obteve esses conhecimentos?”

Em sua opinião qual é o profissional responsável pela identificação desses alunos?		
	Pré Teste	Pós Teste
Médico	0	0
Psicólogo	9	3
Professor	48	54

Tabela 4: Pré e Pós teste da questão “Em sua opinião qual é o profissional responsável pela identificação desses alunos?”

DISCUSSÃO

A tabela 1, mostra que apesar da maioria dos professores terem formação como graduação, especialização e mestrado, eles não possuem conhecimentos (Tabela 2) sobre altas habilidades ou superdotação. Ainda que este conteúdo não

seja trabalhado em seus cursos, a maioria reconhece que quem deve identificar esses alunos são os professores, e não os médicos (Tabela 4). Os professores que têm algum conhecimento alegam que seus conhecimentos foram obtidos em palestras, cursos ou leituras independentes (Tabela 3). Consideramos que os professores precisam chamar para si a responsabilidade de se informar sobre os públicos que poderão encontrar em seu cotidiano escolar, tendo em vista que nem todos os cursos, seja graduação ou pós-graduação, dão conta de explorar todo o público-alvo da educação especial.

Outro resultado encontrado foi que o número de professores que afirma ter conhecimentos sobre altas habilidades cresceu após a realização do curso, passando de 19 no pré-teste para 44 no pós teste. Ainda assim, 13 professores afirmaram no pós teste não ter conhecimentos sobre altas habilidades ou superdotação. Desde 2001, o Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/2001) estabeleceu objetivos e metas para que os sistemas de ensino favorecessem o atendimento aos estudantes público-alvo da Educação Especial. Desde então, já havia déficit referente à formação docente e ao atendimento educacional especializado. Ainda na perspectiva inclusiva, a Resolução CNE/CP nº 1/2002, que estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, definiu que as instituições de ensino superior devem prever, em sua organização curricular, formação docente voltada para a atenção à diversidade e que contemple conhecimentos sobre as especificidades dos estudantes com altas habilidades ou superdotação. Assuntos que devem fazer parte da grade de disciplinas dos cursos de Pedagogia e das licenciaturas porque todos trabalham com formação de professores que entrarão em contato com todo tipo de aluno.

Em 2005, com a implantação de Núcleos de Atividades de Altas habilidades ou superdotação nos Estados e no Distrito Federal, foram previstos o atendimento aos alunos com altas habilidades ou superdotação, a formação e a capacitação dos professores e profissionais da educação para identificar e atender a esses alunos e o atendimento à família. Segundo Delou (2014, p. 82), *“com tantas inovações, há que se preparar o professor para identificar e atender adequadamente esses alunos nos sistemas regulares de ensino [...]”*. Em 2007, o Plano de Desenvolvimento da Educação, reafirmado pela Agenda Social, teve como eixos a formação de professores para a educação especial.

A divulgação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, em 2008, não afetou as práticas pedagógicas dos docentes que participaram da pesquisa, assim como as mudanças ocorridas na LDB em 2013 e 2015. Quanto à avaliação final do curso, constatou-se a relevância do curso oferecido aos docentes, organizando as discussões, transmitindo conhecimentos e novas perspectivas sobre os alunos com altas habilidades ou superdotação que frequentam os espaços escolares, mas que continuam na invisibilidade, conforme comprovam as estatísticas.

CONCLUSÕES

As legislações previram capacitação dos professores para identificar e atender os alunos com altas habilidades ou superdotação. A atuação docente ainda deixa a desejar. Os professores ignoram a existência dos alunos em sala de aula. Quando conseguem informações por conta própria, com cursos de extensão ou leituras independentes e chegam a identificá-los, acabam esbarrando com a inexistência de salas de recursos apropriadas, com professores qualificados para realizar a suplementação do ensino à qual têm direito. Para que se consolide o que a legislação em vigência determina para alunos com altas habilidades ou superdotação, todos os esforços devem ser efetivados para assegurar os procedimentos administrativos e pedagógicos necessários, de forma a sanar as falhas ainda existentes quanto ao que se deve fazer e o que está sendo proposto para que esse alunado, público-alvo da Educação Especial, esteja de fato incluído no Sistema Educacional Brasileiro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 10 jan. 2001.

_____. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP 1/ 2002. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de abril de 2002a. Seção 1, p. 31. Republicada por ter saído com incorreção do original no D.O.U. de 4 de março de 2002. Seção 1, p. 8.

_____. Documento Orientador para a Implantação dos Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação. Brasília: MEC/SEESP, 2006. 64 p.

_____. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. MEC/SEESP, Brasília, DF, 07 jan. 2008.

_____. Lei Nº 12.796, de 4 de abril de 2013, que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, 2013.

_____. Lei Nº 13.234, de 29 de dezembro de 2015, que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a identificação, o cadastramento e o atendimento, na educação básica e na educação superior, de alunos com altas habilidades ou superdotação. Brasília, 2015.

DELOU, Cristina Maria Carvalho. Lista Básica de indicadores de superdotação: parâmetros para a observação de alunos em sala de aula. In: LEHMANN, Lucia de Mello e Souza; COUTINHO, Luciana Gageiro (Org.). **Psicologia e Educação: interfaces**. v. 9. Niterói: Eduff, 2014. 153p. cap. 4, p. 71-93. (Série Práxis Educativa).

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera. Inclusão para Superdotados. **Ciências Hoje**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 245, fev. 2008.

PESSANHA, Juliana Antunes. **Altas habilidades na escola: curso de capacitação de professores**. 2015. 108f. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2015.

SALGADO, Aline Rinco Dutra. **Política Pública Municipal de Educação para alunos com Altas Habilidades ou Superdotação: proposta para Juiz de Fora – MG**. 2017. 142f. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2017.

TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 5 apresentado no X Encontro Internacional de Educadores de Dotados e Talentosos. 2015.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA IDENTIFICAÇÃO DE ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES NA SALA DE AULA: ESTUDO DE CASO

Juliana Antunes Pessanha, UFF, julypessanha84@gmail.com
Katia Silva, IHA, katiasilva013@rioeduca.net
Leandro da Silva Almeida, UMINHO, leandro@ie.uminho.pt

Segundo a legislação educacional em vigor, as escolas são responsáveis pelo atendimento educacional especializado (AEE) para todo o público-alvo da Educação Especial; logo, para os alunos com altas habilidades, que são aqueles que “apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade”. (BRASIL, 2009, Art. 3º, III). Em tese, a oferta de serviços de apoio especializado garante o acesso à escolarização ao nível de cada estudante e a eliminação das barreiras que impedem a escolarização.

Contudo, a falta de formação profissional especializada para os professores que atendem nas salas de recursos multifuncionais mostra um tipo de exclusão na escola até então desconhecida. Antes, o aluno com altas habilidades não era atendido porque não existia o serviço. Agora, o aluno não é atendido porque embora haja o serviço, o professor lotado e remunerado não tem formação para o trabalho. Ou será que “não ter formação” vai se tornar mais um mito na educação de alunos com altas habilidades?

Essa queixa é comum entre os profissionais da Educação que ainda não caíram em si com relação às consequências do que significa ter um diploma para o exercício do magistério e dizer que não tem formação para tal. Cabe à Educação Especial garantir o atendimento educacional especializado (AEE) para complementar a formação de estudantes com altas habilidades ou superdotação e, para isso, é preciso professor qualificado.

Desde 1996, a LDB prevê o atendimento educacional especializado complementar para alunos com altas habilidades ou superdotação nas redes regulares de ensino. Entretanto, a SME ainda não informa no Censo Escolar do INEP, o número de alunos com altas habilidades ou superdotação atendidos nas duas

modalidades existentes no município: salas de recursos multifuncionais e empresas conveniadas como previsto na Resolução CNE/CEB Nº 04/2009 (DELOU, 2007).

Suplementação de ensino significa apresentar os assuntos de interesse do aluno na forma de conteúdos com maior abrangência do que os que estão contidos no currículo da escola. (DELOU; PEREIRA; MELLO; MARINHO; MARIANI; CASTRO, 2012). De acordo com esta Resolução, os alunos com altas habilidades ou superdotação devem ter as atividades de enriquecimento curricular desenvolvidas nas escolas públicas de ensino regular junto com os núcleos de atividades para altas habilidades ou superdotação e com as instituições de ensino superior e institutos, com objetivo de desenvolver e promover pesquisa, enriquecimento no desenvolvimento nas artes e também nos esportes. Por isso, identificar esses alunos nas escolas passou a ser um grande desafio.

O parecer nº 17/2001 nos traz que é um desafio da educação fazer com que os alunos, inclusive os alunos com necessidades educacionais especiais, e incluídos neste grupo os alunos com altas habilidades, precocidade, superdotação, tenham o acesso aos conteúdos básicos que a escolarização deve proporcionar. Para modificar o estado da arte relacionado aos fazeres pedagógicos que tornaram os alunos com altas habilidades excluídos na escola, uma capacitação de professores foi realizada em uma rede pública de ensino, como produto final do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da UFF. Um curso semipresencial foi oferecido como pesquisa-ação.

A principal motivação para a realização deste tipo de pesquisa deve ser o desvelamento dos mecanismos de exploração, da consciência libertadora e da luta pela transformação, ou seja, um real desejo de mudança. (MACHADO, 2008). Ao identificar que havia uma demanda específica de formação de professores, comprometida com a política pública de educação inclusiva e que dependia da mudança de atitudes dos professores a fim de que alunos com AH/SD pudessem ter seus direitos educacionais reconhecidos, decidiu-se realizar o estudo por meio de pesquisa-ação.

Para a realização da etapa à distância do curso, foram utilizados materiais de ensino, como arquivos em Power Point, artigos, textos, leis, instrumentos de identificação de alunos com AH/SD nas salas de aulas regulares, reportagens de jornais, vídeos, documentários, endereços de filmes para serem acessados,

instrumentos para a realização da pesquisa-ação, estudo de caso. Além disso, foram feitos pré-teste e pós-teste, avaliação semanal de “Completamento de Frases” e os Estudos de Casos para a identificação de alunos com altas habilidades nas escolas.

Durante oito encontros presenciais (24h), os professores foram orientados para a realização de estudos individuais e Estudos de Casos dinâmicos e verdadeiros (96h). A identificação se baseou em dois conceitos fundamentais: o de Joseph Renzulli e o da legislação em vigor. Os professores foram treinados para a utilização de três instrumentos de observação em sala de aula. Dois instrumentos foram organizados no Programa Excel, do Pacote Microsoft Office (2010) e apresentavam os comportamentos acadêmicos e sociais que deveriam ser registrados em função da sua frequência. O terceiro demandava que o professor descrevesse as preferências escolares dos alunos e indicava a conclusão do Estudo de Caso.

Para a divulgação dos Estudos de Caso em seminário planejado para a avaliação do curso, foi elaborado um arquivo em Power Point que suportava as duas planilhas do Excel. Simultaneamente, e de forma dinâmica, foram apresentados os gráficos que indicavam visualmente se o aluno demonstrava altas habilidades ou não. Em suas considerações finais, o estudo mostrou que subestima-se o número de alunos com altas habilidades na escola; a capacitação mostrou que professores foram capazes de identificar alunos matriculados sem qualquer AEE, acarretando desperdício de talentos e que a avaliação final da capacitação realizada foi valorizada e otimista.

Palavras-Chave: altas habilidades; formação de professores; identificação; atendimento especializado.

Referências Bibliográficas:

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. Indivíduos com Altas Habilidades/Superdotação: Clarificando Conceitos, Desfazendo Ideias Errôneas. Fleith, Denise de Souza (org) **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação:** volume 1: orientação a

professores / organização: Denise de Souza Fleith. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

ALMEIDA, Leandro S; MORAIS, M. F; RAMALHO, V.. **Programa de “Promoção Cognitiva”**: **Actividades de treino cognitivo na adolescência**. ed. 5. Braga: Psiquilíbrios, 2009.

ALMEIDA, Leandro S.; FLEITH, Denise S.; OLIVEIRA, Ema P.. Sobredotação: Respostas Educativas. 1. ed. Braga: Associação para o Desenvolvimento da Investigação em Psicologia da Educação (ADIPSIEDUC), 2013. v. 1. 146p .

ANTIPOFF, C. A.; CAMPOS, R. H. F. Superdotação e seus mitos. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP, v. 14, n. 2, p. 301-309, jul./dez, de 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais : Adaptações Curriculares / Secretaria de Educação Fundamental*. Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC /SEF/SEESP, 1998. 62 p.

BRASIL. *Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais*. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9.394*, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica*. Parecer CNE/CEB Nº 17. Secretaria de Educação Especial - MEC/SEESP, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. *Resolução CNE/CEB Nº 02*. Secretaria de Educação Especial - MEC/SEESP, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei Nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001*. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Microdados da Educação Básica/Censo Escolar 2010. Brasília: MEC/INEP, 2010

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. *Resolução N.º 04/2009*. Disponível no site http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12716&Itemid=863, em 26/03/2011.

BRASIL. CASA CIVIL. *Decreto N.º 7.611/2011*. Disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm, em 2013.

DELOU, Cristina Maria Carvalho. **Educação dos alunos com altas habilidades/superdotação: legislação e políticas educacionais para a inclusão**. In: FLEITH, D. (Org.). *A construção de práticas educacionais: Orientação a Professores*. V.2. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, 2007.

DELOU, Cristina Maria Carvalho; GUIMARAES, Isabelle Mazza; CORTES, C. E. S.; OLIVEIRA, R. D. V. L.; MARINHO, Lourena Pinheiro; OLIVEIRA, Ruth Maria Mariani; RODRIGUES, Carlos Rangel; CASTRO, Helena Carla. *A Educação Inclusiva e a Escola de Inclusão: (In) Formando para Continuamente Formar*. **Fio da Ação**, v. 2, p. 51-71, 2012.

GUIMARÃES, ANA CRISTINA MAIA. **Um Estudo Sobre A Formação Do Professor E A Inclusão Da Criança Superdotada**. (Dissertação de Mestrado). UNIUBE. Uberaba, 2004.

LÉVY, P. **Cibercultura**: tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, Valeria Bolognini F. **Fundamentos epistemológicos e metodológicos da Pesquisa-ação**. 2008. Disponível em <http://pt.slideshare.net/vallmachado/a-pesquisa-acao>, em 10/03/2014.

RENZULLI, Joseph S. **O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos**. Educação. Tradução de Susana Graciela Pérez Barrera Pérez. Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 1, p. 75 - 121, jan/abr. 2004.

Reflexões sobre As Altas Habilidades e Formação Docente

Perguntas Norteadoras iniciais

- Quais são atos legais, em âmbito nacional, que fundamentam o processo de inclusão, no ensino regular, de alunos com altas habilidades ou superdotação? (TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 3)

- Como deve ser a capacitação/qualificação do docente para oferecer um atendimento estruturado ao aluno AH/SD? (TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 4)

- É possível que um docente seja capaz de identificar alunos AH/SD, cujo número tem sido subestimado nas escolas? (TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 5)

Ao analisarmos a temática mencionada nesta categoria de textos científicos, vemos que documentos na legislação são mais presentes na teoria. Isso deve ter como justificativa o fato de que estes documentos deveriam garantir não só o atendimento do aluno AH/SD, mas também a formação de professores para atender esse público.

Para contribuir com essa questão da formação, dois textos científicos foram escritos baseados em experiências de cursos semipresenciais de AH/SD para profissionais da educação mostrando diferentes realidades: MG e RJ. Com objetivo de garantir que os documentos legais sejam colocados em prática, é preciso investimento em formação docente e fiscalização para que o aluno possa ter um trabalho diferenciado, de qualidade, levando em consideração as habilidades individuais de cada um.

Na análise de resultados do texto científico sobre Juiz de Fora, percebemos que a maioria dos professores (sujeitos da pesquisa) não tem conhecimento de AH/SD (38 do total de 57). Outra coisa que nos chama atenção é que, mesmo com o curso oferecido para 57 profissionais, 13 professores responderam que ainda não conheciam (AH/SD). A maioria dos professores também coloca na pesquisa que na graduação não tiveram nenhum conteúdo relacionado a AH:SD.

Sendo assim, podemos concordar com Rech e Negrini (2019) quando nos colocam que:

(...) a inclusão somente se efetivará realmente para este público de estudantes com altas habilidades/superdotação quando se lançar forças para a formação dos professores, desde sua formação inicial, assim como na formação continuada aos professores em exercício docente, para que se apropriem de conhecimentos adequados sobre o tema, desvinculando-se de mitos e representações equivocadas sobre o assunto das altas habilidades/superdotação, para realizar assim os encaminhamentos necessários junto ao profissional da educação especial. (p. 497)

Sendo assim, nossos resultados indicam que a formação precisa que ser feita, preferencialmente na formação inicial, e caso não tenha ocorrido, que o profissional de Educação busque esse conhecimento na formação continuada, para que os alunos sejam identificados e atendidos em suas singularidades de aprendizagem.

Perguntas e referências de cada TDC da categoria *ENSINO*

- O aluno AH/SD é favorecido com o uso de estratégias diferenciadas, como por exemplo, o ensino de ciências de forma exploratória e experimental? (TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 6)

Pessanha, J. A.; Gomes, M. R. ; Delou, C. M. C. O ensino de ciências para alunos com altas habilidades ou superdotação no CETAH - Niterói - RJ. In: Francisco José Figueiredo Coelho; Gildete da S. Amorim Mendes Francisco. (Org.). Cadernos de ensino de ciências, saúde e biotecnologia. 1ed.: Paco Editorial, 2018, v. , p. 159-170

- Quais os avanços e possibilidades de inclusão de alunos com altas habilidades ou superdotação no ensino superior antes ou depois do vestibular oficial? (TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 7)

Delou, C. M. C. ; Garcia, J. M. ; Melo, W. V. ; Pessanha, J. A.; Castro, H. C. ; Giannini, R. L. F. ; Cardoso, F. S. . As altas habilidades ou superdotação no ensino superior: possibilidades e avanços no Brasil. In: Angela Virgolim. (Org.). Altas Habilidades/Superdotação: Processos criativos, afetivos e desenvolvimento de potenciais. 1ed.Curitiba: Juruá Editora, 2018, v. 1, p. 287-305.

TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 6 publicado no livro Cadernos de ensino de Ciências, Saúde e Biotecnologia. 1ed.: Paco Editorial, 2018, p. 159-170

O ENSINO DE CIÊNCIAS PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO NO CETAH – NITERÓI – RJ

Juliana Antunes Pessanha (IOC-FIOCRUZ)
Maurício Ribeiro Gomes (PPBI-UFF)
Cristina Maria Carvalho Delou (CMPDI / PPBI – UFF)

RESUMO

O Centro de Enriquecimento de Talentos e Altas Habilidades acontece na Escola Solange Dreux em Niterói. Este projeto realizado na rede privada foi criado diante da necessidade do atendimento especializado, que de acordo com a legislação educacional, é direito dos alunos com altas habilidades ou superdotação. O presente trabalho tem o objetivo de mostrar algumas atividades de enriquecimento realizadas pelos alunos do CETAH, que envolvem o ensino de ciências para alunos identificados com altas habilidades. Neste projeto, os alunos frequentam semanalmente o espaço uma vez por semana, durante três horas, e realizam projetos individuais e coletivos, direcionados a sua área de interesse, no intuito de desenvolverem suas habilidades. Ele se desenvolve desde setembro de 2017 e os alunos atendidos têm nos mostrado que o desenvolvimento das suas habilidades e a convivência com seus pares interfere diretamente na autoestima de cada um, nas suas relações familiares e na sua relação com o aprendizado.

1. INTRODUÇÃO

Os alunos com altas habilidades fazem parte do público-alvo da educação especial desde a Lei de Diretrizes e Bases de 1971. Porém, mesmo depois de décadas, o atendimento e identificação desses alunos nas escolas ainda não acontece conforme a legislação, sendo garantido por lei, mas, na prática, a maioria dos professores não consegue identificar, nem encaminhar para o atendimento educacional especializado.

2. O CETAH – Projeto Chão de Fábrica e o Enriquecimento Curricular

O Centro de Enriquecimento de Talentos e Altas Habilidades (CETAH) - Projeto Chão de Fábrica - foi criado na Escola Solange Dreux, por um grupo de professores pesquisadores que se uniu com a tarefa de organizar um espaço que acolhesse alunos com pareceres de Altas Habilidades ou Superdotação. Estes perceberam a necessidade e inexistência de um atendimento educacional especializado para os alunos na rede privada na cidade de Niterói – RJ.

Mas quem são esses alunos? A teoria dos três anéis, de Renzulli, aponta que o aluno com altas habilidades ou superdotação é aquele que apresenta as seguintes características: capacidade acima da média, envolvimento com a tarefa e criatividade.

Habilidade acima da média engloba a habilidade geral e a específica. A habilidade geral consiste na capacidade de utilizar o pensamento abstrato ao processar informação e de integrar experiências que resultem em respostas apropriadas e adaptáveis a novas situações. Em geral, essas habilidades são medidas em testes de aptidão e de inteligência, como raciocínio verbal e numérico, relações espaciais, memória e fluência verbal. Habilidades específicas consistem na habilidade de aplicar várias combinações das habilidades gerais a uma ou mais áreas especializadas do conhecimento ou do desempenho humano, como dança, fotografia, liderança, matemática, composição musical, etc. Envolvimento com a tarefa se refere à energia que o indivíduo investe em uma área específica de desempenho e que pode ser traduzido em termos como perseverança, paciência, autoconfiança e crença na própria habilidade de desenvolver um trabalho. Trata-se de um ingrediente muito presente naqueles indivíduos que se destacam por sua produção criativa. A criatividade tem sido apontada como um dos determinantes na personalidade dos indivíduos que se destacam em alguma área do saber humano. No entanto, como é difícil de se medir a criatividade por meio de testes fidedignos e válidos, tem sido proposta a utilização de métodos alternativos em adição aos testes, como a análise dos produtos criativos e auto-relatos dos estudantes (HOCEVAR; BACHELOR, 1989; REIS, 1981). No entanto, torna-se um desafio determinar os fatores que levariam o indivíduo a usar seus recursos intelectuais, motivacionais e criativos de forma em produtos de nível superior ou em comportamentos de superdotação. (VIRGOLIM, 2007, p. 36-37)

Mas por que na Escola Solange Dreux? Porque nesse local se fez uma história de mais de 40 anos de respeito à diversidade. Aqui se entrelaçaram encontros em que os potenciais dos alunos foram sempre respeitados e foi possível desenvolvê-los sem parâmetros pré-estabelecidos (série, idade, programação), mas sim construídos dentro das possibilidades de cada um. Caminhando nessa direção é possível hoje abraçar também esse projeto (CETAH – Chão de Fábrica) que se dirige a alunos que não se enquadram nos

planejamentos escolares engessados, que trazem em si um potencial, habilidades que transbordam o planejado e que criam outros focos e interesses.

Além das diretoras, a equipe foi composta da Professora Doutora Cristina Delou e Professor A. Esse Centro desenvolve suas atividades no horário do contraturno escolar, proporcionando aos alunos um enriquecimento de seus saberes.

A equipe pedagógica tem caráter multidisciplinar composta por profissionais de Ciências, Tecnologia Educacional, Artes/Corpo, Pedagogia e coordenada pela diretora A e pela professora doutora Cristina Delou. Esse é o núcleo pedagógico básico que de acordo com as demandas dos alunos deve ser preenchida com novos profissionais que tenham formação no assunto. Para início dos trabalhos foram realizadas algumas reuniões com os integrantes para planejamentos, funcionamento da estrutura didática/pedagógica do projeto e posterior divulgação para alunos já identificados.

Para criarmos um ambiente propício às características cognitivas e comportamentais desses alunos do Projeto, montamos um Espaço Maker, composto por uma bancada de ferramentas para construção, conserto e fabricação dos diversos objetos sugeridos pelos alunos. A proposta foi baseada nas premissas do STEAM⁴, em que a Arte vem com a função de interligar outras disciplinas (Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática), voltada para um atendimento educacional especializado que responda às demandas específicas dos nossos alunos.

O destaque para a palavra “aluno”, seguido dos termos “conhecimento”, “habilidades” e “projetos” indica a transformação nas concepções sobre o STEAM como uma proposta de ensino, baseada em projetos, que objetiva a formação integral do aluno, considerando, além da formação acadêmica, o desenvolvimento de habilidades. (LORENZIN; BIZERRA, 2016, p. 3667)

Os alunos superdotados precisam de atividades de enriquecimento escolar e aprofundamento de estudos. O objetivo dessas atividades é que o ensino seja ajustado ao nível de desenvolvimento que o aluno consiga alcançar. A proposta é que esse tipo de atividade aconteça nas salas de aula ou nas salas de recursos, onde acontece o atendimento educacional especializado (AEE).

A Resolução n.º 02/2001 colocou em seu artigo 8º que:

⁴ Áreas de conhecimento: Science, Technology, Engineering, Art, Math (Ciência, Tecnologia, Engenharia, Arte e Matemática)

(...) as escolas da rede regular de ensino devem prever e prover na organização de suas classes comuns: atividades que favoreçam, ao aluno que apresente altas habilidades/superdotação, o aprofundamento e enriquecimento de aspectos curriculares, mediante desafios suplementares nas classes comuns, em sala de recursos ou em outros espaços definidos pelos sistemas de ensino, inclusive para conclusão, em menor tempo, da série ou etapa escolar. (BRASIL, 2001)

3. A Legislação e o Atendimento Educacional Especializado (AEE)

A lei de Diretrizes e Bases (LDB) inclui os alunos com altas habilidades ou superdotação no público-alvo da educação especial em seu artigo 58. Entre as orientações para este público, imputa como dever do Estado o *atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino* (BRASIL, 1996). Infelizmente esse o termo “preferencialmente” utilizado na legislação permite interpretação para que Estados e municípios não atendam e nem identifiquem esses alunos, fazendo com que os talentos sejam desperdiçados.

Em uma medida recente, dada pela lei 13.234 de 2015, a LDB em seu artigo 9º, orienta que a União deve fazer, em colaboração com os Estados, Distrito Federal e Municípios, diretrizes e procedimentos para identificar esses alunos, como também um cadastramento e atendimento, na educação básica e educação superior, dos alunos com altas habilidades. Outra medida recente desta mesma lei é que seja criado um *cadastro nacional de alunos com altas habilidades ou superdotação matriculados na educação básica e na educação superior, a fim de fomentar a execução de políticas públicas destinadas ao desenvolvimento pleno das potencialidades desse alunado* (BRASIL, 2015).

O artigo 59 da LDB assegura ao aluno com altas habilidades ou superdotação:

- I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;
- II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular. (BRASIL, 1996)

Ainda no que tange a Lei, a aceleração curricular é a possibilidade de avanço dos alunos em relação ao seu ano de escolaridade. Esta aceleração tem que ser feita pelas escolas, de modo integrado às famílias e respeitando o desenvolvimento socioafetivo do aluno, assim como, desenvolvendo reciclagens com a equipe docente para que tenham como exercício postural o respeito à diversidade. O CETAH também cumpre a função de integração com as escolas, dos alunos que frequentam o projeto, encontrando juntos soluções para os impasses da aceleração. Cada caso é discutido com o cuidado de preservar o necessário e expandir o que for preciso, pensando no bem-estar do aluno e, muitas vezes, mantendo-o na própria turma que já frequenta.

4. O ensino de Ciências, Saúde e Biotecnologia

Neste capítulo, trataremos das atividades genéricas que são desenvolvidas. O objetivo do CETAH é propor aos alunos identificados com altas habilidades ou superdotação o ensino através de projetos coletivos e individuais baseados em STEAM. Partindo das premissas dessa filosofia de ensino, buscamos trabalhar experiências externas de campo, experimentos científicos, atividades de robótica para competição e artes aplicada, sempre atendendo as demandas cognitivas e comportamentais do nosso grupo de alunos.

O Projeto teve início em setembro de 2017, com um grupo pela manhã e outro à tarde. Em função do horário de matrícula na rede escolar, a maioria dos alunos da manhã estão frequentando a Educação Infantil e o Ensino Fundamental 1, assim como a tarde, estão no Fundamental 2. Cada grupo tem suas singularidades e os planejamentos vão sendo desenvolvidos com o olhar

individual para cada aluno, mas integrando com o grupo aquilo que experimenta e produz.

No turno da manhã, foram desenvolvidas algumas atividades: modelos de fósseis com argila e gesso; uma aula-passeio no entorno da escola para discutirmos questões ambientais; plantação com as sobras das frutas levadas no lanche e lançamento de foguete de garrafa pet, assim como outras. Um dos alunos da manhã apresentou especial interesse pela Arte e os seus desenhos foram utilizados para o desenvolvimento de um boneco em formato de marionete, que depois seria passado para o Lego, com o intuito de produzir movimentos. Outro aluno tem trabalhado na construção de um jogo de tabuleiro, em formato de quiz, com questões envolvendo séries de TV e Ciências. Todas as etapas são acompanhadas e enriquecidas com conteúdos que atendam aos interesses e inquietem outros saberes.

Atualmente no mundo globalizado e informatizado, desde muito cedo somos introduzidos na tecnologia. Uma forte demanda dos nossos alunos é o interesse pela área de games e tecnologia. Com isso, os professores vêm trabalhando a programação de games através do site code.org e na construção de seus próprios jogos feitas pelo Scratch.

O Scratch é um software que se utiliza de blocos lógicos, e itens de som e imagem, para você desenvolver suas próprias histórias interativas, jogos e animações, além de compartilhar de maneira online suas criações. O Scratch é um projeto do grupo Lifelong Kindergarten no Media Lab do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), onde foi idealizado por Mitchel Resnick.

Ele foi projetado especialmente para idades entre 8 e 16 anos, mas é usado por pessoas de todas as idades. O Scratch é usado em mais de 150 países, está disponível em mais de 40 idiomas, e é fornecido gratuitamente para os principais sistemas operacionais (Windows, Linux e Mac).⁵

A proposta é trabalhar no Scratch a criação dos seus próprios jogos, podendo os alunos criar games diferenciados, relacionando com os outros conteúdos aprendidos através de planejamentos individuais.

No ano de 2017, tivemos a oportunidade de levá-los à Casa da Descoberta, na Universidade Federal Fluminense, em uma exposição chamada “Ciência na cozinha”. A exposição contou com experimentos interativos, oficinas, painéis

⁵ <http://www.scratchbrasil.net.br/index.php/sobre-o-scratch.html> Acesso em Maio de 2018.

explicativos e visitas guiadas incluindo temas como "*Técnicas de Cozinha e Laboratório*", "*Fontes de Aquecimento*", "*Processos Bioquímicos*", "*Odores e Sabores*", entre outros⁶.

A visita foi um momento de muito conhecimento não só para nossos alunos, como para os monitores que os apresentaram a exposição, pois perceberam que os alunos eram diferenciados, devido à complexidade das perguntas feitas.

Extrapolar os muros físicos da Escola é proporcionar aos alunos do CETAH, um aprendizado em outros ambientes que despertem a curiosidade e explorem os saberes. Estarem atentos aos diferentes espaços que os rodeiam, expandindo e integrando conhecimentos.

Ainda trabalhando a gastronomia, no início deste ano, aproveitamos o aniversário de um dos alunos para preparar com eles um bolo. Nesta ocasião, além do trabalho colaborativo dos alunos de levarem um ingrediente cada, ainda pesquisaram a receita na internet e os professores trabalharam a questão das medidas, estados físicos e temperatura. Nesse sentido, o experimento é atravessado por questões de múltiplas disciplinas, proporcionando ao aluno diversos aprendizados.

No turno da tarde, os alunos fizeram o projeto do foguete de garrafa pet, discutindo questões como lançamento, força, material utilizado, trajetória do lançamento, etc. Este projeto foi levado à feira de Ciência, Tecnologia e Inovação de Niterói em 2017 e nos rendeu a premiação no quesito criatividade. Durante a realização do projeto na escola, os lançamentos foram feitos não só no pátio da escola, como na praça que fica localizada em frente. Esse movimento na praça fez com que a aprendizagem ultrapassasse os muros da escola, atingindo pessoas que passam ali diariamente, que pararam para entender o que estava acontecendo e, conseqüentemente, aprenderam também sobre aquela dinâmica do foguete. O mesmo aconteceu durante a Feira de Ciência, Tecnologia e Inovação, realizada no Campo de São Bento (Niterói-RJ), em que o lançamento do foguete foi visto e apreciado pelo público visitante.

(..) a IV Feira Municipal de Ciência e Tecnologia e Inovação de Niterói – 2017, que terá como tema "A matemática está em tudo". O evento é um

⁶ <https://www.facebook.com/casadadescobertauff/photos/a.342899485815577.68293.342287635876762/1290482677723915/?type=3&theater> Acesso em Maio de 2018.

espaço onde será exposta a produção científica e cultural elaborada no âmbito das unidades de educação básica (das redes públicas municipal, estadual e federal e das escolas particulares). Terá ainda parceria com as universidades e instituições de produção e pesquisa técnico-científica, visando possibilitar o intercâmbio entre os participantes. O evento é organizado pela Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia, Secretaria Municipal de Ações Estratégicas e Fundação Municipal de Educação.

A IV Feira Municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação de Niterói compõe o calendário da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (...). O evento tem como objetivo mobilizar a população, em especial os estudantes da cidade, em torno de temas e atividades de ciência, tecnologia e inovação, valorizando o conhecimento, a criatividade, a pesquisa, o desenvolvimento e a atitude científica e será aberto à participação e visitação da sociedade em geral.

Serão expostos trabalhos de relevância científico-social, elaborados e desenvolvidos por professores e alunos da educação básica, que poderão assumir diversos formatos e utilizar variadas tecnologias. Os trabalhos poderão ser apresentados no formato de Exposições Interativas com mostras variadas, exibindo aspectos relevantes das diversas áreas do conhecimento de forma acessível, lúdica, dinâmica e interativa, bem como apresentação cultural com danças, esquetes teatrais, apresentação musical e desfile.

Os trabalhos apresentados na Feira serão avaliados por uma Comissão para concorrerem ao IV Prêmio Jovem Pesquisador de Niterói. Estes serão classificados por categoria informada no ato da inscrição e avaliados de acordo com a metodologia, clareza, criatividade, acessibilidade e inovação. Os trabalhos selecionados pela Comissão Avaliadora receberão o IV Prêmio Jovem Pesquisador de Niterói, em solenidade cuja data será informada posteriormente. As unidades escolares premiadas receberão uma placa em reconhecimento pela participação no evento e os alunos expositores e professores orientadores receberão uma medalha pelo mérito.⁷

Vale lembrar que a participação na Feira foi uma ótima oportunidade para apresentar trabalhos desenvolvidos pelos alunos. Eles ganharam visibilidade e puderam se sentir importantes em contribuir com os seus experimentos em prol da Ciência e Inovação. Também aprenderam com outros trabalhos apresentados.

Outra atividade externa realizada com os alunos da tarde foi um passeio na orla de São Francisco que fica próxima da escola. Neste passeio, os alunos foram instigados com questões relevantes como a importância da restinga, a qualidade da água, a poluição na areia e na água, e os alunos viram tartarugas no mar. Uma das tartarugas chamou atenção por causa dos tumores que tinha por todo corpo,

⁷ http://niteroi.rj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4910:2017-10-02-17-56-46
Acesso em Maio de 2018.

sendo essa uma das consequências da poluição e do esgoto despejado naquela praia. Os alunos saíram de lá bem tristes com a situação dos tumores.

Outra questão colocada por eles foi a falta de cuidado e consciência das pessoas que entram no mar mesmo sabendo que é imprópria para o banho, podendo ter problemas de pele e até doenças, como aconteceu com a tartaruga. Nesse contexto, puderam vivenciar alguns problemas ambientais que envolvem a nossa atualidade. Na conscientização podem se mobilizar para promover um mundo melhor de se viver. O intuito é que possam construir projetos importantes para o bem-estar de todos, que possam usar suas habilidades, saberes para a promoção de uma vida mais crítica, propondo mudanças.

5. Considerações finais

O projeto que acontece desde setembro de 2017 tem nos mostrado que o desenvolvimento das habilidades desses alunos atendidos e a convivência com seus pares tem interferido diretamente no desenvolvimento emocional, afetivo e social de cada um, nas suas relações familiares e na sua relação com o aprendizado. O ensino de ciências de forma exploratória e experimental no projeto tem sido uma metodologia diferenciada e faz com que os alunos avancem no seu aprendizado. No projeto, os alunos não ficam presos ao currículo escolar, como acontece em outros espaços.

Apesar do nosso espaço parecer uma mera oficina onde crianças e adolescentes podem criar e exercitar livremente sua criatividade, o espaço tem se mostrado terapêutico. As evidências disso são percebidas na motivação com que os alunos vão para o CETAH e o depoimento, por vezes emocionado, dos seus pais. Isso acontece porque acreditamos, baseados em teorias e orientações, que criamos não somente um local de estudos científicos e de computação, mas além de tudo, um espaço de respeito às características cognitivo/comportamentais que esse grupo de alunos necessita.

Contudo, sabemos que ainda precisamos trilhar um longo caminho de investimento material, formação de novos professores, aumento do espaço físico e, principalmente, de avanço em técnicas de atendimento especializado para esse grupo através do respeito, compreensão, escuta e muita pesquisa.

Referências

BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 1996.

CERCI, Rafael; DA SILVA FERREIRA, Julio Cezar; MONTE-ALTO, Helio. Desenvolvimento de um Ambiente de Robótica Educacional para o Ensino de Programação com Hardware Livre. In: **Anais do Workshop de Informática na Escola**. 2017. p. 1149.

DELOU, Cristina M. C. Educação do Aluno com Altas Habilidades / Superdotação: Legislação e Políticas Educacionais para a Inclusão. In: FLEITH, Denise de Souza (org) **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 1: orientação a professores**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

LOREZIN, Marian P. BIZERRA, Alessandra F. Compreendendo as concepções de professores sobre o steam e as suas transformações na construção de um currículo globalizador para o ensino médio. **Revista da SBEnBio**, n. 9, 2016.

VIRGOLIM, Angela M. R. **Altas habilidade/superdotação: encorajando potenciais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 7 publicado no livro Angela Virgolim. (Org.). Altas Habilidades/Superdotação: Processos criativos, afetivos e desenvolvimento de potenciais. 1ed.Curitiba: Juruá Editora, 2018, v. 1, p. 287-305.

As Altas Habilidades ou Superdotação no Ensino Superior: Possibilidades e avanços no Brasil

Cristina Maria Carvalho Delou, Universidade Federal Fluminense (UFF)
Fernanda Serpa Cardoso, Universidade Federal Fluminense (UFF)
Weisenhowerk Vieira de Melo, Universidade Federal Fluminense (UFF)
Juliana Antunes Pessanha, Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)
Jeane Mendonça Garcia, Universidade Federal Fluminense (UFF)
Raquel Lutterbach Ferreira Giannini, Universidade Federal Fluminense (UFF)
Helena Carla Castro, Universidade Federal Fluminense (UFF)

Breve Contextualização de Marcos Históricos e Políticos

As políticas públicas inclusivas desencadeadas a partir dos anos 90 do século XX podem ser consideradas as principais impulsionadoras do atendimento educacional dos alunos com altas habilidades ou superdotação⁸ no ensino superior brasileiro. Desde a adoção das recomendações apresentadas na Declaração de Salamanca, publicada no Brasil pela UNESCO (1994), legislações federais e programas de fomento à pesquisa têm sido apresentados às instituições de ensino superior e aos “*institutos voltados ao desenvolvimento e promoção da pesquisa, das artes e dos esportes*” (BRASIL, 2009), a fim de alcançar aqueles que se destacam academicamente, apresentam altas habilidades ou superdotação e vocação científica.

{...} Provisões necessárias deveriam também ser feitas no sentido de assegurar inclusão de jovens e adultos com necessidade especiais⁹ em educação secundária e superior bem como em programa de treinamento. [...] (UNESCO, 1994, §17)

⁸ Terminologia adotada oficialmente pela Casa Civil da Presidência da República, Subchefia de Assuntos Jurídicos quando publicou o Decreto Nº 7611, de 17 de novembro de 2011, ratificada pela redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013

⁹ O conceito de necessidades especiais apresentado na Declaração de Salamanca se refere a “todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Aquelas deveriam incluir crianças deficientes e superdotadas, [...] (UNESCO, 1994, §3).

Contudo, ao contrário do que se imagina, a preocupação com a educação dos alunos com altas habilidades ou superdotação não é novidade entre os educadores brasileiros. Pesquisas realizadas por Novaes (1979) e Alencar (1986) indicaram, a princípio, os referenciais que mostraram a visão antecipada (SALES, 1982) dos pioneiros na educação e na psicologia no nosso País. Guardadas as questões culturais relacionadas às terminologias utilizadas segundo conceitos próprios, as publicações históricas revelaram como pensavam e as práticas realizadas no âmbito escolar nos anos iniciais do século XX.

Em 1924, Sylvio Rabello, então professor da Escola Normal de Recife, declarou que

os super-normas¹⁰ quase nada aproveitam nas escolas ordinárias, atravessam as várias classes sem penetrar no âmago da escola. Mal deslizam por sobre os bancos, tão fáceis lhes são os movimentos de reação para o mais completo êxito de notas e prêmios. A escola comum para essas crianças é um rolo compressor. Impossível se torna a expansão de suas aptidões sufocam ansiando por horizontes claros, estiolam-se por fim (PINTO, 1933, p. 28).

Em 1931, durante a conferência “*Seleção e educação dos super-normas*”, proferida no II Congresso Nacional de Educação, em São Paulo, o então Assistente Técnico da Universidade do Rio de Janeiro e catedrático do Liceu Nilo Peçanha, localizado em Niterói, Leoni Kaseff (1929) fez referência à Reforma do Ensino Primário, Profissional e Normal, realizada pelo presidente Manuel Duarte. A repercussão de suas ideias levou Kaseff a publicar, no mesmo ano, o livro “*A Educação dos Super-normas: como formar as elites nas democracias*”.

O autor apontava para a necessidade da identificação e atendimento desses alunos a partir dos instrumentos e meios psicológicos e pedagógicos disponíveis à época, assim como sociológicos, considerando que *super-normas* possuíam uma sociologia própria. Seu questionamento versava sobre a validade dos princípios democráticos de uma sociedade se esta sociedade não conseguia diminuir os sofrimentos de seus trabalhadores.

Crítico das sociedades ricas e burguesas, apontou a diversidade de graus de ensino entre as classes sociais como odiosa diferença que deveria desaparecer um dia, pois identificou a desigualdade das possibilidades materiais como obstáculo para se atingir o “*alvo da existência*” por meio da educação.

¹⁰ Termo adotado na década de 20, do século XX.

Em 1932, Estevão Pinto, professor da Escola Normal de Pernambuco, publicou em Recife, o livro *O Dever do Estado Relativamente à Assistência aos mais Capazes*, e em 1933, o *Problema da Educação dos Bem-Dotados*, onde identificava e analisava preconceitos com relação a esta modalidade educacional e apresentava resultados obtidos em experiências desenvolvidas em Recife. Em relação às atividades escolares dos bem dotados, ele observou que eram

“flagrantemente fictícias, em virtude da relativa facilidade com que eles solucionavam os problemas de classe. Como pouco se esforçam, é claro que não aprendem a trabalhar. Tornam-se inquietos e desatentos; há mesmo uma tendência geral à indisciplina. Não desenvolvem a atenção e o espírito de observação” (PINTO, 1931, p. 103).

Simultaneamente, a psicóloga russa Helena Antipoff havia chegado Brasil

a convite do governo do Estado de Minas Gerais, para participar da implantação da reforma de ensino conhecida como Reforma Francisco Campos-Mário Casassanta. A Reforma, uma das mais importantes iniciativas de apropriação do movimento da Escola Nova ocorrida no Brasil, previa a implantação de uma Escola de Aperfeiçoamento de Professores, dedicada à graduação de normalistas que viriam a assumir a efetiva transformação do ensino fundamental na rede de escolas primárias que foi rapidamente ampliada. (CAMPOS, 2003).

Sua elevada reputação e os resultados do trabalho realizado deram origem ao convite para a implantação do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento para o estudo e a pesquisa sistemática em ciências humanas na área da Psicologia da Educação. (CAMPOS, 2003).

A Escola de Aperfeiçoamento foi a primeira experiência, feita no Brasil, de implantação de instituição de ensino superior na área da Educação, e funcionou por duas décadas, tendo-se tornado instituição modelo na formação de educadores no país. Foi ali que o trabalho de Helena Antipoff como pesquisadora encontrou ambiente adequado para florescer. (CAMPOS, 2003).

Sua liderança influenciou políticas públicas no Brasil. Inicialmente, a Lei Nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que fixou as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, trouxe a categoria excepcionais para o cenário educacional. No Título X, *Da Educação dos Excepcionais*, coube ao Artigo 88 a previsão de que “a educação de excepcionais, deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade.” No Artigo 89, foi prevista a ação da iniciativa privada mediante apoio econômico na forma de “bolsas de

estudo, empréstimos e subvenções". (BRASIL, 1961). Os dois artigos foram revogados pela Lei Nº 9.394 de 1996, e nenhum dos dois referiu-se a possibilidade de alunos excepcionais ingressarem no ensino superior, uma vez que a compreensão vigente levou Antipoff (1984) se pronunciar:

No termo excepcional estão incluídos aqueles classificados acima ou abaixo da norma de seu grupo, visto serem portadores de características mentais, físicas ou sociais que fazem de sua educação um problema especial. (ANTIPOFF, 1984, p. 149).

Com o Artigo 9º da Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 que fixou as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e deu outras providências, foi introduzida a categoria "superdotados" na legislação brasileira. (BRASIL, 1971). Este é um período muito importante na história da educação brasileira que ainda precisa ser estudado profundamente: a Educação Especial foi institucionalizada e foi criado o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP) em 1973. Segundo Novaes, (1979, p. 38), o Projeto Prioritário n.º 35/1971 estabeleceu a educação de superdotados "área prioritária da Educação Especial". Contudo esse foi o período em que a ditadura militar criou os "Atos Institucionais" e exerceu violência sobre as mentes mais brilhantes do País. incluindo os estudantes que eram líderes entre os secundaristas e universitários, os políticos de oposição, além dos intelectuais, artistas e jornalistas mais críticos.

Alencar (2001), caracteriza a educação dos superdotados brasileiros pelo contraste entre a continuidade e a descontinuidade de iniciativas governamentais e não governamentais desde 1924, quando foram realizadas as primeiras validações de testes de inteligência americanos em Recife e no antigo Distrito Federal.

Apesar disso, foi o momento que o Brasil viu pela primeira vez a designação de funcionária pública para a organização e o funcionamento de serviços de Educação Especial para alunos superdotados. Essa designação foi uma iniciativa determinante para a construção de ações políticas e educacionais interrompidas, algumas vezes, pela estagnação típica que a perplexidade causa quando, diante de alunos objetivos que insistem em contrariar mitos e preconceitos cultivados por inúmeras gerações, não há como negar a sua inexistência. Ao longo do tempo, e já se vão 43 anos desde a criação do CENESP, o atendimento educacional especializado para alunos com altas habilidades ou

superdotação dependeu de iniciativas que compreendessem que o direito à educação em nível mais elevado, segundo a capacidade de cada um, é direito de todos.

Pautados em políticas públicas federais, tendo por base a legislação vigente, o atendimento aos alunos superdotados foi iniciado na década de 70, passada, no Distrito Federal e no Rio de Janeiro e, com muito esforço, se sustentou a partir de ações docentes perseverantes.

Em anos mais recentes houve uma mudança no conteúdo divulgado sobre a educação dos alunos denominados agora de altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 2011; 2013). Após a criação das políticas de inclusão geradas na conferência de Jomtien (UNESCO, 1990) e de Salamanca (UNESCO, 1994), um conjunto de leis, decretos, pareceres, resoluções e notas técnicas foram publicadas pelo Governo Federal com a finalidade de fundamentar legalmente as ações pedagógicas voltadas para este público alvo da Educação Especial, dando ênfase no direito à educação básica (BRASIL, 2015) e suplementar (BRASIL, 2011) nos “níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo as capacidades de cada um.” (BRASIL, 2015, Art. 4º, V).

A culminância desse complexo processo de construção da educação inclusiva por meio da Educação Especial veio com a Lei Nº 9.396, que desde 1996, apresentou no Capítulo IV, relativo ao Ensino Superior, um artigo que diz

Os alunos que tenham extraordinário aproveitamento nos estudos, demonstrado por meio de provas e outros instrumentos de avaliação específicos, aplicados por banca examinadora especial, poderão ter abreviada a duração dos seus cursos, de acordo com as normas dos sistemas de ensino. (BRASIL, 1996, Art. 47, §2º).

O ensino superior é o nível de ensino onde se realizam as pesquisas e a produção do conhecimento científico. Logo os alunos que demonstrarem, por meios acadêmicos, um aproveitamento fora do comum poderão concluir seus cursos em tempo menor que os demais. Para quê? Para ingressar mais cedo na pós-graduação onde estão as pesquisas mais avançadas e os maiores financiamentos em Ciência e Tecnologia.

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e o Apoio Científico à Superdotação

Vocação e talento científico podem ser consideradas ‘categorias clássicas’, encontradas em artigos sobre superdotação e talento relacionadas às pesquisas em formação e desenvolvimento profissional. (CAPLOW, 1954; CLARK, 1931; HOLLINGSHEAD, 1949; MILLER; FORM, 1964; GINZBERG ET AL., 1951; HOPPOCK, 1976; ROE, 1956; SUPER, 1953; HOLLAND, 1966, 1973, 1985); FOTTLER; BAIN, 1980; GARRISON, 1979; STOCKING; HANY; GOLDSTEIN, 1992; WU; HUNG, 1981, apud. WU, 2000; HARTUNG, PORFELR; VONDRACEK, 2005, apud. ZIEGLER; PERLETH, 2011). Logo, o interesse na pesquisa sobre tais categorias se justifica não só pelo fato dos alunos com altas habilidades ou superdotação serem capazes de realizar suas aprendizagens em ritmos diferenciados, passando a ter o direito de concluir seus cursos em prazos menores que os demais alunos, tendo como consequência as práticas de aceleração de estudos (BRASIL, 1996, Art. 59, II), previstas na educação básica.

Tanto vocação como talento são categorias do interesse do ensino superior, uma vez que é neste nível de ensino em que se investe econômica e cientificamente para a formação profissional. Assim se explica a atual legislação educacional brasileira que prevê a prática da inclusão “inversa” para alunos com altas habilidades ou superdotação. O Conselho Nacional de Educação e a Câmara de Educação Básica foram responsáveis pela Resolução nº 04 de 2009, prevendo que

Os alunos com altas habilidades/superdotação terão suas atividades de enriquecimento curricular desenvolvidas no âmbito de escolas públicas de ensino regular em interface com os núcleos de atividades para altas habilidades/superdotação e com as instituições de ensino superior e institutos voltados ao desenvolvimento e promoção da pesquisa, das artes e dos esportes. (BRASIL, 2009, Art. 7º).

Ou seja, um processo de inclusão escolar que para garantir o direito de “*acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo as capacidades de cada um*” (BRASIL, 1996, Art. 4º, V), precisa retirar o aluno da escola de educação básica e garantir o acesso precoce ao ensino superior desde o ensino fundamental (GROSS, M.; VAN VLIET, H., 2005).

Nas últimas décadas, alunos identificados com altas habilidades ou superdotação, ou com vocação científica têm sido contemplados com Bolsas de Iniciação Científica fomentadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pelas Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa. A indicação desse público-alvo fica a cargo do que foi fixado nas *Finalidades e Objetivos* de cada Programa.

No CNPq, desde 2006, está em vigor a RN-017 que regulamenta as Bolsas por Quota no País¹¹, para Apoio Técnico (AT); Iniciação Científica (IC); Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC); Pós-Graduação - Mestrado (GM) e Doutorado (GD); Iniciação Científica Júnior (ICJ); e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI). (BRASIL, 2016).

Segundo o Anexo II da RN-017 (CNPQ, 2006), a finalidade da Iniciação Científica é “despertar vocação científica e incentivar talentos potenciais entre estudantes de graduação universitária, mediante participação em projeto de pesquisa, orientados por pesquisador qualificado.” (CNPQ, 2006). Uma modalidade mais recente é a Iniciação Científica Júnior (ICJ), que tem como finalidade

Despertar vocação científica e incentivar talentos potenciais entre estudantes do ensino fundamental, médio e profissional da Rede Pública, mediante sua participação em atividades de pesquisa científica ou tecnológica, orientadas por pesquisador qualificado, em instituições de ensino superior ou institutos/centros de pesquisas. (CNPq, 2006, Anexo V).

Note-se que para qualificar o público-alvo em ambos os tipos de bolsas foram utilizados o termo “vocação científica” (DELOU, 2014; GUERRA, DA MOTTA, CAMPOS, CARDOSO, 2014), sendo vocação uma característica marcante, encontrada entre alunos com altas habilidades ou superdotação acadêmica (VIRGOLIM, 2007; ANTIPOFF, 2010; ROBERTSON; SMEETS; LUBINSKI,; BENBOW, 2010; SUBOTNIK,; OLSZEWSKI-KUBILIUS; WORRELL, 2011; VIRGOLIM e KONKIEWITZ, 2014), e o termo “talentos potenciais”, sendo que segundo Gagné (2012), o termo talento aparece no campo da superdotação para “definir esta população”.

¹¹ Veja http://www.cnpq.br/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/100352

Os mesmos termos podem ser encontrados na página do CNPq quando apresenta o Programa de Iniciação Científica Júnior (ICJ), contudo direcionado apenas para o público do Ensino Médio.¹² Ou seja, no Brasil, temos uma grande instituição de fomento à pesquisa científica, o CNPq, que define o público alvo para a Bolsa de Iniciação Científica JR, com termos amplamente utilizados no campo da educação dos superdotados.

A operacionalização das Bolsas de Iniciação Científica Jr. é responsabilidade das Universidades e Fundações de Amparo à Pesquisa de cada Estado e Distrito Federal. O sistema de contratação se dá por meio de Acordo de Cooperação técnica assinado entre o CNPQ e o representante máximo da instituição (Reitor e Presidente da FAP). Por não se constituir um Edital de fluxo contínuo, os Acordos de Cooperação Técnica dependem de disponibilidade no orçamento e financeira do CNPq. Os interessados devem se dirigir diretamente ao CNPq.¹³

A Iniciação Científica Jr. foi iniciada no Rio de Janeiro, a partir da iniciativa de pesquisadores e não de uma proposta elaborada em gabinetes distantes da realidade escolar. Sua origem remonta aos anos 80 passados, quando o termo vocação científica foi utilizado pela primeira vez com a finalidade de identificar alunos sensíveis à carreira científica.

O Programa de Vocação Científica (PROVOC) é a primeira proposta formal e abrangente de Iniciação Científica na Educação Básica no Brasil. Foi criado em 1986 na Escola Politécnica da Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz), com o objetivo de receber jovens estudantes nos laboratórios de pesquisa da Fiocruz, visando a incentivá-los a seguirem carreiras científicas. (AMÂNCIO; QUEIROZ; AMÂNCIO FILHO, 1999; FIOCRUZ/EPSJV, 2016)

A experiência foi considerada bem-sucedida e se estendeu a outras unidades, localizadas em Recife, Salvador e Belo Horizonte. Um estudo realizado em 1999 com alunos egressos do programa desde 1986, mostrou resultados que recomendaram o fortalecimento e a ampliação do PROVOC “para outras áreas de conhecimento, em razão da excelência dos resultados que vem obtendo na identificação e incentivo de jovens talentos para a área biomédica.” (AMÂNCIO;

¹² Veja <http://cnpq.br/ic-jr/faps>, acesso em Jan 2016.

¹³ Veja http://cnpq.br/perguntasfrequentes?p_p_id=122_INSTANCE_zPF9&p_p_lifecycle=0&p_p_state=normal&p_p_mode=view&p_p_col_id=column3&p_p_col_pos=1&p_p_col_count=3&p_r_p_564233524_categoryId=1109254

QUEIROZ; AMÂNCIO FILHO, 1999). O resultado foi a adesão de importantes instituições de pesquisa e formação científica localizadas na cidade do Rio de Janeiro: na área da Física, o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF); na Matemática e Informática, o Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa/MCT); na química, o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Leopoldo Miguez de Mello (CENPES/Petrobras) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). (FIOCRUZ/EPSJV, 2016)

A partir da divulgação de resultados animadores obtidos no cenário de um ensino público diferenciado pela altíssima concentração de mestres e doutores focados na descoberta de alunos de ensino médio com interesse na pesquisa científica, o PROVOC passou a ser um “modelo para a criação de projetos como Jovens Talentos para a Ciência da FAPERJ¹⁴, em 1999 e Jovem Cientista Amazônica da FAPEAM¹⁵, em 2006.” (FIOCRUZ/EPSJV, 2016). A difusão do PROVOC foi determinante para que, em 2003, o CNPq criasse o Programa de Iniciação Científica Jr. (ICJr.), com os mesmos objetivos e finalidades definidos na década de 80. Cada universidade pode buscar recursos para seus Programas de ICJr. no CNPq, que atende às bolsas de ensino fundamental e médio dos alunos dos Colégios de Aplicação e médio dos colégios estaduais. (FIOCRUZ/EPSJV, 2016).

A Iniciação Científica Jr se tornou política pública nacional e passados 30 anos da criação do PROVOC, podem ser encontrados 26 Programas de Iniciação Científica Jr. apoiados pelas Fundações de Amparo à Pesquisa (FAP) de 23 Estados e do Distrito Federal. O Estado de Roraima ainda não possui FAP, enquanto o Estado do Mato Grosso do Sul tem seu Programa de ICJr. alocado em uma fundação vinculada à Secretaria de Estado de Cultura, Turismo, Empreendedorismo e Inovação (SECTEI), a Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT)¹⁶. O Estado do Ceará se caracteriza por ter sua Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Educação Superior.¹⁷

¹⁴ FAPERJ= Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

¹⁵ FAPEAM= Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas

¹⁶ Levantamento feito pela Bolsista PIBID Andréa Nascimento Moreira Faria.

¹⁷ <http://www.funcap.ce.gov.br/index.php/pagina-inicial>

O Estado do Rio de Janeiro conta com a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), “criada em 1980 a partir da fusão de instituições voltadas para o desenvolvimento de recursos humanos em educação e cultura e o desenvolvimento econômico e social do estado.” (RIO DE JANEIRO, 2016). Os pesquisadores doutores, interessados na realização de projetos com alunos do ensino fundamental e médio, podem submeter seus projetos de pesquisa, diretamente, à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) com vistas a concorrer ao Programa Jovens Talentos, “que visa a pré-iniciação científica, destinado a estudantes do ensino médio/técnico da rede pública estadual de educação.” (RIO DE JANEIRO, 2016).

Criado em 1999, o programa Jovens Talentos passou a ser apoiado pelo CNPq em 2003 por meio do programa de Bolsas de Iniciação Científica Júnior e executado pelas Fundações FAPERJ e CECIERJ (Centro de Ciências do Estado do Rio de Janeiro). Em novembro de 2015, o Projeto Jovens Talentos contabilizava “1000 bolsistas, em 50 cidades do estado do Rio de Janeiro e parceria com 41 instituições de pesquisa”¹⁸, sob a coordenação do Prof. Jorge Belizário e de Vera Medeiros. (BELIZÁRIO, 2016). Este é um importante projeto que ainda não foi pesquisado com vistas a identificar a incidência de alunos com altas habilidades ou superdotação relacionada a vocação científica selecionados para o programa, sua trajetória de vida escolar/profissional, entre muitos outros.

Em 2012, por iniciativa do Diretor-Presidente do Instituto Vital Brazil (IVB)¹⁹, Dr. Antônio Joaquim Werneck de Castro, o Programa de Atendimento a Alunos com Altas Habilidades ou Superdotação (PAAAH/SD)²⁰ foi procurado pela Diretora

¹⁸ http://jtalentos.blogspot.com.br/2015_10_01_archive.html

¹⁹ “O Instituto Vital Brazil é um dos laboratórios oficiais existentes no Brasil. Atende a todo o setor público, com a produção de soros e medicamentos de uso humano. Realiza estudos e pesquisas no campo farmacêutico, biológico, econômico e social. Serviços que vão dos diagnósticos laboratoriais e epidemiológicos a programas de controle de doenças que ameacem a saúde pública do Estado do Rio de Janeiro.” (IVB)

²⁰ Criado em 1992 na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), o Programa de Atendimento a Alunos com Altas Habilidades/Superdotação (PAAAH/SD) está vinculado ao Programa de Extensão Escola de Inclusão e ao Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão do Instituto de Biologia da UFF, localizada no município de Niterói, região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. O programa articula ações de ensino, pesquisa e extensão e seus objetivos podem ser categorizadas em diagnóstico, orientação a família e a escola, atendimento educacional especializado, aceleração de estudos, formação docente e pesquisa. Alunos avaliados com altas habilidades/superdotação poderão ser convidados a participar das atividades acadêmicas de formação dos futuros professores das redes regulares de ensino. Para tanto, foi criada uma nova disciplina que é oferecida como optativa para o curso de Pedagogia e como eletiva para os demais cursos de licenciatura oferecidos pela Faculdade de Educação da UFF. Intitulada SSE 000247

do Centro de Estudos, Dra. Antônia Maria Cavalcanti de Oliveira, assessora especial do Centro de Estudo e Aperfeiçoamento e pela psicóloga Miriam Antonieta Fragoso, ambas do IVB, a fim de estabelecer uma parceria inovadora entre uma empresa de biotecnologia, a Universidade Federal Fluminense²¹ e o Colégio Estadual Guilherme Briggs. Três instituições localizadas na cidade de Niterói.

O objetivo da parceria era construir uma resposta conjunta ao Edital FAPERJ Nº 31/2012 - Programa Apoio à Melhoria do Ensino em Escolas da Rede Pública Sediadas no Estado do Rio de Janeiro. Feito o projeto, foi definido como objetivo geral

“contribuir com a melhoria do ensino de ciências numa escola pública estadual de ensino médio, por meio da formação de alto nível de alunos jovens talentos na área das ciências da saúde, potenciais candidatos a carreiras profissionais ligadas à pesquisa científica, ao desenvolvimento tecnológico e a busca permanente da inovação em educação e ciências, capazes de multiplicar as experiências de aprender ciência fazendo ciência num importante instituto de pesquisa do nosso Estado.” (DELOU et al., 2014).

O projeto foi selecionado e recebeu três (03) bolsistas Jovens Talentos FAPERJ. Os demais bolsistas foram selecionados entre os alunos identificados com altas habilidades e vocação científica (GUERRA *et alie*, 2014). No primeiro ano de realização do projeto, 2013, foi criado o Projeto Jovem Cientista do IVB para alunos com altas habilidades ou superdotação e vocação científica do ensino médio. Cada aluno recebeu bolsas de Iniciação Científica Jr. do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica de Ensino Médio (PIBIC-EM) da UFF. Como o valor dessas bolsas era menor do que o valor pago pela FAPERJ, o IVB completou o valor e todos os alunos passaram a receber bolsas iguais. Nos anos seguintes, 2014 e 2015, todos os alunos receberam Bolsas do Programa Jovens Talentos da FAPERJ.

Conforme os resultados alcançados, o projeto promoveu melhoria na escola com o reequipamento do Laboratório de Química. De acordo com o projeto aprovado, os alunos com altas habilidades ou superdotação e vocação científica

- Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação, os resultados iniciais podem ser vistos no endereço <http://superdotadosetalentos.blogspot.com/>.

²¹ A UFF é a 9ª melhor universidade do Brasil pelo Center for World University Rankings (CWUR) no QS World University Ranking 2014, divulgado em 15 de setembro de 2015, a UFF ocupa o 22º lugar entre as universidades brasileiras listadas no rol das 800 melhores do mundo. (Disponível no site <http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/as-brasileiras-que-estao-no-ranking-das-melhores-do-mundo>, acesso Jan 2016.)

selecionados tiveram acesso aos laboratórios de pesquisa do IVB e da UFF para convívio e aprendizagem com estudantes de graduação e pós-graduação, sob a orientação de pesquisadores de alto nível. Após as pesquisas laboratoriais, os alunos passaram a ser desafiados anualmente a elaborar e a apresentar oralmente seus trabalhos acadêmicos em eventos científicos, eles foram adquirindo autoconfiança e aperfeiçoaram sua capacidade crítica argumentativa frente às bancas avaliadoras de seus trabalhos. O conjunto de resultados apresentados também afetou diretamente a autoestima de cada aluno com relação a viabilidade de ingressarem no ensino superior, pois essa era uma realidade que não cogitavam e passou a fazer parte de seus sonhos.

Outra iniciativa inovadora, agora produzida pela Universidade Federal Fluminense, foi a criação do Programa de Altos Estudos, que fundamentado no Artigo 47, §2, do Capítulo IV – do Ensino Superior, publicado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996), permite a aceleração de estudos a alunos com alto desempenho acadêmico. Diz o artigo da LDB:

Os alunos que tenham extraordinário aproveitamento nos estudos, demonstrado por meio de provas e outros instrumentos de avaliação específicos, aplicados por banca examinadora especial, poderão ter abreviada a duração dos seus cursos, de acordo com as normas dos sistemas de ensino. (BRASIL, 1996, Art. 47, §2).

O objetivo do Programa de Altos Estudos

Desenvolver o potencial de estudantes com altas habilidades é a proposta do Programa de Altos Estudos, da UFF, primeira universidade a implementar a iniciativa no país. A partir de uma trajetória curricular avançada e integradora, alunos de graduação e pós-graduação “stricto sensu” podem abreviar seu tempo de conclusão no curso. (UFF, 2016).

O programa foi criado em 2012 e seu desenvolvimento está sob a responsabilidade de ações articuladas entre as Pró-Reitorias de Assuntos Estudantis (PROAES), Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação (PROPPI) e Graduação (PROGRAD), além de um Comitê Gestor. Cada curso de graduação possui um Comitê Gestor Local responsável por responder ao Edital lançado pelo programa, definindo os critérios de seleção.

Em 2016, o Programa de Altos Estudos atendeu a 17 cursos de graduação, contando 37 alunos bolsistas selecionados, que são submetidos ao Comitê Gestor

do Programa. Tanto a adesão do aluno como do curso de graduação são voluntárias, devendo este fazê-lo por meio de seu Colegiado.

“O programa contribui para a integração e acelera a formação de alto nível ao possibilitar ao aluno a experimentação do ambiente de pesquisa e pós-graduação”, afirma a coordenadora do Programa de Altos Estudos, Helena Rodrigues. (UFF, 2016)

A metodologia do Programa de Altos Estudos prevê que os alunos de alto desempenho acadêmico nos períodos iniciais do curso de graduação podem, sob supervisão de um orientador, cursar disciplinas na pós-graduação, sendo dispensados de fazê-las na graduação. Isso diminuiria o tempo de duração do curso de graduação em pelo menos um semestre, como a experiência vem mostrando.

Um levantamento feito com alunos do programa mostrou que a realização precoce de disciplinas da pós-graduação favorece o conhecimento prévio das pesquisas realizadas, ajudando no direcionamento dos objetivos de pesquisa no mestrado. O Programa de Altos Estudos permite o contato prévio com os profissionais da área e com a realizada da pós-graduação, a participação em projetos e eventos, além de estimular a realização de trabalho e artigos científicos, o que no conjunto leva ao amadurecimento pessoal com total fortalecimento do autoconceito. Na fala de uma estudante, “*conseguir entrar no programa não é para o aluno mediano, mas sim para aquele que se esforça e se dedica por completo na graduação*”.

O levantamento mostra que o perfil do aluno selecionado corresponde a pelo menos dois dos três critérios apontados na Teoria dos Três Anéis de Joseph Renzulli (RENZULLI, 1986), na identificação de comportamentos superdotados em alunos com altas habilidades ou superdotação: habilidades acima da média e envolvimento com a tarefa, ficando a criatividade a cargo da avaliação dos orientadores.

Por se tratar de um Programa voltado para alunos com alto desempenho acadêmico, será natural esperar-se que os que se identificam com um nível de desafio escolar tão elevado sejam os alunos não só com vocação científica mas, também, aqueles com altas habilidades ou superdotação.

A partir de 2013, a única forma de ingresso nos cursos de graduação da UFF é pela avaliação realizada pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o

Sistema de Seleção Unificada (SISU) para definir quem entra por curso de licenciatura ou bacharelado. Logo, o que marca essas duas metodologias é a hierarquização dos resultados, os que se saíram melhor nas provas e que conquistaram vagas na UFF.

Assim, após a conclusão do primeiro período letivo é hora de divulgar o Programa de Altos Estudos entre os alunos que mais se destacaram academicamente e para verificar quem se interessa por um desafio a mais. Inicialmente, faz-se a análise da colocação obtida no vestibular, associado ao fato de ter obtido alguma medalha em olimpíada nacional na área do seu curso de graduação. Em seguida, registra-se o coeficiente de rendimento do primeiro semestre. Busca-se conhecer como foi o desempenho nas disciplinas obrigatórias. Avalia-se a qualidade do trabalho de iniciação científica e outros critérios podem ser avaliados de acordo com cada curso. Ao ingressar no Programa, cada aluno recebe uma bolsa-auxílio, definida em R\$ 600,00 (seiscentos reais) para os cursos de graduação e de R\$ 1.600 (hum mil e seiscentos reais) para o curso de mestrado.

Em 2015, os cursos contemplados com bolsas foram: em Niterói - Administração, Artes, Ciências Biológicas, Enfermagem, Engenharia Mecânica, Física e Matemática; em Volta Redonda - Engenharia de Produção, Engenharia de Agronegócios, Engenharia Metalúrgica, Matemática, Engenharia Mecânica e Química; em Santo Antônio de Pádua - o curso de Matemática. (UFF, 2016).

Por que incentivar o ingresso de adolescentes cada vez mais novos não só no ensino superior, mas, e principalmente, na pós-graduação? Porque diferentes pesquisadores sobre escola (CAIRES, SHINOHARA, 2010), bullying (OLIVEIRA-MENEGOTTO, PASINI; LEVANDOWSKI, 2013) e os especialistas na área de conhecimento das altas habilidades ou superdotação (ALENCAR *et al*, 2015; GUENTHER, 2001; COLANGELO, ASSOULINE, GROSS, 2004; RENZULLI, 2006; NAPOLEÃO, PEREZ, 2012; DELOU, 2014; VIRGOLIM, 2014; GAGNÉ, 2015) acompanham o sofrimento e o desconforto psíquico (SILVA, 2003) que tais alunos veem passando ao longo dos anos pelos baixos níveis de ensino das escolas públicas e particulares; pela falta de desafios apresentados em tarefas escolares, avaliações sistemáticas e currículos desestimulantes (COLANGELO, ASSOULINE, GROSS, 2004); pela organização escolar pautada em idade (PIAGET, 1967) quando os pares de idade nem sempre são os pares de funções

cognitivas superiores (VYGOTSKY, 1999; 2015); porque não temos nenhum Prêmio Nobel em ciência no Brasil e a primeira medalha equivalente, a Medalha Fields, o Nobel da Matemática foi dada ao matemático Artur Avila, em 2014.

Considerações Finais

Segundo o modelo DMGT 2.0 de Gagné (2012), desde que nascem, muitas crianças apresentam desenvolvimento diferenciado em dois domínios: o mental e o físico. As habilidades naturais ou dons no domínio mental mostram nível superior de desempenho intelectual, criativa, social e perceptual. No domínio físico, constata-se desempenho superior no uso dos músculos e controle motor. O processo de desenvolvimento da criança é dinâmico e se dá pela ação de atividades, procedimentos e investimentos que se transformam sob a influência de catalisadores oriundos do meio ambiente e da própria pessoa. Assim, as habilidades naturais se transformam em competências ou talentos nos campos: ciência, tecnologia, acadêmico, técnico, artes, serviço social, administração de vendas, negócios, games, esportes e atletismo.

Desde que nascem, crianças superdotadas dão sinais comportamentais de que se diferenciam das crianças comuns. Suas demandas cognitivas vão desde cedo exigindo mudanças do meio social, preparado para as rotinas do desenvolvimento humano. Andar, falar, ler e contar antes dos pares de idade e fora da escola, regra geral, ainda causam desconforto, estranhamento, perplexidade. Enquanto isso, o crescimento, o desenvolvimento, logo a vida das crianças com altas habilidades ou superdotação não para.

Por não encontrar escolas desafiadoras e que estejam comprometidas com a aprendizagem nos níveis mais elevados do ensino, a criança vai se entediando, podendo construir fracassos e desilusões. Alguns rompem com o comum. Regra geral, são taxados de contestadores e o rendimento escolar nem sempre é exemplar. Chegarão ao ensino superior com a criatividade necessária para fazer ciência? Quais comportamentos motivados, comprometidos com objetivos sobreviverão, ao longo da vida, às frustrações vividas na escola? Enfim, o que fazer para garantir que os alunos com altas habilidades ou superdotação tenham acesso aos ambientes onde o conhecimento científico circula e é produzido?

As iniciativas apresentadas neste texto científico mostram os avanços e

possibilidades para a inclusão de alunos com altas habilidades ou superdotação no ensino superior antes ou depois do vestibular oficial. Para que isso ocorra, é necessário que os alunos sejam identificados. Identificar é avaliar e avaliação não é rótulo. Trata-se de um trabalho pedagógico para o qual todos os professores fazem disciplina obrigatória em seus cursos de licenciatura. Tal qual os médicos que fazem cursos genéricos e vão se especializar na residência ou nos cursos de especialização, os professores também recebem formação acadêmica para o exercício profissional e a especialização na pós-graduação.

Assim, não se sustenta o cânone de que os professores não recebem formação para identificar alunos com altas habilidades ou superdotação. Todo professor está apto e não abre mão de avaliar alunos e de determinar o seu futuro na progressão escolar. Se os alunos se destacam por sua capacidade de aprendizagem, o professor é o profissional responsável pela avaliação das aprendizagens dos alunos. Os alunos com altas habilidades ou superdotação fazem parte deste todo. Não podem e nem devem ser ignorados. Suas necessidades devem ser atendidas de forma adequada com o auxílio e a interação/inserção das universidades.

Referenciais Bibliográficos

ALENCAR, Eunice Soriano. **Psicologia e educação do superdotado**. São Paulo: EPU, 1986.

ALENCAR, Eunice Soriano.; FLEITH, Denise. **Superdotados: Determinantes, Educação e Ajustamento**. São Paulo: EPU, 2001.

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de; FLEITH, Denise de Souza ; BORUCHOVITCH, Evely ; BORGES, Clarissa Nogueira. Criatividade no Ensino Fundamental: Fatores Inibidores e Facilitadores segundo Gestores Educacionais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** (UnB. Impresso), v. 31, p. 105-114, 2015.

AMANCIO, Ana Maria; QUEIROZ, Ana Paula R. de; AMANCIO FILHO, Antenor. O Programa de Vocação Científica da Fundação Oswaldo Cruz (Provoc) como

estratégia educacional relevante. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 181-193, Jun 1999. Disponível no site <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 31 Jan. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701999000200010>.

ANTIPOFF, O. O bem-dotado e seu atendimento na Fazenda do Rosário. Em Z. Guenther e cols. (Orgs.), **Dez anos em prol do bem-dotado**. Belo Horizonte: MEC/ADAV, Imprensa Oficial, 1984.

ANTIPOFF, Cecília Andrade. **Uma Proposta Original na Educação de Bem-dotados: ADAV – Associação Milton Campos para Desenvolvimento e Assistência de Vocações de Bem Dotados em sua Primeira Década de Funcionamento: 1973-1983**. Dissertação de Mestrado. Minas Gerais: UFMG, 2010.

BELIZÁRIO, Jorge. Programa Jovens Talentos para a Ciência. Disponível no site http://jtalentos.blogspot.com.br/2015_10_01_archive.html. Acesso em Jan 2016.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia de Assuntos Jurídicos da Presidência da República. *Lei Nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961*. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Casa Civil, 1961. Disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4024.htm. Acesso em Dez 2015.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia de Assuntos Jurídicos da Presidência da República. *Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971*. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 1971. Brasília: Casa Civil, Disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm. Acesso em Dez 2015.

BRASIL. *Declaração Mundial sobre Educação para Todos. Conferência de Jomtien*. Brasília: UNESCO, 1990. Disponível no site http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10230.htm. Acesso em Jan 2016.

BRASIL. *Declaração de Salamanca Sobre Princípios, Política e Práticas na Área das Necessidades Educativas. Especiais*. Brasília: UNESCO, 1994. Disponível no site <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso Dez 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Casa Civil, 1996. Disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso Dez 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. *Parecer N.º 17/2001*. (2001a). Acesso Dez 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. *Resolução N.º 02/2001*. (2001b). Acesso Dez 2015.

BRASIL. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Secretaria de Educação Especial - MEC/SEESP. (2008). Acesso Dez 2015.

BRASIL *Resolução Nº. 4, de 2 de outubro de 2009*. Institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, na modalidade Educação Especial. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. (2009). Disponível no site http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso Dez 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. *Nota Técnica SEESP/GAB/Nº 11/2010*. (2010). Acesso Dez 2015.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia de Assuntos Jurídicos da Presidência da República. *Decreto Nº 7611 de 17 de novembro de 2011*. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2011. Disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm. Acesso Dez 2015.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia de Assuntos Jurídicos da Presidência da República. *Lei Nº 12.796, de 4 de abril de 2013*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília: Casa Civil, 2013. Disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm. Acesso Dez 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. *Bolsas por Quota no País. RN-017/2006*. Brasília: CNPq, 2006. Disponível no site http://www.cnpq.br/web/guest/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/100352. Acesso Jan 2016.

CAIRES, Monique Cabral; SHINOHARA, Helene. Transtornos de ansiedade na criança: um olhar nas comunidades. *Rev. Bras. Ter. Cogn.* Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 62-84, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1808-56872010000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em Fev 2016.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 209-231, Dez. 2003. Disponível no site http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01040142003000300013&lng=en&nrm=iso. Acesso em Dez 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300013>.

COLANGELO, N., ASSOULINE, S., ; GROSS, M. U. M.. *A nation deceived: How schools hold back America's brightest students*. Vols. 1-2, 2004. Iowa City: University of Iowa, The Connie Belin and Jacqueline N. Blank International Center for Gifted Education and Talent Development. Disponível no site <https://eric.ed.gov/?id=ED535138> Volume em pdf Acesso em Out 2021.

DELOU, Cristina Maria Carvalho. A Inclusão das Altas Habilidades/Superdotação no Ensino Superior: AEE para vocação e talentos científicos. V Encontro Nacional do ConBraSD; X Congresso Iberoamericano de Superdotación, Talento y Creatividad; II Congresso Internacional sobre Altas Habilidades/Superdotação. *Anais ...* 2014. (Congresso). Foz do Iguaçu: ConBraSD, 2014.

DELOU, Cristina Maria carvalho Delou, et. all. Relatório Final à FAPERJ do Projeto Jovem Cientista do Instituto Vital Brazil – Um ICT melhorando o Ensino de Ciências pela Estimulação de Novos Talentos em Escola Pública. Rio de Janeiro: 2014.

FIOCRUZ. ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO (EPSJV). *Programa de Vocação Científica*. Disponível no site <http://www.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=PROVOC>. Acesso em Jan 2016.

FREITAS, Soraia Napoleão; PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera. *Altas Habilidades/Superdotação: atendimento especializado*. 2ª. ed. Marília: ABPEE, 2012. 140p.

GAGNÉ, François. *Building gifts into talents: Brief overview of the DMGT 2.0*. Disponível no site <https://dl.dropboxusercontent.com/u/17557857/Site%20Web/Site%20>

[Web%20anglais/DMGT%20%20EN%202012%20Overview.pdf](#). Acesso em Dez 2015.

GROSS, M.; VAN VLIET, H. Radical acceleration and early entry to college: A review of the research. *Gifted Child Quarterly*. National Association for Gifted Children (NAGC). Vol. 49, No. 2. Spring 2005. Disponível no site http://www.davidsongifted.org/db/Articles_id_10349.aspx. Acesso em Jan 2016.

GUENTHER, Z. C.. *Caminhos para Desenvolver Potencial e Talento*. 1a. ed. Lavras MG: Editora UFLA, 2011. v. 1. 220p.

GUERRA, VÂNIA ELISA PERES; DA MOTTA, ELLEN SERRI; CAMPOS, MIRIAM ANTONIETA FRAGOSO DE OLIVEIRA; CARDOSO, FERNANDA SERPA. Parceria Empresa – Escola Básica - Universidade: Capacitando Profissionais da Educação para a Identificação e Apoio aos Alunos com Altas Habilidades. II Congresso Internacional sobre Altas Habilidades/Superdotação, X Congresso Iberoamericano de Superdotación Talento y Creatividad, VI Encontro Nacional do Conbrasd. *Anais/Actas*. ConBraSD: Foz do Iguaçu, 2014. Disponível no site http://conbrasd.org/wp/wp-content/uploads/2015/01/Anais_VI_Enco_20141.pdf.

Acesso em Dez 2015.

HARTUNG, P. J., PORFELR, E.J.; VONDRACEK, F. W. Child vocational development: a review and reconsideration. *Journal of Vocational Behavior*, 66. 385-419, 2005.

INSTITUTO VITAL BRAZIL (IVB). *Apresentação*. Disponível no site <http://www.vitalbrazil.rj.gov.br/apresentacao.html>. Acesso Jan 2016.

KASEFF, L. *Educação dos Super-Normaes: como formar a elites nas democracias*. Rio de Janeiro: J. R. Oliveira & Cia Ed., 1931.

NOVAES. Maria Helena. *O Desenvolvimento Psicológico do Superdotado*. São Paulo: Atlas, 1979.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de; PASINI, Audri Inês; LEVANDOWSKI, Gabriel. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. *Psicol. Teor. Prat.*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 203-215, ago. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-3687_20130002_00016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em Fev 2016.

PIAGET, J. *Seis estudos de psicologia*. Trad. Maria A.M. D'Amorim; Paulo S.L. Silva. Rio de Janeiro: Forense, 1967. 146p.

PINTO, E. *O Problema da Educação dos Bem Dotados*. São Paulo, Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1933.

RENZULLI, J. S. The three-ring conception of giftedness: a developmental model for creative productivity. In: Renzulli, J. S.; Reis, S. M. (Eds.). *The triad reader*. Connecticut: Creative Learning, 1986 p. 2-19.

RENZULLI, Joseph S. O que é esta coisa chamada superdotação e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. *Educação*, v. 27, n. 1, 2006. Disponível no site <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/papah/o-que-e-esta-coisa-chamada-superdotacao.pdf>. Acesso Fev 2016.

RIO DE JANEIRO. Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). *Jovens Talentos*. RJ: FAPERJ, 2016. Disponível no site <http://www.faperj.br/?id=20.3.6>. Acesso Jan 2016.

ROBERTSON, Kimberley Ferriman; SMEETS, Stijn; LUBINSKI, David; BENBOW, Camilla P.. *Beyond the Threshold Hypothesis: Even Among the Gifted and Top Math/Science Graduate Students, Cognitive Abilities, Vocational Interests, and Lifestyle Preferences Matter for Career Choice, Performance, and Persistence*. *Current Directions in Psychological Science*. 19(6) 346-351. 2010. Disponível no site https://my.vanderbilt.edu/smpy/files/2013/02/Ferriman_20101.pdf. Acesso Dez 2015. DOI: 10.1177/0963721410391442.

SALES, José C. Ferraz *Os Super Dotados: diagnóstico e orientação*. São Paulo: Editora Alvorada, 1982.

SILVA, Ana Beatriz B. *Mentes inquietas: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas*. São Paulo: Editora Gente, 2003

SUBOTNIK, Rena F.; OLSZEWSKI-KUBILIUS, Paula; WORRELL, Frank C. *Rethinking Giftedness and Gifted Education: A Proposed Direction Forward Based on Psychological Science*. *Psychological Science in the Public Interest*. 12(1) 3–54. 2011. Disponível no site <https://www.apa.org/ed/schools/gifted/rethinking-giftedness.pdf>. Acesso em Dez 2015. DOI: 10.1177/1529100611418056

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. *Programa de Altos Estudos. Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAES)*, 2016. Disponível no site <http://www.uff.br/?q=programa-de-altos-estudos-no-grupo-assistencia-estudantil-progra+ma-de-altos-estudosn+-grupo>. Acesso em Jan 2016.

VYGOTSKY, Lev. *Formação Social da Mente*. SP: Martins Fontes, 1999, 2015.

VIRGOLIM, Angela; KONKIEWITZ, Elisabete; (Org.). *Altas Habilidades/Superdotação, Inteligência e Criatividade: Uma Visão Multidisciplinar*. Campinas: SP, Editora Papirus, 2014.

WU, W. T.. Vocational interests and career maturity of male high school students talented in math and science. 45th Annual Convention of National Association for Gifted Children, Louisville, USA, November 11- 18, 1998. *Anais...* Proceedings of National Science Council, ROC(D), 10: 3, 126-132, 2000. Disponível no site http://www.childresearch.net/projects/special/2000_02.html. Acesso Jan 2016.

ZIEGLER Albert, PERLETH, Christoph. (Eds) Excellence. *Essays in Honour of Kurt A. Heller*. ZÜRICH: Lit Verlag, pp. 102–112, 2011.

Reflexões sobre As Altas Habilidades e as Estratégias de Ensino

Perguntas Norteadoras iniciais

- O aluno AH/SD é favorecido com o uso de estratégias diferenciadas, como por exemplo, o ensino de ciências de forma exploratória e experimental? (TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 6)

- Quais os avanços e possibilidades de inclusão de alunos com altas habilidades ou superdotação no ensino superior antes ou depois do vestibular oficial? (TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 7)

Diante dos TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 6 e 7, vemos diversas formas de trabalhar o ensino de ciências com alunos com AH/SD, que poderiam ser realizadas com outros alunos, ainda que não tenham as mesmas características desse público. Maneiras práticas e enriquecedoras, que levam os estudantes a serem protagonistas no processo de aprender, buscar conhecimento, através de experiências desenvolvidas por eles, demonstrando muitas vezes a sua vocação científica. Neste formato, cabe ao professor o papel de mediador do conhecimento.

Outra questão que nos leva a refletir é sobre a vocação científica que poderia ser incentivada desde a educação básica, envolvendo os alunos com AH/SD em pesquisas acadêmicas, com bolsas de estudos, mas diante da falta de formação para identificar esses alunos e do desconhecimento desse tipo de programa, perde-se alunos que poderiam se tornar pesquisadores cada vez mais cedo, como podemos ver na experiência mostrada em AZEVEDO et al (2019):

Os Programas de pré-iniciação científica no Brasil selecionam nas escolas estudantes que se interessam pela ciência, a fim de estimular a formação de potenciais pesquisadores no campo do saber científico, tendo como meta também a difusão dos conhecimentos científicos, desmistificando a ciência e articulando pesquisa e ensino. (p.390)

Quando esses alunos se mostram interessados e capazes, ao chegarem no ensino superior, na UFF por exemplo, têm a chance de serem avaliados e poderem cursar em menor tempo a graduação e o mestrado, como no programa de Altos Estudos.

Desta maneira, tendo sua capacidade reconhecida, o aluno sente-se cada vez mais motivado a continuar pesquisando, crescendo academicamente, e trazendo retornos importantes para a ciência.

Perguntas e referências de cada TDC da categoria PAIS

- Qual a visão dos pais sobre o impacto de espaços lúdicos de atendimento (ex: cursos de férias) sobre seu filho AH/SD ? (TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 8)

Cardoso, F. S.; Pessanha, J. A.; Pereira, E. E. de O.; Curso de verão na Universidade Federal Fluminense: compartilhando experiências com pais de alunos superdotados. 2015. X Encontro Internacional de Educadores de Dotados e Talentosos.

- Quais as razões que levam os pais de crianças AH/SD a buscar um serviço de atendimento educacional especializado privado para seus filhos? (TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 9)

Pessanha, J. A.; Gomes, M. R.; Barcellos, V. M. M. F. S.L.; Delou, C. M. C. Alunos com altas habilidades e sentimentos dos familiares: a experiência do CETAH (Niterói - RJ). 2018. XI Encontro Internacional de Educadores de Dotados e Talentosos - ASPAT/CEDET.

TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 8 apresentado no X Encontro Internacional de Educadores de Dotados e Talentosos. 2015.

CURSO DE VERÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS COM PAIS DE ALUNOS SUPERDOTADOS

Fernanda Serpa Cardoso- Universidade Federal Fluminense –
fernandalabiomol@yahoo.com.br

[Juliana Antunes Pessanha- EBS- IOC- FIOCRUZ- julypessanha84@gmail.com](mailto:julypessanha84@gmail.com)

Eduardo Erick de Oliveira Pereira- Universidade Federal Fluminense-
duduerick@hotmail.com

Financiamento: CAPES

RESUMO

Crianças com altas habilidades ou superdotação requerem um outro tipo de demanda que muitas vezes os pais não estão preparados para lidar com elas. Pensando nessa demanda, criou-se o Curso de Verão da Escola de Inclusão – UFF. Em 2015, ocorreu sua terceira edição, onde foram ofertadas oficinas para os alunos e seus responsáveis, a fim de oportunizar um espaço para relatos, trocas de experiências com os pares. Portanto esse texto científico visa analisar o impacto do curso sob a visão de seus pais, como também a importância do espaço de discussão para os responsáveis.

PALAVRAS- CHAVE: Superdotação; Família; Curso de Verão

INTRODUÇÃO

A família é o primeiro local de desenvolvimento do indivíduo. É ali que ele começa a se conectar com o mundo e suas possibilidades. No entanto, muitas vezes, essa mesma família tem em seus membros pessoas com dificuldade de entender até onde vão seus deveres e onde começam seus direitos na educação de um filho. Esse fato é reforçado quando ali se encontra alguém com uma necessidade especial (GOULART; SCHIAVON, 2014).

No caso de indivíduos com altas habilidades ou superdotação esse processo não é diferente. Seus pais são responsáveis diretos em um primeiro

momento de sua formação, mas o fato é que de acordo com que vão crescendo, suas demandas vão aumentando e nem sempre os familiares estão preparados para lidar com elas. São comuns relatos de pais de crianças e adolescentes superdotados indicando suas angústias em lidarem com a situação e a necessidade de serem amparados para atuarem de forma mais efetiva.

Pensando nessa demanda, o III Curso de Verão da Escola de Inclusão – UFF, que aconteceu em janeiro de 2015, ofereceu não só oficinas para as crianças e jovens superdotados, mas também para seus responsáveis, oportunizando diversos relatos de todos os participantes. Essa experiência evidenciou diferentes situações vividas pelos pais, tanto nas escolas, como em seu cotidiano, assim como o relato da falta de espaços de discussão entre pares.

OBJETIVO

Analisar o impacto do III Curso de Verão da Escola de Inclusão – UFF para Alunos Superdotados sob a visão de seus pais, como também a importância do espaço de discussão para os responsáveis.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho foi analisado um questionário semi-estruturado aplicado no final do evento para os responsáveis de 30 crianças e jovens participantes, que permitiu a realização de um estudo descritivo-analítico com abordagem quantitativa e qualitativa (CONDURU; PEREIRA, 2010). Além do questionário ao longo do evento, também foi realizada uma entrevista de forma conversacional informal, na qual as questões emergiam no contexto imediato e eram formuladas no curso natural dos acontecimentos, ou seja, as perguntas não foram planejadas antes e sim estruturadas de acordo com o decorrer da conversa (PATTON, 1980 apud COHEN *et al*,2001).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O III Curso de Verão da Escola de Inclusão da UFF aconteceu entre os dias 12 a 16 de janeiro de 2015 e participaram dele 30 crianças e adolescentes superdotados, com idades entre 7 e 18 anos, provenientes de escolas públicas e privadas das cidades de Niterói, São Gonçalo e Itaboraí. Todos tiveram a oportunidade de participar de 9 oficinas oferecidas em formato de rodízio, além de

um passeio a Fazenda do Instituto Vital Brazil. As oficinas oferecidas foram: (1) Robótica; (2) Química; (3) Física; (4) Música; (5) Coagulação Sanguínea; (6) Língua de Sinais; (7) Desenho; (8) Leitura; (9) Cultura de Células, que aconteceram no Espaço Multidisciplinar da UFF, tanto em salas de aula quanto em laboratórios.

Todas as atividades desenvolvidas durante o Curso de Verão foram feitas com um caráter investigativo e desafiador. Os monitores foram orientados sobre o perfil desse grupo participante, já que muitos desconheciam os alunos com altas habilidades. Essa necessidade de orientar os monitores é um reflexo de que os cursos de formação de professores de modo geral não preparam os futuros profissionais para lidarem com esse público em questão. Segundo Virgolim

[...] o tema das altas habilidades/superdotação é ainda pouco discutido em nossas universidades, o que produz uma lacuna na formação dos professores. Muitos saem de seus cursos sem terem a oportunidade de conhecer esta área tão importante do desenvolvimento da criança (...). (VIRGOLIM, 2007, p. 10)

Mesmo quando essa formação é realizada na universidade ela

[...] não capacita professores para atuarem em classes comuns de ensino na perspectiva da educação inclusiva, assim como não há oferta suficiente e adequada de cursos de especialização em nível médio e superior, para a realização do atendimento especializado nas áreas específicas da Educação Especial (...). (DELOU, 2012, p. 341)

Nesse sentido o curso de verão não serviu apenas para o enriquecimento escolar dos alunos superdotados, mas também para a formação dos futuros profissionais da educação que receberão e trabalharão com esse na escola.

Outro público que também demanda auxílio no conhecimento das necessidades das crianças e jovens superdotados é a família. É comum o relato de pais de crianças e jovens superdotados sobre o “desgaste familiar” que tais indivíduos causam pelo excesso de questionamentos que fazem. Guimarães e Alencar (2013) descrevem que descobrir que o filho é diferente pode ser uma experiência muito angustiante. Para alguns pais, o diagnóstico é uma total surpresa; para outros a confirmação de uma suspeita que não queriam aceitar.

Em relação a essa demanda, ao longo dos cinco dias do Curso de Verão foram oferecidas atividades aos responsáveis dos alunos, como palestras sobre Altas Habilidades ou Superdotação, Espaços de Discussão e Conversa com os Monitores. Estas atividades aconteciam concomitantemente às oficinas dos

alunos, assim enquanto as crianças e jovens superdotados desenvolviam suas tarefas, seus responsáveis ficavam em outro espaço sendo atendidos por psicólogos e membros de duas pós-graduações da Universidade Federal Fluminense.

Em um primeiro momento, os responsáveis foram convidados a participarem de uma atividade junto a seus filhos e ouviram o que essas crianças e jovens tinham a dizer. Esse momento de conhecimento da necessidade do próprio filho é fundamental para que os pais saibam como lidar com as demandas próprias de indivíduos superdotados.

A maioria dos pais reconhece as habilidades de suas crianças por volta de 5 anos de idade, o que intensifica os desafios do ciclo de vida familiar em que as famílias convivem com crianças pequenas. De acordo com Silverman (1993), desde o nascimento, estas crianças apresentam um conjunto não usual de comportamentos, dentre os quais responder intensamente a outros ambientes. Desafios que são mais tranquilos em famílias que não possuem crianças superdotadas, não o são para famílias de superdotados. Decisões a respeito de qual escola colocar a criança, sobre acelerar ou não o ensino fundamental são apenas alguns dentre os inúmeros desafios impostos aos pais. Tais desafios são mais intensos e podem até gerar mais conflitos entre os pais no que se refere à concordância nas decisões a respeito de suas relações parentais. Isto significa que a rede social de apoio destas famílias precisa ser fortalecida para evitar estresse e desgaste nas relações mantidas dentro do ambiente familiar. Um outro desafio enfrentado pelas famílias de superdotados é o fato de elas terem que lidar com crianças que se encontram em muitas idades de desenvolvimento, em decorrência da falta de sincronia que caracteriza o seu desenvolvimento, ou seja, crianças com habilidades intelectuais avançadas, enquanto as habilidades motoras e sociais são geralmente apropriadas para a sua idade cronológica. Por exemplo, torna-se difícil lidar com uma criança que tem argumentos verbais de uma idade mais avançada e comportamento emocional de sua faixa etária. As características de crianças superdotadas como perfeccionismo, sensibilidade e argumentação, por si só, já provocam um tipo de funcionamento que é muito diferente de outras famílias. (DESSEN, 2007, p. 25)

Depois as crianças e adolescentes foram encaminhados para as suas atividades e os pais ficaram com a coordenadora do III Curso de Verão da Escola de Inclusão – UFF, conversando sobre a programação do evento e todas as atividades que seus filhos encontrariam ao longo dos dias. Nem todos os pais participaram, a maior participação foi dos pais dos alunos de Escolas Particulares, e isso pode ser pelo fato do curso ter ocorrido ao longo da semana e alguns pais estarem trabalhando.

No segundo dia, os responsáveis tiveram um encontro com a Coordenadora do Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI-UFF)

que conversou sobre as diferentes terminologias utilizadas para os seus filhos (talentosos, dotados, superdotados, gênios, altas habilidades etc.), mostrando o significado de cada um desses termos e em qual, na realidade, seus filhos se enquadravam.

A dificuldade dos responsáveis para entender em qual terminologia seu filho se enquadrava, se confundia com a dificuldade do entendimento da terminologia no âmbito acadêmico, isso se deveu a superdotação entendida como fenômeno ser um fato recente começando no século XIX, mais precisamente com a publicação do livro *Hereditary Genius*, em 1869, do inglês Sir Francis Galton (1822-1911).

Se no âmbito acadêmico já é difícil e polêmica a questão das terminologias, isso foi intensificado para os responsáveis que ficaram em meio às palavras e definições parecidas, o que acabou reforçando ideias errôneas. Nesse sentido, a conversa foi importante para situar os responsáveis sobre o campo de estudos que é a superdotação.

No terceiro dia, os alunos foram visitar a Fazenda do Instituto Vital Brazil, uma indústria de produtos biotecnológicos, e seus responsáveis não tiveram uma atividade específica. Mesmo assim, todos levaram os filhos até a Universidade de onde saiu o ônibus e foram muito colaborativos, ajudando com água e sucos para que os meninos pudessem fazer um lanche no caminho. Segundo Pereira (2015), os responsáveis participam ativamente das atividades com seus filhos, além disso, há o sentimento de gratidão por parte deles por ser ofertada a seus filhos a oportunidade deles se sentirem felizes e envolvidos em atividades que geralmente não fazem parte de sua rotina, como também pela oportunidade de dividir esse momento de aprendizado com seus pares.

No quarto dia, os pais tiveram uma oficina intitulada *A Família e os Superdotados*, com uma psicóloga mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão. A pesquisadora conversou com o grupo sobre o olhar de cada membro da família para o indivíduo superdotado e os medos e cobranças que aparecem a partir do diagnóstico.

A partir do momento que o aluno com superdotação é identificado, cria-se um desafio para os pais, que partem em busca de atendimento e não encontram. Os pais buscam os melhores espaços educacionais para os filhos, e quando chegam com um parecer de identificação de superdotação para a equipe

pedagógica e diretores, muitos se dizem despreparados para atender este aluno, enquanto outras escolas aproveitam este aluno para oferecer bolsa, fazer boas classificações no vestibular e conseqüentemente melhorar a propaganda da escola.

A falta de opções de atendimento adequado aos filhos superdotados gera muita angústia nos responsáveis. A escola é o local que deveria estar preparado para receber e trabalhar com esse público, mas não é o que tem acontecido no Brasil. Para Prista (2007), necessitamos de um investimento grande na pessoa do educador. Uma vez preparados os educadores e especialistas das chamadas salas de recursos, os mesmos estariam aptos a apoiar os pais e ajudá-los a entender em como lidar com seus filhos superdotados. É, portanto, a escola um local muito importante de apoio para os familiares de alunos com altas habilidades e/ou superdotação, mas os relatos dos pais, em conversas informais, mostraram exatamente o oposto. É na escola onde eles defrontam com suas grandes decepções, principalmente pela falta de apoio que recebem.

No quinto e último dia, a coordenadora do evento tornou a conversar com o grupo de pais e depois aplicou um questionário semiestruturado e avaliativo.

Apesar do grupo participante do evento ser constituído de meninas e meninos, dos 13 responsáveis que responderam ao questionário apenas um era responsável por uma menina, todos os outros estavam acompanhando alunos do sexo masculino. Foi interessante observar que a maioria dos participantes foi do sexo masculino, o que pode ter ocorrido devido a questão de personalidade ou comportamento, além de uma questão cultural, em que possa haver melhores condições para os meninos serem mais notados (identificados) do que as meninas. Isso só reflete que a identificação não é eficaz e não consegue notar as meninas, refletindo assim na falta de formação de pessoas para essa tarefa, pois a identificação, mesmo que rara, é mais fácil de se realizar com meninos pelo exposto anteriormente (REIS; GOMES, 2011).

Perguntados como classificariam as atividades oferecidas pelo Curso de Verão, 80% disse que foram excelentes e 20% boas.

Alguns relatos transcritos abaixo servem para a reflexão de como os pais veem as atividades oferecidas no Curso de Verão como um ponto importante na formação de alunos com altas habilidades ou superdotação.

Responsável A: *“Meu filho ficou muito entusiasmado. Quando iniciou a última atividade, ele disse: Sabe o que é pior no Curso de Verão? A hora de ir embora.”*

Responsável B: *“As atividades foram bem pensadas e executadas, despertando o interesse do grupo.”*

De acordo com Fleith (2007)

Tendências atuais na educação do superdotado destacam a relevância de se preparar o aluno para a definição e solução de problemas, produzindo conhecimento por meio de práticas que envolvam o pensamento crítico e criativo, paralelamente ao cultivo de um conjunto de traços de personalidade como persistência, autoconfiança e independência de pensamento, indispensáveis a uma melhor expressão do potencial superior (FLEITH, 2007 apud ALENCAR; FLEITH, 2006; COLANGELO; DAVIS, 1997)

Perguntados sobre a organização das atividades, 85% disse que foi excelente e apenas 15% disse que foi boa.

Um responsável que sinalizou que era boa justificou da seguinte forma:

“A única coisa relatada pelo meu filho como negativa foi com relação ao pouco tempo para cada atividade. Ele gostou tanto que ficaria mais tempo em cada uma.”

O responsável D relatou que: *“Um ambiente de tranquilidade, harmonia e envolvimento”*.

Os responsáveis afirmaram que normalmente esse não é o tipo de ambiente relatado pelos professores que trabalham com seus filhos. Eles, de modo geral, afirmam que seus filhos não têm interesse, são indisciplinados e atrapalham o andamento das aulas. Na verdade, os alunos superdotados não têm interesse no tipo de atividade proposta pelos professores, atividades sem nenhum desafio, e ficam agitados devido à falta de estímulo. A partir do momento que esse aluno está em uma atividade de seu interesse, desafiadora e com seus semelhantes para discutir ideias e estratégias, o ambiente passa a ser conforme o descrito pelo responsável.

De acordo com Fleith,

(...) atitudes negativas com relação à escola, bem como um currículo e estratégias educacionais que não levam em consideração diferenças individuais, quanto aos interesses, estilos de aprendizagem e

habilidades, são alguns dos fatores que podem interferir negativamente no desempenho dos alunos com potencial elevado. (FLEITH, 2007, p. 9)

Em outra questão, os responsáveis foram questionados se o filho já havia tido acesso a Laboratórios Universitários, já que algumas oficinas (Química, Coagulação Sanguínea e Cultura de Células) ocorrem dentro deles. De forma concordante, 100% afirmou que não. De acordo com a Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009, do Conselho Nacional de Educação, em seu artigo 7º,

Os alunos com altas habilidades/superdotação terão suas atividades de enriquecimento curricular desenvolvidas no âmbito de escolas públicas de ensino regular em interface com os núcleos de atividades para altas habilidades/superdotação e com as instituições de ensino superior e institutos voltados ao desenvolvimento e promoção da pesquisa, das artes e dos esportes.” (BRASIL, 2009)

Este tipo de atendimento foi previsto, inicialmente, no Parecer Nº17, da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, para a instituição das Diretrizes Nacionais da Educação Especial para a Educação Básica (BRASIL, 2001), que conceituou a suplementação, como forma de “ampliar, aprofundar ou enriquecer a base nacional comum (BRASIL, 2001, p. 27-28), na modalidade de salas de recursos e na recomendação de parcerias com universidades”.

Os dispositivos legais que garantem os direitos dos alunos superdotados vêm desde a década de 70, porém, segundo Delou (2012), apesar das leis nesse período, este alunado ficou invisível para grande parte dos textos acadêmicos referentes à Educação Especial no Brasil, devido a uma predominância do olhar apenas para o que se considerava “alunos com deficiência”.

Atualmente, mesmo com todo o avanço na legislação e na parte acadêmica, as iniciativas de se criar um ambiente enriquecedor como o Curso de Verão ainda são escassas em âmbito nacional, demandando que iniciativas como essa sejam amplamente divulgadas, a fim de assegurar o direito desse alunado, de forma que a lei seja cumprida. Assim, mais uma vez reforçamos a escola como ponto central para divulgação e apoio aos eventos que atendam alunos superdotados, informando à família e auxiliando em questões burocráticas, quando necessário.

No momento em que foram questionados se percebiam alguma influência, positiva ou negativa, do Curso de Verão na formação acadêmica do seu filho, 100% ressaltou essa influência de forma positiva, como apresentado nos relatos abaixo:

Responsável E: *“A experiência com o ambiente acadêmico e o conteúdo das oficinas oferecidas são experiências que abrem os horizontes e criam curiosidade para desenvolvimento sucessivo”.*

Responsável F: *“Acho que a diversidade de atividades desponta nele a curiosidade e a cada dia que sai das aulas, sai mais interessado em aprender sobre tudo, cada dia com novas perguntas e chegando a novas conclusões de suas próprias dúvidas”.*

Responsável G: *“Positiva, principalmente pelo convívio com demais alunos e a troca de experiência entre eles dentro das atividades propostas”.*

Os relatos e desabafos dos responsáveis mostram como eles ficam insatisfeitos com o tipo de atividade que é oferecido normalmente no ambiente escolar que o filho frequenta. As respostas ao questionamento também afirmam que os pais sabem o quanto os seus filhos superdotados precisam de atividades como as oferecidas pelas oficinas, estimulando a curiosidade e a criatividade dos mesmos.

A quinta pergunta do questionário visava saber a opinião dos responsáveis sobre as atividades oferecidas para eles, pais, enquanto os filhos participavam das oficinas do Curso de Verão. Alguns relatos apontam para a importância de momentos de integração entre familiares de crianças e jovens superdotados:

Responsável H: *“Muito proveitoso. Nunca tinha tido contato com os pais de superdotados e tivemos a oportunidade de trocarmos várias experiências”.*

Responsável I: *“Muito válido e importante para troca de experiência e maior conhecimento do assunto”.*

Responsável J: *“As atividades foram de muita importância, pois tivemos a oportunidade de falar sobre as dificuldades que temos com nossos filhos e pudemos aprender mais sobre a educação de superdotados, principalmente aprender que o que acontece com a gente também acontece com os outros. Isso tranquiliza um pouco”.*

Responsável L: *“Gostei das atividades que participei. Foram momentos de estudo, reflexão e desabafo”.*

Em seu trabalho com pais de crianças superdotadas Sakaguti (2010) analisa a dificuldade dos pais em lidar com a discrepância entre o desenvolvimento sócioemocional e o alto potencial dos filhos. Por isso, é muito importante para esse grupo um espaço que permita a reflexão e a troca de

experiências. Precisamos ressaltar que a família é o primeiro espaço de afetividade e também onde inicia-se a manifestação das potencialidades das crianças superdotadas, portanto, os pais são figuras fundamentais para ajudar o indivíduo superdotado a criar características de suas personalidades (SOUSA *et al*,2005).

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil,2008) considera como um suplemento o oferecimento de atendimento à família do aluno superdotado, pois considera a importância da participação da família e da comunidade no processo de inclusão e atendimento às necessidades educacionais especiais do aluno (LEONESSA; MARQUEZINE, 2014). A ratificação da proposta encontrada no documento está no Decreto no 7.611/2011, em seu artigo segundo:

O atendimento educacional especializado deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família para garantir pleno acesso e participação dos estudantes, atender às necessidades específicas das pessoas público-alvo da educação especial, e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas. (BRASIL, 2011)

Portanto, pensar espaços que valorizem o encontro de pais e educadores de alunos superdotados é de suma importância, pois, uma vez entre pares e trocando informações, esses responsáveis sentem-se mais preparados e menos pressionados em relação a seus filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do questionário aplicado aos responsáveis de alunos superdotados durante o III Curso de Verão para Alunos Superdotados da Escola de Inclusão da Universidade Federal Fluminense, sinalizou o quanto é necessário oferecer, não só aos alunos superdotados como também aos seus pais, a oportunidade de estarem entre pares. Momentos como os vividos no Curso de Verão satisfizeram aos pais sob dois aspectos: (1) verem seus filhos envolvidos nas tarefas propostas, sentindo-se estimulados e desafiados; (2) estarem entre pares onde puderam discutir questões pertinentes a todas as famílias de indivíduos superdotados.

Portanto, é importante a reflexão de como a sociedade, principalmente o espaço escolar, está contribuindo efetivamente para a formação dos indivíduos superdotados em sua totalidade. E como os outros espaços de educação, por exemplo as Universidades, podem e devem auxiliar toda a comunidade envolvida com o desenvolvimento de crianças superdotadas.

Esperamos que os resultados aqui apresentados sirvam de estímulo para que outros grupos de pesquisa ofereçam não só aos indivíduos com altas habilidades ou superdotação, mas também aos seus familiares espaços que oportunizem o desenvolvimento e entendimento desse público em questão, facilitando sua formação integral, considerando as questões acadêmicas e as emocionais. Só a partir de propostas como essas que conseguiremos aos poucos atender cada vez mais os superdotados.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Especial:2001. Disponível em portal.mec.gov.br/CNE/arquivos/pdf/CEB017_2001.pdf . Acesso em 10 de maio de 2013.

BRASIL. Decreto N° 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-Decreto/D7611.htm#art11>. Acesso em 15 de julho de 2015.

BRASIL. RESOLUÇÃO N° 4, DE 2 DE OUTUBRO DE 2009 do Conselho Nacional de Educação. Ministério da Educação.

CONDURÚ, M.T.; PEREIRA, J.A.R. *Elaboração de Trabalhos Acadêmicos: Normas, Critérios e Procedimentos*. 4 ed. Pará: Edufpa, 2010.

DELOU, C.M.C. A formação de professores para estudantes com altas habilidades/superdotação no Brasil. In: Mendes, E.G.; Almeida, M.A. *Dimensões Pedagógicas nas Práticas de Inclusão Escolar*. Marília: ABPEE, 2012. 510 p.

DESSEN, M. A. In: Fleith, Denise de Souza (Org.) *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 3: o aluno e a família / organização: Denise de Souza Fleith*. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

FLEITH, D. S. (Org) *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 2: atividades de estimulação de alunos / organização: Denise de Souza Fleith*. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

GUIMARÃES, T. G.; ALENCAR, E. M.L.S.de. Estudo de Caso de um Aluno com Características de Superdotação e Transtorno de Asperger. In FLEITH, D. S.;

ALENCAR, Eu. M.L.S de (coord). *Superdotados: Trajetórias de Desenvolvimento e Realizações*. Curitiba: Juruá,2013.

GOULART, C; SCHIAVON, P. (2015). A família como principal agente na efetivação do exercício do direito à educação inclusiva. *Direito*, 2(21), 63-74. Disponível em <http://revistas.unibrasil.com.br/cadernosdireito/index.php/direito/article/view/829>. Acesso em 15 de julho de 2015.

LEONESSA, V. T.; MARQUEZINE, M. C. (2014). Objetivos da unidade de apoio à família dos Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação. *Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial*, 1(01). Disponível em <http://www.bjis.unesp.br/revistas/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/4033>. Acesso em 15 de julho de 2015.

PEREIRA, E. E. O. Casa Adaptada a cadeirantes; um desafio didático para o ensino a superdotados. (dissertação mestrado). Curso Mestrado profissional em Diversidade e Inclusão. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2015.

PRISTA, R. M. *Superdotados & Psicomotricidade: A Complexidade Humana em questão*. 1 ed., revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Ed.Léon Denis,2007

RENZULLI, J. S.; REIS, S. M. The Schoolwide Enrichment Model: A how-to guide for educational excellence (2nded.). Mansfield Center, CT: Creative Learning Press, 1997.

REIS, A. P. P. Z. dos; GOMES, C. A. Práticas pedagógicas reprodutoras de desigualdades: a sub-representação de meninas entre alunos superdotados. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 503-520, ago, 2011 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 jul.de 2015.

SAKAGUTI, P. M. Y. Concepções de pais sobre as altas habilidades-superdotação dos filhos inseridos em atendimento educacional especializado. Dissertação de Mestrado,2010. Disponível em <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/handle/1884/24890>. Acesso em 15 de julho de 2015.

SOUSA, A. M., DA SILVA JÚNIOR, A. R., FERREIRA, L. M.; AMORIM, R. D. S. S. A participação dos pais no processo de ensino-aprendizagem da criança portadora de altas habilidades (superdotado). Monografia de Conclusão de Curso,2010. Disponível em <http://www.repositorio.uniceub.br/handle/235/6569>. Acesso em 15 de julho de 2015.

VIRGOLIM, A.M.R. *Altas habilidades/superdotação: encorajando potenciais*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 70 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashab1.pdf>>. Acesso em: 19 de setembro de 2014.

ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES E SENTIMENTOS DOS FAMILIARES: A EXPERIÊNCIA DO CETAH (NITERÓI - RJ)

Juliana Antunes Pessanha - IOC/Fiocruz
Maurício Ribeiro Gomes - PPBI/UFF
Virginia M M F S L Barcellos - ISAT
Cristina Maria Carvalho Delou - IOC/Fiocruz; PPBI/UFF

RESUMO

O CETAH é um Centro de Talentos e Altas Habilidades inaugurado em 2017 que propõe atendimento educacional especializado para alunos com altas habilidades no contraturno da escola. Concomitante ao atendimento realizado aos alunos, é oferecido apoio aos familiares. O objetivo deste trabalho é identificar as razões que levaram os pais de estudantes com altas habilidades a buscarem um serviço de atendimento educacional especializado privado. A metodologia utilizada foi análise de conversas iniciais na chegada dos pais ao CETAH, quando o projeto é apresentado, e os pais contam um pouco de suas trajetórias familiares. Nos resultados, percebemos questionamentos sobre como agir com relação à inteligência de seus filhos e preocupação com as relações sociais. Os pais percebem total desconhecimento quando o assunto é altas habilidades demonstrado por parte dos professores. E quando os pais apresentam o parecer, são tratados com descaso. Chegou-se à conclusão que não só os alunos com altas habilidades necessitam de atendimento, mas os pais também precisam desse apoio para conhecer melhor o comportamento de seus filhos e qual a melhor forma de ajudá-los.

Palavras-chave: família; altas habilidades; atendimento.

Introdução

Durante décadas, o município de Niterói vive uma incongruência em Educação Especial: por um lado a falta de atendimento aos alunos com altas habilidades ou superdotação nas redes Estadual e Municipal; por outro lado, a formação de professores na Universidade Federal Fluminense nos cursos de graduação e de pós-graduação *lato sensu* oferecidos pela Faculdade de Educação. Com a falta de atendimento nas salas de aula regular e nas salas de recursos municipal e estadual, com a justificativa de que os alunos não eram identificados, foi criado na UFF, em 1992, o Programa de Atendimento a Alunos com Altas Habilidades/Superdotação (PAAAH/SD), um programa de extensão gratuito na forma de serviço à comunidade, que oferecia o serviço de identificação e o atendimento educacional especializado para alunos superdotados. Com a

aposentadoria da coordenadora do PAAAH/SD, um novo atendimento foi criado na cidade a fim de oferecer atendimento educacional especializado para alunos com altas habilidades ou superdotação, por haver a demanda reprimida com muita potencialidade a ser descoberta.

O início do trabalho no Centro de Enriquecimento de Talentos e Altas Habilidades (CETAH), localizado na Escola Solange Dreux,²² no bairro de São Francisco, Niterói, se deu no ano de 2017, oferecendo atendimento educacional especializado (AEE) para alunos com altas habilidades no contraturno das aulas da escola regular. O AEE ofertado é diferenciado porque dá aos estudantes Educação STEAM em ambiente próprio para estudos formais, espaço maker, atividades hands on, laboratório de informática, atividades artísticas, práticas corporais objetivando inteligência emocional e desenvolvimento da corporeidade na estrutura externa da escola e a área de restinga junto à praia. Concomitante ao atendimento realizado aos alunos é oferecido suporte aos familiares.

A parceria entre a escola e a família dos alunos com altas habilidades/superdotação tem como intuito não só propor o desenvolvimento das capacidades e potencialidades, mas também de estimular os pais a lutarem para que os direitos de atendimento e apoio sejam cumpridos. (RAGNI et al, 2014, p. 5).

Essa iniciativa consiste em reuniões semanais ao final de cada atividade com os alunos ou quando há necessidade tanto por parte dos pais, quanto dos professores, além de encontros planejados onde acontecem conversas iniciais, discussão de textos para estudos comportamentais, compartilhamento das dúvidas e inquietações, angústias, medos e preocupações a respeito de seus filhos com altas habilidades ou superdotação, pois a identificação envolve toda família.

Desta forma, o olhar diante das altas habilidades/superdotação não deve ser restrito à visão do aluno isolado de seus contextos de desenvolvimento. Deve, sim, focar todos os ambientes que influenciam no desenvolvimento do aluno, principalmente, sua família, já que as altas habilidades/superdotação são consideradas um fenômeno que atinge todo o sistema familiar. Para se prestar um adequado atendimento às necessidades especiais de um aluno superdotado, deve-se reconhecer o papel atuante da família na manifestação do seu potencial superior. (SILVERMAN, apud FLEITH, 2007, p. 31)

²² Escola que funcionou como escola especial durante 40 anos e agora se propõe a receber alunos com altas habilidades ou superdotação.

Objetivo

Identificar as razões que levaram os pais de estudantes com altas habilidades ou superdotação a buscarem um serviço de atendimento educacional especializado privado localizado na cidade de Niterói, Rio de Janeiro.

Método

A metodologia utilizada foi análise das conversas durante o primeiro contato com os pais interessados no trabalho realizado no CETAH. Ao chegarem para conhecer a proposta de trabalho, os alunos ficam com a equipe de professores realizando atividades de acolhimento, diagnóstico e integração e enriquecimento. Em paralelo, os pais ficam com a pedagoga, coordenadora das atividades, e as diretoras da unidade, sempre presentes, apresentando o projeto de forma abrangente, mostrando os recursos físicos disponíveis e as questões operacionais e pedagógicas envolvida no trabalho. É o momento em que os pais contam um pouco das trajetórias das famílias, de seus filhos e de como chegaram ao CETAH. A experiência vem demonstrando que, com o passar do tempo, os pais começam a se sentir à vontade com a equipe e passam a conversar sobre suas inquietudes a respeito dos filhos, normalmente relacionadas ao ambiente escolar que se originam e seu comportamento intelectual.

Resultados e Discussão

Ao chegarem no CETAH, todos os alunos já devem trazer alguma referência ou avaliação de que apresentam altas habilidades ou superdotação. Isto se deve ao nível diferenciado das atividades realizadas e das habilidades que se espera que os alunos já possuam. Como a matrícula no CETAH não é apenas um ato administrativo, burocrático, pelas conversas iniciais, percebemos que os pais dos alunos com altas habilidades ou superdotação chegam com diversas questões e experiências pessoais.

Observa-se uma falta de conhecimento dos pais acerca das necessidades e características de indivíduos superdotados. Isto pode gerar dúvidas e angústias em relação a como proceder no caso de algum integrante da família desenvolver algum desempenho superior. (SILVA; FLEITH, 2008, p. 343).

Além dos questionamentos sobre como agir com tamanha inteligência e curiosidade de seus filhos, os pais também demonstram bastante preocupação com as relações sociais das crianças nas escolas. Muitos relatam que os filhos sofrem bullying, oriundos não só dos colegas de turma, mas também dos professores de sala de aula. As crianças não recebem um atendimento escolar diferenciado conforme previsto em lei para os alunos com altas habilidades, como aceleração, suplementação curricular ou enriquecimento escolar em sala de aula.

Desde os primeiros alunos matriculados, notamos que os pais apresentam queixas que se repetem mesmos que suas escolas regulares estejam em municípios diferentes. Traziam questões muito próximas que se relacionavam aos comportamentos dos filhos como a negligência de professores em sala de aula, as ações hostis dentro da escola e no transporte escolar, além do permanente isolamento ou tentativas de adaptação social frustradas em um ambiente onde o aluno que se difere nas ações cognitivas, não encontra uma pedagogia voltada para sua natureza. Ou seja, a exclusão produzida dentro da escola.

Não obstante, os pais relatam a demanda crescente da tentativa de prover o enriquecimento ou suplementação pedagógica, visto que seus filhos apresentam demandas cognitivas/conceituais que vão além das possibilidades dos seus professores. Nesse momento, percebemos, da parte dos pais, uma frustração crescente quando não são capazes de suprir tais demandas, pois entendem que o momento dos seus filhos está além dos colegas de turma e essa exigência dificilmente é suprida pela escola que escolheram para as crianças.

É importante que a família esteja informada dos avanços legais que a sociedade brasileira já conquistou e dos direitos que a criança e o adolescente com altas habilidades/superdotação já adquiriu. Assim, a família poderá requerer o atendimento educacional especializado mais adequado à sua criança ou adolescente. (DELOU, 2007, p. 53).

Uma questão interessante é que muitos pais têm utilizado o Ministério Público para conseguir garantir que as escolas cumpram seu papel no que diz respeito aos direitos dos alunos com altas habilidades ou superdotação previstos em lei. Nessa perspectiva, podemos ver que a escola se transformou na principal barreira no desenvolvimento das habilidades desses alunos, como nos coloca Delou (2007):

Pela cultura de exclusão, historicamente praticada, a escola transformou-se na principal barreira encontrada pela família para o desenvolvimento das altas habilidades/superdotação dos seus filhos. Romper esta barreira e buscar parcerias devem ser os propósitos atuais das famílias empenhadas em que os direitos dos alunos e das alunas com altas habilidades/superdotação sejam cumpridos. (DELOU, 2007, p. 53).

Os pais assinalaram que ao falarem sobre as habilidades de seus filhos nas escolas, muitos professores demonstram total desconhecimento de que o público com altas habilidades ou superdotação existe, e quando os pais apresentavam um parecer de identificação de altas habilidades ou superdotação, os professores agiam com total descaso, como se fosse uma invenção dos pais.

A família sofre porque não encontra profissionais especializados, tanto nas escolas públicas como nas particulares, ou nos poderes públicos constituídos, para as providências, hoje legalizadas, de aceleração de estudos, de enriquecimento ou de aprofundamento curricular. Estas estratégias poderiam ajudar a minimizar o desinteresse e o tédio que a criança apresenta em sala de aula. (DELOU, 2007, p. 52).

O desconhecimento dos professores é um problema de formação docente. A maioria dos cursos de formação não aborda o assunto “altas habilidades ou superdotação” nas disciplinas referentes a Educação Especial e a Educação Inclusiva. Não falam sobre a necessidade de desenvolver as capacidades específicas de cada educando, muito menos das características desse público-alvo da Educação Especial que está previsto na legislação. É preciso que os profissionais da Educação tenham mais formação e grupos de estudos sobre as leis educacionais, e assim se conscientizem dos direitos que esses alunos têm. Só assim, seus planejamentos pedagógicos refletirão as demandas de seus alunos. Tal necessidade se dá porque a educação especial, na perspectiva da educação inclusiva, não havia sido realizada ainda. Logo, os professores protagonistas serão os pioneiros da área. Mas o que percebemos é que mesmo que não tenham formação dentro de seus cursos de licenciaturas, a maior parte dos professores têm preferido continuar ignorando esse público-alvo da Educação Especial ao invés de buscar conhecimento sobre ele.

Essa não é uma regra geral. O CETAH oferece oportunidades aos professores que demonstram interesse para entender melhor esse público-alvo da Educação Especial. Alguns professores solicitam, através das famílias que possuem filhos matriculadas, conversas com a equipe do CETAH, com o objetivo de entender como se desenvolvem as atividades de enriquecimento escolar e,

também, de buscar informações de como agir da melhor maneira possível com os alunos dentro da sala de aula.

Nós entendemos que é muito importante que essas crianças sejam atendidas não só no projeto, desenvolvendo capacidades, mas que sejam vistas em suas escolas e atendidas conforme previsto em lei. O atendimento não é apenas para desenvolver capacidades, mas cuidar das relações sociais, de forma que sejam vistos com respeito pelos profissionais de educação e colegas de turma. Entendemos que se as relações sociais estiverem se desenvolvendo de maneira adequada na escola para os alunos com altas habilidades ou superdotação, todos os estudantes poderão crescer em valores intelecto-morais.

Existe uma preocupação muito grande dos pais com as questões emocionais desses alunos. Muitos não possuem amigos na escola, pois, devido ao perfil questionador e o nível de interesse nos assuntos acadêmicos ser diferente, os outros alunos se afastam. Para o CETAH, o mais importante é que os alunos sejam felizes acima de qualquer coisa. Sejam felizes na escola também, porque muitas crianças passam mais tempo na escola do que em casa, com seus pais. Como passar tanto tempo na escola em sofrimento? Sentindo tédio pelo tempo de espera entre uma atividade e outra? Ou ainda, esperando um ano para que seus colegas alcancem o mesmo nível de aprendizagem que o aluno com altas habilidades já possui no início do ano e que por questões de burocracia escolar não se supera pela aceleração de estudos, um direito assegurado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

O que não imaginávamos aconteceu: crianças de outros municípios da região metropolitana do Rio de Janeiro procuraram o CETAH para matrícula em um programa de enriquecimento escolar. Alunos da cidade do Rio de Janeiro, São Gonçalo, Rio Bonito e Casimiro de Abreu vieram buscar em Niterói o que não encontravam nos seus municípios, porque as escolas particulares não oferecem atendimento educacional especializado para alunos com altas habilidades ou superdotação e porque as redes públicas, como a do Rio de Janeiro, não atendem alunos das escolas particulares. Diante da falta de atendimento especializado nesses municípios, os pais passaram a fazer um longo percurso semanalmente para que seus filhos tivessem acesso a atividades necessárias ao desenvolvimento de suas habilidades e talentos.

Outro dado importante percebido foi que alguns pais não acreditavam nas habilidades dos filhos, tendo em vista as notas baixas mesmo nas disciplinas escolares de interesse. Muitas vezes identificou-se que as baixas notas eram reflexo de um relacionamento inadequado do estudante com o professor e vice-versa. Como era área de interesse, o estudante demonstrava mais curiosidade do que o habitual, e o professor, desacostumado, acabava construindo uma barreira por ver o estudante como chato, questionador, “metido a sabe tudo”. E, desta forma, se o estudante não tivesse compreensão desse conflito, ele acabava sendo influenciado pela relação interpessoal inadequada com o professor e isso se reflita no seu rendimento escolar.

A escola não é só uma instituição social, central para a formação do ser humano, mas uma instituição especializada em práticas pedagógicas, responsável por favorecer o acesso dos alunos ao conhecimento produzido e/ou acumulado pela sociedade e um lugar no qual as famílias deixam seus filhos pensando que estão oferecendo a melhor educação escolar que está ao seu alcance. (DELOU, 2007, p. 53).

Os pais também relataram que os filhos demonstravam pouco interesse nas salas de aula regulares e, muitas vezes, a causa disso era porque já sabiam o conteúdo escolar que estava sendo ensinado. Exemplo disso era quando os alunos já sabiam ler e escrever. O resultado: os problemas de comportamento na sala de aula, pois os outros alunos ainda estavam aprendendo as habilidades que já dominavam. Quando essa situação ocorre, existem estratégias que o professor pode utilizar para manter o aluno motivado e continuar desenvolvendo a sua aprendizagem (GAMA, 2007).

Porém sabe-se também que é possível planejar, dentro de uma mesma sala de aula, adaptações curriculares que atenderão tanto as crianças mais rápidas quanto aquelas que aprendem mais lentamente. É possível oferecer uma suplementação curricular para aqueles que já sabem o conteúdo que os outros devem aprender, ou que aprendem mais rápido do que seus pares em idade, da mesma forma que é possível fazer adaptações curriculares para aqueles que não têm condições de cumprir todo o conteúdo no tempo determinado para seus pares. Contudo isto requer, sobretudo quando a escola se propõe, pela primeira vez, a ser inclusiva, bastante empenho de seus profissionais, bem como compreensão e apoio das famílias. (GAMA, 2007, p. 64).

Os tempos modernos levaram o CETAH a estabelecer um canal de comunicação extra com os pais: a formação de um grupo no Whatsapp para cada turno em atendimento, um para os pais da turma da manhã e outro para os pais da turma da tarde. Nestes grupos, além de informações sobre as atividades do

projeto, compartilhamos fotos das atividades realizadas pelos seus filhos e os pais também compartilham notícias sobre altas habilidades e atividades em museus, centros culturais, etc. Os pais também utilizam esse meio de comunicação para tirar dúvidas sobre questões diversas envolvendo seus filhos. Notou-se um estreitamento das relações entre pais e o CETAH.

Ao começarem a frequentar o CETAH, constatou-se que os alunos, independentemente da diferença de idade, se identificaram uns com os outros, demonstrando ótima convivência entre pares, pessoas com as mesmas características, ainda que apresentassem interesses em áreas diferentes. Pela primeira vez na vida escolar daqueles alunos, eles tiveram a oportunidade de trabalhar em sala de aula com pares de perfil psicológico, podendo dizer, sem constrangimento, que gostavam da escola.

É de conhecimento comum que crianças superdotadas preferem a companhia de adultos ou crianças mais velhas. A razão é óbvia: eles não precisam explicar quem são ou como sabem o que sabem. Aceitos como indivíduos brilhantes e competentes, o estigma de ser inteligente não é um estigma. (DELISLE, 2002, p. 22).

O trabalho colaborativo realizado com eles, por sua vez, mostrou a potencialidade do desenvolvimento de habilidades sociais entre si, demonstrando que eram alunos que se ajudavam mutuamente nos desafios de cada encontro, quebrando o estereótipo do egoísmo dos alunos superdotados.

As famílias pela primeira vez foram recebidas numa escola sendo valorizadas pelas informações que traziam a respeito das habilidades acima da média de seus filhos. Podendo falar sobre o assunto sem serem constrangidas pelo descrédito lançado pela escola. Pelo contrário, as famílias eram estimuladas a falar sobre os talentos de seus filhos, revelando a influência da precocidade e do autodidatismo no desenvolvimento das habilidades acima da média e da criatividade de seus filhos. As famílias passaram a demonstrar o envolvimento com as atividades propostas pelo CETAH, que envolvem não só os pais, mas os irmãos, assim como outros familiares.

Ainda no sentido da valorização do fazer científico, tecnológico ou artístico, as atividades propostas pelos professores do CETAH têm uma característica de envolver os alunos não somente nas aulas, mas também em atividades que estimulem a participação da família através de pequenas contribuições e várias discussões sobre construções e resultados dos seus deveres de casa. Essa rotina

permite que a família entenda ainda mais a dinâmica das nossas atividades e participe efetivamente da construção do conhecimento dos seus filhos.

Considerações Finais

A criação do Centro de Enriquecimento de Talentos e Altas Habilidades, localizado na Escola Solange Dreux, em São Francisco, Niterói, no ano de 2017, aconteceu para que houvesse a oferta de um atendimento educacional especializado para alunos com altas habilidades no contraturno das aulas da escola regular. Trata-se de um atendimento diferenciado que oferece aos estudantes Educação STEAM em ambiente próprio para estudos formais, espaço maker, hands on, laboratório de informática, estrutura externa da escola e a área de mangue junto à praia, atividades artísticas, práticas corporais objetivando inteligência emocional e desenvolvimento da corporeidade. Aos pais são oferecidas atividades concomitantes na forma de encontros planejados contendo conversas iniciais, discussão de textos para estudos comportamentais, compartilhamento das dúvidas e inquietações, angústias, medos e preocupações a respeito de seus filhos com altas habilidades ou superdotação, pois a identificação envolve toda família.

O objetivo desse texto científico foi “identificar as razões que levaram os pais de estudantes com altas habilidades ou superdotação a buscarem um serviço de atendimento educacional especializado privado localizado na cidade de Niterói, Rio de Janeiro. ”

O método utilizado analisou, em diálogo com os autores e pesquisadores das áreas da Educação e da Psicologia dos superdotados, as informações obtidas durante o primeiro contato com os responsáveis interessados pelo trabalho desenvolvido no CETAH para os seus filhos e, nos demais encontros, à medida em que eles iam se sentindo acolhidos e passaram a revelar suas angústias mais íntimas a respeito dos seus filhos.

As conversas frequentes com os pais dos alunos atendidos mostraram que o atendimento educacional especializado é necessário porque é direito dos alunos com altas habilidades ou superdotação ter acesso aos níveis mais elevados do ensino segundo a capacidade de cada um, como é direito de qualquer estudante brasileiro, embora eles estejam sendo obrigados a se conformar aos níveis mais

baixos de ensino, devido aos baixos resultados obtidos por seus pares de turmas nas escolas de ensino regular. Tais alunos, apresentam comportamentos exclusivos e estão tendo seu direito à educação inclusiva e equitativa de qualidade cerceado pela falta de formação de professores que possam organizar o ensino escolar de acordo com o que a legislação prevê como direitos inclusivos.

Além disso, não só os alunos com altas habilidades ou superdotação necessitam de atendimento especializado nas áreas da educação e da psicologia dos superdotados. Os pais também precisam de atendimento, de momentos de trocas com outros pais que também possuem filhos com o mesmo perfil comportamental. O contato com profissionais da educação qualificados pode propiciar oportunidades para conhecerem mais sobre seus filhos, qual é a melhor forma de ajudá-los, desfazer mitos e estereótipos culturais sobre o assunto e empoderamento para a defesa de direitos ainda tão desconhecidos.

Os relatos dos pais mostram que existe uma forte necessidade de formação docente relacionada a área das altas habilidades ou superdotação, sob pena de que o desperdício de talentos já esteja trazendo prejuízos à sociedade brasileira no âmbito social, econômico político e cultural.

Agradecimento

Agradecimento a nossa equipe de professores e administradores do CETAH, em especial a nossa revisora do texto, Giselle Oliveira.

Referências bibliográficas

ASPESI, Cristina de C. A Família do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza (Org.) A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 3: o aluno e a família. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 73 p

DELOU, Cristina M. C. O Papel da Família no Desenvolvimento de Altas Habilidades/Superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza (Org.) A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 3: o aluno e a família. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 73 p

DELISLE, James R. Parenting Gifted Kids. Prufrock Press, 2002. Disponível em <<http://crushingtallpoppies.com/2015/09/23/peers-enriching-the-social-life-of-your-gifted-child/>>. Acesso em Julho de 2018.

GAMA, Maria Clara S.S. Parceria entre Família e Escola. In: FLEITH, Denise de Souza (Org.). A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 3: o aluno e a família. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 73 p

SILVA, Paulo Vinícius Carvalho; FLEITH, Denise de Souza. A influência da família no desenvolvimento da superdotação. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) • Volume 12 Número 2 Julho/Dezembro de 2008 • 337-346. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n2/v12n2a05.pdf>> Acesso em Julho de 2018.

RANGNI, Rosemeire de Araújo. COSTA, Maria da Piedade Resende da. MARQUES, Danitiele Maria Calazans. A relação familiar para a educação de alunos com altas habilidades/superdotação. 11º Encontro de Pesquisa na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais. Disponível em <<https://anpedsudeste2014.files.wordpress.com/2015/07/danitiele-maria-calazans-marques-rosemeire-de-arac3bajo-rangni-maria-da-piedade-resende-da-costa.pdf>> Acesso em Julho de 2018.

Reflexões finais sobre as Altas Habilidades e os pais

Perguntas Norteadoras iniciais

- Qual a visão dos pais sobre o impacto de espaços lúdicos de atendimento (ex: cursos de férias) sobre seu filho AH/SD? (TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 8)
 - Quais as razões que levam os pais de crianças AH/SD a buscar um serviço de atendimento educacional especializado privado para seus filhos? (TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 9)
-

A reflexão sobre as questões familiares citadas nos textos científicos que antecedem essa discussão, mostra que existe uma carência de espaços, não só de atendimento educacional especializado para os alunos com AH/SD, mas também existe a falta de espaços e eventos para os pais desses alunos se encontrarem e conversarem sobre suas angústias, medos e aflições e demandas que encontram na convivência com um filho com essas características.

O curso de férias citado no texto científico é um local de encontro dos alunos com AH/SD, que por apresentar atividades tão desafiadoras, interessantes, além de encontrarem os seus pares, estes alunos não querem que acabe esse evento, e os pais compreendem essa alegria e a importância desses momentos, percebendo a necessidade de que acontecesse mais vezes no ano.

Além de todas essas razões citadas pelos pais no curso de férias, a falta de atendimento educacional especializado para AH/SD dentro das redes públicas e privadas de ensino é mais uma das razões que levam os pais a buscarem este atendimento em espaços privados para os seus filhos.

As conversas com os pais, as experiências relatadas nos dois textos científicos, mostram que estes citam problemas, tais como: não saber lidar com o excesso de questionamento e curiosidade por parte dos filhos, educadores despreparados para atender os alunos com AH/SD, relatos de *bullying* por parte de colegas de turma, professores e até no transporte escolar, a angústia da falta de opções para atendimento dos filhos superdotados. Quando citamos a falta de atendimento, não falamos apenas de questões acadêmicas, mas também do

atendimento emocional, tratando-se de um público que muitas vezes não tem amigos, que se isola na escola, além de não ser respeitado por professores e alunos.

Vemos na literatura um relato semelhante às experiências citadas, com a pesquisa de PEREIRA (2019), que tem como principal objetivo em seu trabalho “verificar como a gestão escolar compreende seu papel e da família para o desenvolvimento do aluno com AH/SD”.

Entre os objetivos específicos da pesquisa da autora, vê-se:

Investigar que concepções a gestão escolar possui acerca da temática das altas habilidades/superdotação;
Identificar de que forma a gestão escolar, em parceria com a família, pode somar no processo de desenvolvimento e inclusão escolar desse aluno com altas habilidades/superdotação.
(PEREIRA, 2019, p. 12)

Sendo assim, percebemos a necessidade de parceria dos pais com a escola, no sentido de permitir um desenvolvimento pleno não só das capacidades acadêmicas, mas também das habilidades sociais e emocionais.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento das reflexões teóricas sobre os alunos com AH/SD a partir da produção e categorização de textos de divulgação científica sobre o tema, conseguimos atingir os seguintes objetivos:

1-> A partir da análise dos relatos do(a): a) processo de reconstrução das relações emocionais e afetivas da clientela integrante do projeto do Centro de Enriquecimento de Talentos e Altas Habilidades (CETAH); b) da participação de Alunos com AH/SD em um curso de verão, a partir da percepção dos pais, e c) das razões para a busca de um serviço de atendimento educacional especializado privado por pais destes alunos, dentre outros, foi possível construir os TDCs que variaram de (5 a 18 páginas) e que foram apresentados em eventos realizados com as temáticas de Educação Especial e Altas Habilidades, ou publicados em livros. Cabe ressaltar que todos os textos foram submetidos aos comitês científicos, avaliados e aprovados por especialistas na respectiva área para apresentação.

2-> Na classificação dos TDCs produzidos, considerando as diferentes categorias do AH/SD incluindo o ser, o professor, o ensino e a família, observou-se a seleção na:

- ✓ Categoria Professor: três textos científicos relacionados aos relatos de experiências sobre formação docente em espaços formais e um estudo documental sobre legislação da inclusão do aluno com AH/SD no ensino regular, incluindo as características: “identificação”, “formação docente”, “qualificação”, “atendimento” e “legislação”. A formação dos profissionais das escolas não pode ser ignorada e tem que ser cuidada, preferencialmente desde a formação inicial, para que os alunos sejam identificados e atendidos em suas singularidades de aprendizagem. O professor deve exercer o papel de mediador do conhecimento que reconhece a necessidade da parceria entre os pais e a escola, permitindo o desenvolvimento pleno não só das capacidades acadêmicas, mas também das habilidades socioemocionais dos alunos AH/SD.

- ✓ Categoria Ensino: dois textos científicos foram selecionados, com características relacionadas a ensino de alunos com AH/SD incluindo

estratégias de ensino de ciências apresentadas na prática de alunos com AH/SD em atendimento especializado e AH/SD no ensino superior, incluindo as características: “enriquecimento”, “pesquisa”, “conhecimento científico”, “vocação científica”. Durante a formação, as estratégias envolvendo a abordagem do Ensino de Ciências com os alunos com AH/SD precisam ser mais interessantes, transformando alunos com AH/SD em protagonistas no processo de aprender, buscando conhecimento através de experiências vividas, o que pode evidenciar uma vocação científica.

- ✓ Categoria família: observou-se a inclusão de dois textos científicos, com características de familiares e pais em experiências de atendimento aos seus filhos com AH/SD com atividades direcionadas também aos pais. Nesta categoria, observamos as seguintes palavras-chave: pais, familiares, sentimentos, relatos e desafios.
- ✓ Categoria Ser: dois textos científicos por apresentarem características do aluno com AH/SD em situação de atendimento educacional especializado, incluindo as características “relações emocionais”, “relações intra e interpessoais”, “relações afetivas” e “reconstrução de relações”. Essa análise favoreceu uma discussão que ressaltou o quanto o processo de reconstrução das relações socioemocionais e afetivas demandam a integração dos alunos, suas famílias, os terapeutas, além dos profissionais das escolas.

3-> Na análise dos textos classificados, de forma reflexiva e integradora, a luz das diferentes categorias da AH/SD, com identificação de possíveis abordagens educacionais pudemos observar que existe uma clara e inexorável integração do ser com AH/SD e sua família, professor e ensino, sendo difícil dissociar essas instâncias na vida do respectivo aluno sem prejuízo de sua formação acadêmica e/ou emocional como indivíduo que percebe as suas competências com autoestima, segurança e motivação para o seu caminho vocacional.

A estratégia de geração de TDC conseguiu ressaltar a necessidade do atendimento educacional focado nas relações socioemocionais e afetivas do aluno

com AH/SD; da formação docente inicial e continuada em AH/SD; do desenvolvimento de estratégias de ensino, além de apoio aos pais, tanto na perspectiva do ensino-aprendizagem como, também, socioemocional.

6- REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Soriano; FLEITH, Denise. **Superdotados: Determinantes, Educação e Ajustamento**. São Paulo: EPU, 2001.

ASPESI, Cristina de Campos. A família do aluno com Altas Habilidades/Superdotação. In: Fleith, Denise de Souza (Org.) **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 3: o aluno e a família** / organização: Denise de Souza Fleith. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

AZEVEDO, Sandra et al. A pré-iniciação científica e suas contribuições sob a ótica dos estudantes do programa Jovens Talentos para a ciência Faperj -Rio de Janeiro / Brasil. **CIAIQ2019**, v. 1, p. 382-391, 2019.

BAHIENSE, Taisa Rodrigues Smarssaro; ROSSETTI, Claudia Broetto. Altas habilidades/superdotação no contexto escolar: percepções de professores e prática docente. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n. 2, p. 195-208, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia de Assuntos Jurídicos da Presidência da República. Lei Nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Casa Civil, 1961. Disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4024.htm. Acesso em Dez 2015.

BRASIL. Lei n. 5.692, de 11 ago. 1971. Estabelece as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus. Diário Oficial da União, Brasília, 12 ago. 1971.

BRASIL. MEC. CENESP. Portaria n.º 69, de 28 de agosto de 1986. Expede normas para fixação de critérios reguladores da prestação de apoio técnico e/ou financeiro à Educação Especial nos sistemas de ensino público e particular. Brasília, 1986.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Parecer CNE/CEB Nº 17. Secretaria de Educação Especial - MEC/SEESP, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei Nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP 1/ 2002. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de abril de 2002a. Seção 1, p. 31. Republicada por ter saído com incorreção do original no D.O.U. de 4 de março de 2002. Seção 1, p. 8.

BRASIL. Ministério Da Educação Secretaria de Educação Especial Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S). Documento Orientador Execução da Ação. Disponível em https://www.academia.edu/8136625/documento_orientador_naahs_29_05_06. Acesso em Agosto de 2021. Brasília, DF. 2006.

BRASIL. Decreto Presidencial n. 6.094, de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, pela União, em regime de colaboração com municípios, Distrito Federal e Estados. Diário Oficial da União, Brasília, 24 abr. 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – Resolução CNE/CEB nº 05, de 17 de dezembro de 2009 e parecer CNE/CEB nº 20, de 11 de novembro de 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 04, de 02 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília, DF, 2009

BRASIL. RESOLUÇÃO, C. N. E.; Nº, C. E. B. 04/2010 e Parecer CNE/CEB Nº. 07/2010. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Disponíveis em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article>.

BRASIL. CASA CIVIL. Decreto N.º 7.611/2011. Disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm, em 2013.

BRASIL. Lei Nº 12.796, de 4 de abril de 2013, que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Planejando a Próxima Década: Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação. Disponível em: http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf. Acesso em Abril 2020.

BRASIL. Lei Nº 13.234, de 29 de dezembro de 2015, que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a identificação, o cadastramento e o atendimento, na educação básica e na educação superior, de alunos com altas habilidades ou superdotação. Brasília, 2015.

CHAGAS, Jane Farias; FLEITH, Denise de Souza. Habilidades, características pessoais, interesses e estilos de aprendizagem de adolescentes talentosos. **Psico-USF**, v. 15, n. 1, p. 93-102, 2010.

CHAGAS-FERREIRA, Jane Farias et al. Desenvolvendo Habilidades Sociais com Jovens Talentosos: Um Programa e Múltiplas Experiências. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online]. 2019, v. 35 [Acesso em 23 Agosto 2021]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102.3772e35310>>.

CUNHA, Victor Alexandre Barreto da; RONDINI, Carina Alexandra. Queixas escolares apresentadas por estudantes com altas habilidades / superdotação: relato materno. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, 2020.

Davis, G. A. & Rimm, S. B. Education of the gifted and talented (3ª. ed.). Needham Heights, MA: Allyn and Bacon, 1994.

DELOU, Cristina Maria Carvalho. Educação do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação: Legislação e Políticas Educacionais para a Inclusão. In: FLEITH, Denise de Souza (org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 1: orientação a professores**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

DE OLIVEIRA, Ana Paula; CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho; RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim. Altas Habilidades/Superdotação: Intervenção em Habilidades Sociais com Estudantes, Pais/Responsáveis e Professoras. **Revista Brasileira de Educação Especial** [online]. 2020, v. 26, n. 1 [Acesso em 23 Agosto 2021] , pp. 125-142. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s1413-65382620000100008>>.

DIEZ, Lorenzo Pérez; FERNÁNDEZ, Carmen Jiménez. La respuesta educativa a los alumnos más capaces en los planes de atención a la diversidad. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação** [online]. 2020, v. 28, n. 108 [Acesso em 23 Agosto 2021], pp. 642-671. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002702024>>.

FELDMAN, D. H. Nature's gambit: Child prodigies and the development of human potential. New York: Teachers College Press, 1991.

FONTOURA, H. A. da. **Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa. Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa**. Niterói: Intertexto, v. 1, p. 61-82, 2011.

GOMEZ-ARIZAGA, Maria Paz et al. EXPLORACIÓN DE LAS DECISIONES ACADÉMICAS EN ESTUDIANTES CON ALTA CAPACIDAD. **Cadernos de Pesquisa** [online]. 2020, v. 50, n. 178 [Acesso 23 Agosto 2021] , pp. 1041-1060. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/198053147054>>. Epub 30 Nov 2020. ISSN 1980-5314.

GUIMARÃES, Tânia Gonzaga; OUROFINO, Vanessa Terezinha Alves Tentes de. In: FLEITH, Denise de Souza (org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação. Volume 1: orientação a professores.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

JARA, Graziela Cristina et al. A aproximação da família como estratégia de inclusão educativa no Naah/s. E-book: **Construindo diálogos na educação inclusiva: acessibilidade, diversidade e direitos humanos.** Campina Grande: Realize Editora, 2020. p. 19-33. Disponível em: <editorarealize.com.br/artigo/visualizar/73881>. Acesso em: 06/04/2021 15:31

KASEFF, L. **Educação dos super-normaes.** Rio de Janeiro: Oliveira & Cia Ed. 1931.

MARTINS, Bárbara Amaral; CHACON, Miguel Claudio Moriel; ALMEIDA, Leandro Da Silva. Estudo comparativo luso-brasileiro sobre a formação inicial de professores em altas habilidades/superdotação com enfoque nos conteúdos curriculares. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, n. 3, p. 309-326, 2018.

MARTINS, BÁRBARA AMARAL; CHACON, MIGUEL CLAUDIO MORIEL; ALMEIDA, LEANDRO DA SILVA. Altas habilidades/superdotação na formação de professores brasileiros e portugueses: um estudo comparativo entre os casos da UNESP e da UMinho. **Educação em Revista**, v. 36, 2020.

MENDONÇA, Lurian Dionizio; RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim; CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho. Alunos com altas habilidades/superdotação: como se veem e como são vistos por seus pais e professores. **Educar em Revista** [online]. 2020, v. 36 [Acesso em 23 Agosto 2021. e71530. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.71530>>.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por escrito**, v. 5, n. 2, p. 154-164, 2014.

MYNAIO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; Gomes, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ. Vozes, 1994.

MORELOCK, M. J., & FELDMAN, D. H. Prodigies, savants and Williams syndrome: Windows into talent and cognition. Em K. A. Heller, F. J. Mönks, R.J. Sternberg & R. F. Subotnik (Orgs.), *International handbook of giftedness and talent* (2nd ed., pp. 3-21). Oxford: Elsevier Science, 2000.

NAUROSKI, Everson Araujo; SAKAGUTI, Paula Mitsuyo Yamasaki. Família e escola nas dinâmicas relacionais da pessoa com Altas Habilidades/Superdotação (PAH/SD). **DiversaPrática**, v. 5, n. 2, p. 267-287, 2018.

NÓBREGA, Lorrana Nara Naves; BENITE, Cláudio Roberto Machado. A experimentação no ensino de Química na sondagem de indicadores de altas habilidades/superdotação. In: XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XII ENPEC - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Anais**. Natal, RN, 2019.

PARDO, R. & FERNÁNDEZ, S. Alumnos superdotados con dificultades de aprendizaje: combinación de características, pero una única realidad. *Sobredotação*, 3, 124- 134, 2002.

PEREIRA, Cássia de Freitas. **O olhar da gestão escolar frente o desenvolvimento dos alunos com altas habilidades/superdotação e sua família**. 2019, UFSM.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera; FREITAS, Soraia Napoleão. Encaminhamentos pedagógicos com alunos com Altas Habilidades/Superdotação na Educação Básica: o cenário brasileiro. **Educ. rev**, p. 109-124, 2011.

PESSANHA, Juliana Antunes. **Curso Online Sobre Altas Habilidades/Superdotação Para Professores Municipais**. Niterói, 2015. Dissertação (Mestrado em Diversidade e Inclusão) – Cursos de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão – CMPDI, Universidade Federal Fluminense, 2015.

PINTO, E. 1933. **O problema da educação dos bem dotados**. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo.

RECH, Andréia Jaqueline Devalle; NEGRINI, Tatiane. Formação de professores e altas habilidades/superdotação: um caminho ainda em construção. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 14, n. 2, p. 485-498, 2019.

RENZULLI, J. S. The three-ring conception of giftedness: A developmental model for creative productivity. Em J. S. Renzulli & S. M. Reis (Orgs.), *The triad reader* (pp. 2-19). Mansfield Center, CT: Creative Learning Press, 1986.

ROCHA, Jéssica; NASCIMENTO, Mia. Programa de Altos Estudos da UFF é pioneiro no país. Site: <http://www.uff.br/?q=noticias/23-07-2015/programa-de-altos-estudos-da-uff-e-pioneiro-no-pais> . UFF. 2015. Acesso em abril de 2021.

SILVA, Sheila Perla Maria de Andrade da. **Um estudo sobre o perfil de famílias com superdotados no Brasil**. Dissertação de Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde. Brasília, 2018.

SOLOW, R. Parents' conceptions of giftedness. **Gifted Child Today**. v. 24, p. 14-22, 2001.

UNESCO. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Declaração de Incheon educação 2030: rumo a uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e à educação ao longo da vida para todos**. 2015.

VIEIRA, José Roberto Teixeira. **Altas Habilidades e Superdotação: uma proposta de ensino de ondas sonoras com o uso do Simulador PHET e de Kit de Robótica Arduino.** Monografia Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018.

VIRGOLIM, Angela M. R. **Altas habilidade/superdotação: encorajando potenciais.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

WECHSLE, Solange Muglia; SUAREZ, Janete Tonete. Percepção de professores em cursos de formação sobre talentos/superdotação. **Revista de Psicologia.** Vol. 34 (1), 2016.

WINNER, E. **Crianças superdotadas: mitos e realidades.** Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Sites:

<https://www.imperial.ac.uk/study/pg/fees-and-funding/scholarships/presidents-phd-scholarships/> Acesso em Agosto de 2021

<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0016986207299471>
Acesso em Agosto de 2021

<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0261429420917858>
Acesso em Agosto de 2021

<https://dergipark.org.tr/en/download/article-file/483116> Acesso em Agosto de 2021